PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

“Sentidos e significados segundo a experiência subjetiva em torno do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff: um recorte da exclusão social na cidade de São Paulo”

Pesquisa, individual, de conclusão de curso que investigou os sentidos e significados de jovens universitários com diferentes níveis de exclusão social residentes na cidade de São Paulo, em torno do processo de *impeachmen*t da presidena da república Dilma Rousseff.

Orientador: Porf. Dr. Leandro Feitosa Andrade
Discente: Gian Tristão de Andrade.

São Paulo
2017

AGRADECIMENTOS

Aos esfarrapados do mundo
E aos que neles se
descobrem e, assim
Descobrindo-se, com eles
Sofrem, mas, sobretudo
Com eles lutam.
(Paulo Freire)

Gostaria de agradecer a Deus por todo seu cuidado e todas as vezes que ele se mostrou em minha vida, na forma de carinho, de amor, mas acima de tudo quando pude experimentar ser forte com ele e vencer meus desafios.

Agradeço imensamente aos meus amigos, que compreenderam meus momentos de ausência e mesmo longe me deram forças suficientes para continuar com a certeza que os momentos passam e as amizades continuam. Mas, meu agradecimento também vai para aquelas pessoas que se tornaram muito mais que amigas, companheiras de luta, que compartilharam comigo seus sofrimentos e ouviram os meus, mas sobretudo, lutaram comigo, meus agradecimentos à Bruna Melo, Yasmin Pereira, Fernanda Vilalba e Helena Andreoli.

Sobre nossas lutas, jamais me esquecerei da nossa trajetória na Universidade, desde o primeiro ano, acanhados, assustados, envergonhados e por vezes coagidos por nossas condições de bolsistas PROUNISTAS dessa Universidade completamente elitizada, e que, historicamente resistiu à nossa chegada nela. Até nos ver hoje, que juntos conquistamos os espaços que poucos conquistaram, e levantamos todos os dias e mostramos por martelos mais foices que a universidade também é o nosso lugar, que na pobreza também cabe o sucesso, que a nossa experiência na universidade está longe de ser uma obrigação familiar, mas sim o desenrolar de um canto de amor, o canto da revolução da educação.

Agradeço em especial a minha amiga Camila Oliveira que passou noites lendo este trabalho e se comprometendo comigo, mesmo quando para isso teve que abdicar de suas próprias tarefas, meus profundos agradecimentos e minha profunda admiração por quem você é e por tudo que fez por mim.

Agradeço ainda aos meus dois irmãos, Cristian Tristão e Bruno Andrade e ao meu Pai João Ramos de Andrade que me deram muita força, estiveram comigo, investiram em mim e acreditaram que eu iria conseguir e de fato cada abraço de esperança que me deram somou para essa minha conquista.

Agradeço a minha amiga Joyce Santos, que apesar de nossa distância sempre esteve de prontidão para me dar forças, me mostrar com o próprio exemplo de vida que é possível sim alcançar nossos sonhos.

Agradeço também ao meu orientador o Professor Dr. Leandro Feitosa Andrade pelo trabalho que realizou junto comigo, pela orientação cuidadosa, pela qualidade do seu trabalho e por acreditar em mim, me motivar todas as vezes que eu achei que tudo isso era demais para mim, meus agradecimentos.

Agradeço a Dilma Vana Rousseff que durante todo esse contexto social e político resistiu bravamente às injustiças que pesam sobre uma mulher que se alicerça em cima de uma história de tortura e luta por um povo, povo esse que no seu dia, no seu suor diário, compartilha, ainda que inconscientemente, dessa força inexplicável que surge sem precedentes e que traz consigo o que realmente nos representa: A RESISTÊNCIA. O Brasil não pode ser outra coisa, se não uma mulher. Meus agradecimentos e minha admiração.

E por falar em mulher, para finalizar, faço o último e mais importante agradecimento neste trabalho, à minha Mãe Vera Lúcia Tristão, símbolo de toda força e resistência que eu pude entrar em contato até hoje em minha vida, uma mulher de fibra, guerreira, batalhadora, inteligente e que na simplicidade do seu dia me criou, criou meus irmão e nos permitiu ser hoje quem somos.

Ainda me lembro da promessa que fiz quando sai de Minas Gerais para estudar em São Paulo e me distanciando de você mãe, e ainda vou cumprir de transformar cada centímetro dessa nossa distância na maior e mais feliz conquistas de nossas vidas, tudo isso é para você, por você e para nós. Sua história de vida é um manual pra mim. Você me ensinou a viver mãe, e a ser

forte. Obrigado por segurar minhas escolhas toda vez que eu quis desistir, obrigado por tudo. Essa música é nossa:

Um sorriso no rosto, um aperto no peito

Imposto, imperfeito, tipo encosto, estreito

Banzo, vi tanto por aí

Pranto, de canto chorando, fazendo os outros rir

Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão

Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção

Uma vida de mal me quer, não vi fé

Profundo ver o peso do mundo nas costas de uma mulher (...)

Até meu jeito é o dela

Amor cego, escutando com o coração a luz do peito dela

Descreve o efeito dela: breve, intenso, imenso

Ao ponto de agradecer até os defeito dela(...)

E ela dizia: Mas que menino danado!

(Emicida – Mãe)

Pois bem mãe, hoje, contrariando as estatísticas, mais um filho de empregada doméstica deixa sua história no ensino superior. Obrigado

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi levantar os sentidos e significados em torno do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, tomando como recorte os diferentes níveis de exclusão social estabelecidos pelo “Atlas da exclusão social no Brasil, dinâmica da exclusão social na primeira década do século XXI” (Pochmann, 2015), que é uma continuação dos estudos dos autores Campos e Pochmann (2004), que também é utilizado como base nessa pesquisa intitulado “Atlas da exclusão social no Brasil, dinâmica e Manifestação Territorial”. Ainda, de acordo com os objetivos da pesquisa, foi levantado o processo histórico da exclusão social, juntamente com uma revisão sistemática dos requisitos jurídicos para a instalação de processo de *impeachment* e a contextualização propriamente dita, desde as eleições presidenciais de 2014 até o devido processo de impedimento de Dilma Rousseff. Para que então se possa compreender toda a complexidade desse momento histórico vivido pelos brasileiros e de que forma se tem significado essa experiência. Partindo dos pressupostos conceituais e metodológicos da psicologia sócio-histórica, foi trazida para o entendimento da subjetividade a historicidade e determinações sociais que estão presentes na constituição da Humanidade, tornando sensíveis essas dimensões no entendimento dos sentidos e significados atribuídos ao processo de *impeachmen*t da presidenta da República. Foram realizadas duas conversações com jovens universitários que moram em lugares distintos de São Paulo com níveis diferentes de exclusão social e a análise foi feita pelos Núcleos de Significação (Aguiar e Ozella 2006). Os resultados foram apresentados e analisados de forma que é possível afirmar que o processo de exclusão social foi determinante na experiência subjetiva dos colaboradores e que - de acordo com suas realidades materiais distintas - as significações em torno do processo de Dilma também se distinguiram.

Palavras Chave: Psicologia Sócio-Histórica, Impeachment de Dilma Rousseff, Exclusão social, Sentidos e Significados.

Abstract

The objective of the present research was to raise the sense and meaning around Dilma Rousseff's impeachment process, taking as a cut the different levels of social exclusion established by the “Atlas of Social Exclusion in Brazil, the dynamics of social exclusion in the first decade of the 21st” century "(2015), which is a continuation of studies by Campos and Pochmann (2004), which is also used as a basis for this research entitled "Atlas of Social Exclusion in Brazil, Dynamics and Territorial Manifestation." Also, according to the research objectives, the historical process of social exclusion was raised, together with a systematic review of the legal requirements for the impeachment process and the actual contextualization, from the 2014 presidential elections to due process Of impediment of Dilma Rousseff. So that we can understand all the complexity of this historical moment lived by the Brazilians and how this experience has been meaning. Starting from the conceptual and methodological assumptions of socio-historical psychology, the historicity and social determinations that are present in the constitution of Humanity were brought to the understanding of subjectivity, making these dimensions sensible in the understanding of the senses and meanings attributed to the impeachment process of the president of Republic. Two conversations were made with university students living in different places of São Paulo with different levels of social exclusion and the analysis was done by the Meaning Core (Aguiar and Ozella 2006). The results were presented and analyzed in such a way that it is possible to affirm that the process of social exclusion was determinant in the subjective experience of the collaborators and that - according to their different material realities - the meanings around the Dilma process were also distinguished.

Keywords: Socio-Historical Psychology, DilmaRousseff Impeachment, Social Exclusion, Senses and Meanings.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO. 8

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA. 14

2.1. Psicologia sócio-Histórica e o compromisso com os fenômenos sociais. 14

2.2. Os sentidos e significados, a experiência subjetiva da realidade. 17

2.3. O processo histórico de exclusão social brasileiro e suas manifestações territoriais. 20

2.4. O Impeachment 26

2.5. As eleições de 2014 31

2.6. O impeachment de Dilma Rousseff 39

3. METODOLOGIA. 41

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS 46

4.1. Zona Vermelha. 46

4.1.1. Núcleo 1. O Impeachment. 46

4.1.2. Núcleo2: O acesso ao ensino superior: Antes e depois 51

4.2. Zona verde. 67

4.2.1. Núcleo 1. O impeachment. 67

4.2.2. Núcleo 2: A descoberta de um herói. 73

5. CONCLUSÃO 86

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 89

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, ... 93

8. ANEXOS. 98

ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e informado. 98

ANEXO2. Ficha do Participante. 98

ANEXO3. Apresentação dos núcleos de significação. 101

ANEXO4. Conversação na íntegra: 108

9. APÊNDICE. 140

APENDICE 1. Perguntas Norteadores 140

1. INTRODUÇÃO.

O *impeachment* de Dilma Rousseff entrou para a história do Brasil, e tudo que aconteceu antes, durante e depois impactou de forma significativa os brasileiros, em uma sociedade que carrega seu processo de exclusão social como uma marca fundamental de sua história, e que hoje tenta sobreviver a uma democracia que dia e noite precisa se afirmar nas políticas, na luta de classes e em uma sociedade que sofre com as crises do capitalismo tocadas por uma elite financeira do país que ainda não se deu por satisfeita de que o Brasil é hoje o país da participação popular.

O objetivo da presente pesquisa foi levantar, por meio da metodologia e pressupostos da psicologia sócio-historica, bem como sua visão de homem e mundo, as significações em torno do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, com o recorte de sujeitos que, a partir do processo histórico de exclusão social do Brasil e da Cidade de São Paulo, subjetivam sua realidade e à constroem de acordo com o meio que os circundam. Para que pudesse ser feita uma análise dos sentidos e significados, os quais expressam elementos de subjetividade, tanto social quanto dos sujeitos e seus níveis de exclusão social, em torno do impedimento da presidenta, que apresentou profundos impactos na sociedade brasileira.

Foi importante para os objetivos dessa pesquisa explicitar os momentos nos quais a psicologia sócio-histórica surge no Brasil, e, portanto, a importância dessa psicologia como um reporte de uma teoria que surge em momentos políticos e históricos que marcaram o país, trazendo na sua concepção os marcos políticos e as lutas de classes que o Brasil e a América Latina viveram, incorporando estes em sua visão de homem, mundo e subjetividade. O nascimento da Psicologia Sócio Histórica significou a inclusão da noção social, política e econômica como variáveis importantes e necessárias para a compreensão do fenômeno de objeto da psicologia.

Nos anos de 1980, o Brasil ainda lutava pela democracia já que há anos estava vivendo sob o regime ditatorial militar (1964 – 1985). Essas lutas tinham como objetivo estabelecer nas terras brasileiras um estado democrático de direito. Essas lutas ocorriam nos espaços sociais e nas universidades. Com

isso, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também palco de lutas pela democracia, a professora Silva Lane, aliada a alunos e professores, lutava pela democracia e ainda, na faculdade de psicologia, buscava por visões teóricas que pudessem representar novas perspectivas para a ciência psicológica, que contemplassem as lutas travadas no Brasil e também na América Latina.

A psicologia sócio-histórica, traz como um pressuposto basilar de sua teoria que a mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência. (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2002. P. 87).

Neste sentido, essa premissa e princípio da psicologia sócio-histórica é fundamental para essa pesquisa, em que se faz necessário entender o homem como agente transformador do seu mundo a partir do seu trabalho e que esse mundo também age sobre esse homem. Portanto, a consciência e os fenômenos superiores da psique estão intimamente relacionados e sendo influenciados pelo mundo material. Assim, não é pela e com a consciência que se determina a realidade, mas a realidade tal como ela está posta e sendo transformada a todo momento, o que determina a consciência do homem.

Assumindo esses pressupostos e essa visão de homem que se constitui a partir de sua realidade e que sua consciência está em constante transformação, é inegável que o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e toda a questão econômica, social e política que enreda esse processo, têm impacto direto na consciência e subjetividade dos brasileiros que significam e dão sentido a partir de sua vivência real e material.

Então, como forma metodológica de acesso ao mundo subjetivo construído em uma relação dialética com o mundo objetivo, as categorias sentido e significado são importantes para a psicologia sócio-histórica que tem se utilizado dessas categorias como forma de acesso aos elementos da subjetividade dos homens, superando, portanto, a dicotomia entre objetividade-subjetividade, mundo interno-mundo externo e individual-social, muito presente nas teorias psicológicas. Trata-se então, de uma teoria, juntamente com uma metodologia, que viabiliza o acesso à dimensão subjetiva da realidade.

O processo humano, os significados sociais, mediadores do processo de comunicação e também do processo de humanização, são transformados em sentidos, em um processo subjetivo, que tem como elemento essencial a realidade objetiva, sendo a realidade social construída por homens que se constituem historicamente em sua atividade no mundo social, um processo constante de construção da constituição da dialética contraditória que carregam essas categorias. Portanto, os sentidos são uma “síntese psicológica” subjetiva da realidade.

Ao assumirmos esses pressupostos teóricos metodológicos, para o objetivo da presente pesquisa, foi necessário trazer então dados da realidade circundante e histórica brasileira acerca de um processo que, sem dúvida, constrói a subjetividade e consciência da população, a exclusão social. Esse processo, que é datado desde o projeto colonial e as invasões portuguesas em terras brasileiras traz enormes consequências para a sociedade, no que diz respeito a política, bens, economia e todo o contexto em que se inserem esses sujeitos que, a partir dessa realidade, alicerçam sua identidade, subjetividade e consciência.

Foram utilizados como base teórica para a definição de exclusão social os estudos realizados por Alexandre Guerra, Marcio Pochmann e Ronnie Silva chamado “Atlas da Exclusão social no Brasil, Dinâmica da Exclsão Social na Primeira década do século XXI” (Pochmann 2015) que é a continuação dos estudos de André Campos, Marcio Pochmann, Ricardo Amorin e Ronnie Silva, intitulado “Atlas da exclusão Social no Brasil: Dinâmicas e manifestações territoriais” publicado em 2004.

Ainda, tomando os conceitos da psicologia sócio-histórica, é possível que se investigue os significados em trono do processo de impeachment de Dilma Rousseff, com um recorte da população que constrói sua realidade objetiva e subjetiva a partir de um processo da exclusão social histórico estabelecida no país, e também refletida nas grandes metrópoles, principalmente São Paulo, cidade alvo desta pesquisa.

Foi importante desenvolver os conceitos e requisitos jurídicos do processo de *impeachment* a partir da revisão bibliográfica das funções do estado, em que o instituto *impeachment* nasce na Grã-Bretanha com a finalidade de punir

criminalmente os ministros do rei, uma vez que o próprio monarca era considerado em si mesmo impossível de ser acometido com qualquer espécie de sanção.

Em 1787 os Estados Unidos da América adotam também esse instituto. No Brasil, o mecanismo nasceu na constituição de 1891. A partir de então, todas as constituições acolheram esse instituto. Segundo Serrano (2015), o *impeachmen*t é um mecanismo do legislativo para controlar os membros do executivo. Por esse motivo, de acordo com o autor, nossa doutrina sustentou que esse tipo de processo, o de responsabilidade, teria uma natureza que parte essencialmente política.

O processo de *impeachmen*t partindo de sua natureza política e jurídica necessita de uma revisão sistemática das teorias das funções do Estado e também do conceito de função política vinculada por igual construção, na qual se forma toda a estrutura do estado, que é dada pela constituição.

Nestes termos, portanto, o crime de responsabilidade é um crime político-administrativo, praticado por agentes políticos, cujo processamento e julgamento decorre do exercício de uma função política do legislativo, o que deve se dar nos quadrantes do direito posto.

Para que se possa entender toda a amplitude do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, é necessário que se faça uma breve retomada as eleições presidenciais ocorridas em 2014 no Brasil, uma vez que todo esse contexto social e político, acirrado nessas eleições, baseou e intensificou a discussão do impedimento da Presidenta eleita pelos votos populares.

O primeiro turno da eleição para o novo Presidente do Brasil foi realizado em 5 de outubro de 2014. Nenhum dos candidatos atingiu mais de 50% dos votos válidos, portanto um segundo turno foi realizado em 26 de outubro. A ex presidente da República, Dilma Rousseff, foi reeleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), vencendo o senador mineiro Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).Essa eleição foi marcada por ter sido a eleição presidencial mais acirrada da história do país.

Aconteceu durante as eleições de 2014 uma polarização do país, divido entre esquerda e direita, entre eleitores de Dilma e eleitores de Aécio. É o que afirmam Brugnado e Chaia (2015).

As redes sociais foram veículos importantíssimos de transformação das movimentações de informações e manifestações políticas dos grandes contingentes de usuários brasileiros. No final das eleições, Dilma Rousseff saiu eleita como presidenta com pouco mais de 54 milhões de votos.

Após as eleições, Dilma enfrentou uma grande oposição parlamentar e também teve que lidar com uma insatisfação em massa diante de suas decisões, logo no primeiro ano de seu mandato. Ou seja, Dilma se encontrava sem apoio parlamentar, com sua popularidade em baixa e com uma mídia brasileira empenhada em derrubar seu governo, juntamente com aqueles que, ao não vencerem as eleições passam a tramar contra a presidenta (YAROCHEWSKY, 2016).

A crise econômica, política e social, foram se agravando no primeiro ano da reeleição da candidata à presidência, juntamente com uma forte depreciação do partido dos trabalhadores que foi se revelando muito participativo em escândalos de corrupção, estes que foram alvos de sensacionalismo da grande mídia brasileira, aumentando mais e mais a insatisfação popular e até mesmo o ódio contra a presidenta e o seu partido.

O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff consistiu num processo aberto com a finalidade de realizar o impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como a Presidente da República do Brasil. O processo teve início com a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de denúncia por crime de responsabilidade oferecida pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal.

Portanto, todo este contexto trouxe profundos impactos para a sociedade brasileira, que participou e participa ativamente do processo, seja nas ruas, seja nas discussões por todos os cantos do país.

Essa pesquisa visou contribuir para o aprofundamento acerca das modificações sociais e subjetivas que o processo de *impeachment* tem

colocado na sociedade brasileira, bem como levantar os significados e sentidos que os diferentes colaboradores, de diferentes níveis de exclusão social da cidade de São Paulo, tem atribuído e realizado na fala nesse processo complexo e cheio de riscos e impactos sociais no que diz respeito a direitos e projeto de sociedade.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

2.1. Psicologia sócio-Histórica e o compromisso com os fenômenos sociais.

É importante para os objetivos dessa pesquisa, explicitar os momentos nos quais a psicologia sócio-histórica surge no Brasil e, portanto a importância dessa psicologia como um reporte de uma teoria que surge em momentos políticos e históricos que marcaram o país, trazendo na sua história enquanto visão de homem, mundo e subjetividade a noção social, política e econômica como variáveis importantes e necessárias para a compreensão do fenômeno de objeto da psicologia..

Nos anos de 1980, o Brasil encontrava-se ainda em luta pela democracia diante da ditadura militar (1964 – 1985), essas lutas objetivavam um estado democrático de direito, elas ocorriam em grandes espaços sociais e nas universidades. Com isso, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também palco de lutas pela democracia, a professora Silva Lane, aliada a alunos e professores, lutava pela democracia e ainda, na faculdade de psicologia, buscava por visões teóricas que pudessem representar novas perspectivas para a ciência psicológica, que contemplasse as lutas travadas no Brasil e também na América Latina.

> A psicologia Crítica Sócio-Histórica no Brasil nasce do Compromisso social da fundadora desse grupo – Silvia Lane – e de sua sensibilidade política em relação à importância do marxismo para o desenvolvimento crítico da Psicologia, cujo legado ainda está longe de ter sido bem explorado. (BOCK e GONÇALVES, 2009).

A psicologia sócio-histórica surge da necessidade de debater a ausência ou negação da historicidade nas construções teóricas das psicologias, ela se remete a uma psicologia construída até aquele momento, que evidenciava uma naturalização e a-historicidade nas produções de conhecimento sobre o homem e sua subjetividade.

Um movimento da psicologia que em certos contextos ainda tem impedido que se desenvolva um saber crítico, uma vez que nega-se e/ou deixa-se de reconhecer que as leis sociais não são naturais. Com isso se dá por perder a

historicidade na construção do humano. Bock e Gonçalves (2009), afirmam que quando se opera uma análise individual e que não reconhece as mediações sócio-históricas que constitui o humano, se constrói, portanto, um conhecimento conservador e compactuado com o status quo social, impedindo ou negando a construção de um sujeito da transformação social.

A psicologia sócio-histórica apesar de chegar ao Brasil por volta da décadade 1980, ela foi fundada na ex-União Soviética, muito impulsionada pela Revolução de 1917 e embasada pela teoria marxista. No ocidente, essa psicologia se torna mais evidente e ganha mais importância em 1970, vindo como uma referência para a psicologia do desenvolvimento, psicologia social e da educação.

Essa nova abordagem teórica também faz uso dos preceitos e conceitos de Vigotski, em que visava construir uma psicologia que fosse além das psicologias positivistas e que estudasse o homem e sua psique como uma construção histórica e social da humanidade. Para esse autor, nossa psique está em constante mudança, já que ela não se dá a priori, mas se constrói de acordo com as mudanças materiais,ainda de acordo com a historia da humanidade.

Algumas premissas básicas permeiam a psicologia sócio-histórica, formulados por Vigotski, é o que explicitam Bock, Furtado e Teixeira (2006):

> • A compreensão das funções superiores do homem não pode ser alcançada pela psicologia animal, pois os animais não têm vida social e cultural.
>
> • As funções superiores do homem não podem ser vistas apenas como resultado da maturação de um organismo que já possui, em potencial, tais capacidades.
>
> • A linguagem e o pensamento humano têm origem social. A cultura faz parte do desenvolvimento humano e deve ser integrada ao estudo e à explicação das funções superiores.
>
> • A consciência e o comportamento são aspectos integrados de uma unidade, não podendo ser isolados pela Psicologia.
>
> Vigotski desenvolveu, também, uma estrutura teórica marxista para a Psicologia:
>
> • Todos os fenômenos devem ser estudados como processos em permanente movimento e transformação.

> • O homem constitui-se e se transforma ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos.
>
> • Não se pode construir qualquer conhecimento a partir do aparente, pois não se captam as determinações que são constitutivas do objeto. Ao contrário, é preciso rastrear a evolução dos fenômenos, pois estão em sua gênese e em seu movimento as explicações para sua aparência atual.
>
> 4• A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência. (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 2006. P87).

Essa última premissa e princípio da psicologia sócio-histórica é fundamental para essa pesquisa. É necessário que se entenda o homem como agente transformador do seu mundo a partir do seu trabalho e que esse mundo também age sobre esse homem. Portanto, a consciência e os fenômenos superiores da psique estão intimamente relacionados e sendo influenciados pelo mundo material. Por isso é possível afirmar que não é pela e com a consciência que se determina a realidade, mas a realidade tal como ela está posta e sendo transformada a todo momento, que determina a consciência do homem.

Sendo assim, ao adotarmos essa visão de homem, de sua consciência e ao dizermos que suas funções superiores estão intimamente ligadas ao mundo material, e que esse homem e essa realidade estão se constituindo dialeticamente pelas condições sociais econômicas e políticas, nos colocamos então, no desafio de entender que o momento em que vive a sociedade brasileira é de extrema importância não só para a sociedade material, mas também para a subjetividade que se constrói e modifica diante do que se vive.

Ou seja, é inegável que o processo de *impeachmen*t de Dilma Rousseff, e toda a questão econômica, social e política que enredam esse processo, tem impacto direto na consciência e subjetividade dos brasileiros. Esse processo, portanto tem definido a consciência e a psique dos milhões e milhões de brasileiros que hoje vivenciam esses tempos de instabilidades institucionais e de guerra política, sendo necessário que se compreenda às múltiplas determinações que estão presentes nesse fenômeno.

Podemos afirmar que toda essa conjuntura traz drásticas mudanças sociais e então grandes mudanças no entender, vivenciar, experimentar, sentir, significar e dar sentido à vida e as coisas da população que assiste e participa deste momento histórico.

2.2. Os sentidos e significados, a experiência subjetiva da realidade.

Significados e sentidos são duas categorias de análise da perspectiva sócio-historica, orientada por uma concepção de homem, que se apresentam articuladas às categorias de linguagem e pensamento formulados por Vigotski.Com rigor metodológico as pesquisa da psicologia sócio-histórica têm se utilizado dessas categorias como forma de acesso aos elementos da subjetividade dos homens, superando a dicotomia entre objetividade-subjetividade, mundo interno-mundo externo e individual-social muito presente nas teorias psicológicas. Trata-se então, de uma teoria, juntamente com uma metodologia, que viabiliza o acesso à dimensão subjetiva da realidade. (Aguiar, 2009)

Nesse sentido, a psicologia sócio-historica busca construir um rigor metodológico que seja coerente com os pressupostos da teoria. Por isso, apreender as categorias pensamento e linguagem são fundamentais para que se possa dizer sobre a constituição do sujeito e para que sejam compreendidas as categorias de sentidos e significados.

Para Vigotski, o pensamento envolve vários processos, como a memória, cognição e o afeto, sem que se confunda essa categoria, o pensamento, com nenhum desses processos. Segundo Aguiar (2009), Vigotski enfatiza que o pensamento não é simplesmente materializado no ato de falar, ou na fala, e que este não se apresenta apenas no momento em que o pensamento, do que estava em silêncio se faz revelar, mas que sim, o pensamento se realiza na fala.

> A linguagem não serve como uma expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra (VIGOTSKI, 2001, apud AGUIAR 2009 p.412)

Neste sentido, o que faz a mediação entre o pensamento e a linguagem é o significado (Aguiar, 2009). Portanto, a linguagem se desenvolve a partir de sua construção histórica e social, e o desenvolvimento do significado, que também é histórico e social, permite uma representação da realidade no pensamento, dando aos estudiosos a possibilidade da compreensão das atividades que se desenvolvem no campo da consciência.

A linguagem tem sua origem na ação concreta e material do homem, ela representa a mediação da relação dialética entre externo e interno, e por seu caráter originário ser o mesmo da consciência, é permitido afirmar que o que reside na base da consciência humana é a linguagem. (Aguiar, 2009)

Portanto o que constrói a consciência é a atividade mediada pelos significados. Aguiar (2009), afirma que para que possamos compreender o humano e o seu processo de constituição é necessário que entendamos o processo de relação do homem com o mundo, fundamentado nas atividades que são transformadoras e mediadas pela linguagem,

A autora ainda continua, referindo-se aos escritos de Vigotski e acrescentando as ideias de Luria e Leontiev, que podemos afirmar que o primeiro ato histórico de um ser humano se dá quando ele consegue realizar suas atividades de forma consciente, com a finalidade de satisfazer suas necessidades. Portanto, consciência e atividade são duas categorias básicas e basilares para a compreensão do fenômeno psicológico.

> Assim quando estamos falando de consciência e atividade, estamos nos referindo dentre outras propriedades, à forma como se constitui o fenômeno psicológico e enfatizando a importância da relação com o mundo nessa constituição. AGUIAR, 2009. P. 57)

Nessa perspectiva teórica e metodológica é possível afirmar que o homem constrói seu mundo psicológico no contato e na relação com seu mundo sociocultural(Aguiar 2009). Ao atuar sobre o mundo, este homem modifica sua realidade, construindo seu mundo externo, ao mesmo tempo que constrói sua realidade psíquica.

Nesse processo o humano objetiva sua subjetividade e subjetiva sua realidade, por meio dos registros cognitivos e afetivos de sua realidade. Nesse sentido, a realidade e subjetividade, não se excluem, mas estabelecem uma relação de mediação e integradas uma à outra (Aguiar, 2009).

Ainda essas categorias são consideradas momentos do processo de construção do real e do sujeito, em um movimento dialético e de transformação do mundo e da subjetividade. Portanto é por meio da categoria mediação que construímos a possibilidade de acessá-los, de aprendê-los em sua singularidade, em sua totalidade e unidade dialeticamente contraditória.

Ainda, o significado aparece aos homens de forma única e particular, o que nos leva a considerar as singularidades de cada sujeito, segundo Aguiar (2009). Visto todas essas questões acerca do significado, é então possível levantar o que é o sentido, sem, claro, esquecermo-nos do par dialético que sentido e significado representam.

Aguiar (2009), ao versar sobre a categoria sentido para Vigotiski, traz a seguinte afirmação do autor:

> "O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por todas as riquezas dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma palavra". A autora ainda cita outro trecho em que Vigotski fala sobre os sentidos, no qual estes seriam "O agregado de todos os fatos psicológicos que surgem na nossa consciência como resultado da palavra" (Vigotski, 2001, apud Aguiar, 2009 p. 465)

No processo humano, os significados sociais, madiadores do processo de comunicação e também do processo de humanização, são transformados em sentidos, em um processo subjetivo, que tem como elemento essencial a realidade objetiva, sendo a realidade social construída por homens que se constituem historicamente em sua atividade no mundo social, um processo constante de construção da constituição da dialética contraditória que carrega essas categorias. Portanto, os sentidos são uma "síntese psicológica" subjetiva da realidade. (Aguiar, 2009)

Ao assumirmos esses pressupostos teóricos e metodológicos, para o objetivo da presente pesquisa, é necessário trazer então dados da realidade

circundante e histórica brasileira acerca de um processo que, sem dúvida, constrói a subjetividade e consciência da população, a exclusão social. Esse processo, que é datado desde o projeto colonial e as invasões portuguesas em terras brasileiras traz enormes consequências para a sociedade, no que diz respeito a política, bens, economia e todo o contexto em que se inserem esses sujeitos que, a partir dessa realidade, alicerçam sua identidade, subjetividade e consciência.

A partir disso, e tomando os conceitos da psicologia sócio-histórica, foi possível investigar os significados em trono do processo de *impeachmen*t de Dilma Rousseff, com um recorte da população que constrói sua realidade objetiva e subjetiva a partir de um processo da exclusão social histórico estabelecida no país, e também reflexa nas grandes metrópoles, principalmente São Paulo, cidade alvo desta pesquisa.

Entendendo, portanto, que esse movimento histórico de exclusão, é fundamental para extrair de fato a subjetividade daqueles que vivem e experienciam um país desigual, uma realidade desigual e uma subjetividade que se alicerça nas desigualdades.

Sentidos e significados são importantes categorias de acesso a experiência dos sujeitos, a esse desigual acesso à cidadania, o que constitui também a consciência em torno do *impeachment* da presidenta de forma dialética e histórica calcada na materialidade.

2.3. O processo histórico de exclusão social brasileiro e suas manifestações territoriais.

Foram utilizados como base teórica para a definição de exclusão social os estudos realizados por André Campos, Marcio Pochmann, Ricardo Amorin e Ronnie Silva, intitulado “Atlas da exclusão Social no Brasil: Dinâmicas e manifestação territorial”. Esse estudo foi publicado em 2004, e representou a segundo edição da coleção de achados desses autores. Também foi amplamente utilizado aqui a revisão destes estudos no âmbito federal realizados em 2012 com dados das modificações e transformações

compreendidos no período de 2000 a 2010, através dos dados oficiais do Censo Demográfico 2000 e 2010 disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) para 2000 e 2010, e por fim, dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde. (Pochmann, 2015)

Essa atualização foi realizada por Marcio Pochmann, Alexandre Guerra e Ronnie Silva e publicado em 2015. Tanto a edição de 2004 quanto a edição de 2015 foram utilizados como base teórica para essa pesquisa. No entanto, para a apresentação do mapa da exclusão social da cidade de São Paulo foi utilizada a versão mais recente dos estudos, que foi a edição publicada em 2015 intitulada “Atlas da exclusão social no Brasil, Dinâmica da exclusão social na primeira década do Século XXI”

Campos e Pochmann (2004) afirmam que a exclusão social é um fenômeno que afeta de varias maneiras e há muito tempo os brasileiros. Ressaltam, contudo, que a partir de 1980, o pais passou a registrar um agravamento na trajetória da exclusão social, complicado por um baixo desenvolvimento econômico que só contribui para a situação de exclusão no país, que já nesses tempos não apresentava números nada positivos.

Esses problemas econômicos presentes no Brasil trouxeram vários agravamentos no que se refere a geração de empregos e de uma explosão da violência, principalmente nas grandes metrópoles. No entanto, houve uma considerável mudança no acesso a educação, o que de fato não se mostrou suficiente para romper com o surgimento de uma nova forma de exclusão social no País.

Além das marcas de uma exclusão social relacionada à baixa instrução e à baixa renda, após 1980 outros fatores entraram no processo de exclusão, o que levou os brasileiros a entrarem no chamado pelos autores a “Nova exclusão social do Brasil”, que se associava aos índices de violência e ao desemprego de longos tempos. Essa nova exclusão social parece então, afetar principalmente as grandes metrópoles brasileiras, que enfrentaram e enfrentam grandes problemas com essa nova configuração.

Para os autores:

> A exclusão é um todo que se constitui a partir de um amplo processo histórico determinado que acompanha, em maior ou menor grau a evolução da humanidade (POCHMANN, 2004. p.29)
>
> .

Campos e Pochmann (2004), afirmam que a exclusão social brasileira constitui uma marca inquestionável do desenvolvimento capitalista no Brasil. A abolição da escravatura representou apenas a deslegitimação jurídica para a exclusão dessa população, que depois desta, continuou à margem de políticas públicas de inclusão e ao largo da cidadania e direitos humanos.

O Brasil então começa a estruturar um modelo de sociedade excludente a partir desses aspectos, e poucas, ou quase nenhuma política pública foi capaz de modificar esse contexto iniciado na colônia. Campos e Pochmann (2004), afirmam que a presença de direitos sociais, só ganham fortalecimento com o Governo de Getúlio Vargas, que ainda era voltada apenas para assalariados formais presentes nas grandes cidades. Ou seja, os maiores avanços, ainda assim eram exclusivos e restritos, o que não dava conta de abarcar toda a pluralidade da exclusão social brasileira, excluindo principalmente a maior parte da população brasileira, que nesse período era majoritariamente composta por moradores da zona rural.

De fato, somente após a constituição de 1988 é que se obtiveram alguns avanços efetivos, mas ainda restritos, em torno das políticas sociais, em que se baniu o conceito de cidadania regulada, o que permitiu o acesso a saúde e a previdência social, que até então era somente para trabalhadores formais. Com a criação do Sistema único de Saúde (SUS) e a inovação da seguridade social ampliou fortemente o acesso a direitos sociais, dado que, antes da carta magna, a experiência da universalização de direitos simplesmente não existia.

No que diz respeito aos direitos políticos, Campos e Pochmann (2004), afirmam que somente a partir de 1934 e 1946, o país tentou difundir os direitos políticos, com a “universalização” dos votos, que, no entanto, excluía os analfabetos, que, diga-se de passagem, era a grande maioria da população.

Somando a esse processo de exclusão social, os autores acrescentam que de 1960 à 2000, as novas configurações demográficas e sociais do Brasil aceleraram mais variáveis na complexa formação da desigualdade social no

país. O desemprego e a precarização das formas de inserção do cidadão no mercado de trabalho são as fonte modernas da exclusão social, tendo como subproduto a explosão da violência urbana, a vulnerabilidade da população juvenil, acentuada pelas flexibilidades ocupacional e dos níveis de renda.

A partir disso, Campos e Pochmann (2004), tendo como base os dados oficiais, apresentam mapas do país e das grandes metrópoles brasileiras de acordo com esses quatro índices (desemprego, vulnerabilidade juvenil, violência e baixa renda), explicitando então a grande desigualdade de acesso aos bens e a exclusão social configurada a partir do território brasileiro. Esse índice que vai de 0 à 1 (quanto mais próximo de zero mais exclusão, quanto mais próximo de 1 menos exclusão), dos estados e das cidades, demonstram o acesso da população aos bens e à cidadania.

Na atualização dos dados e incorporação de uma nova metodologia na análise territorial e histórica da exclusão social brasileira os autores, no que diz respeito às metrópoles e principalmente São Paulo afirmam que o município é o mais populoso do Brasil, somando 11,2 milhões de habitantes com registro em 2010,

Na nova publicação, realizada em 2015, os autores identificam os estudos como sendo um filme referente ao período de 2000 à 2010, apontando as principais mudanças sociais ocorridas em todo o conjunto do país, desde a unidade federativa até os municípios.

Os dados oficiais possibilitaram aos autores a síntese dos principais elementos de manifestação da exclusão social proveniente de três indicadores: 1) A dimensão da vida digna que procurou evidenciar o bem-estar material dos brasileiros e contou com um indicador de pobreza, estabelecido como a proporção domiciliar com renda igual ou inferior a ½ salário mínimo). Indicadores de emprego, que contou com o número de trabalhadores ativos e formais, por fim o índice de Gini da renda domiciliar per capita.

Já a dimensão conhecimento mensurou o acumulo simbólico e cultural da população incorporando os índices de alfabetização que indicam a população maior de 5 anos que sabem ler e escrever e o índice de escolaridade, pessoas de 17 anos ou mais que concluíram o ensino médio.

Por fim, a dimensão da vulnerabilidade social, que diz da exposição da juventude em situações caracterizadas pela violência incluindo um indicador de juventude que compreende a população até 19 anos de idade e um indicador de homicídio para cada 100 mil habitantes.

O quadro abaixo foi retirado do livro dos autores e sistematiza os indicadores dos índices de exclusão social:

Quadro 1: Composição dos indicadores do índice de exclusão social:

Indicador	Descrição	Fonte
Indicador de Pobreza	Proporção de domicílios com renda igual ou menor que ½ salário-mínimo"	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Emprego	Proporção de trabalhadores com carteira de trabalho assinada e funcionários públicos estatutários na população economicamente ativa	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Desigualdade	Índice de Gini da renda domiciliar *per capita* da população residente	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Alfabetização	Taxa de alfabetização das pessoas com 5 anos ou mais de idade	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Escolaridade	Proporção de pessoas com 17 anos ou mais que concluíram o ensino médio	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Concentração Juvenil	Proporção da população com até 19 anos de idade	IBGE. Censos demográficos, 2000 e 2010.
Indicador de Violência	Taxa de homicídios por 100 mil habitantes	Ministério da Saúde. Sistema de Informações de Mortalidade, 2000 e 2010.

Elaborado por Guerra. Alexandre, Pochmann e Silva (2015)

Após a sistematização dos índices e aplicação de formulas transformou-se os índices em escalas que variam de 0 a 1. Portanto, após aplicar nos mais de 5 mil municípios brasileiros os autores fazem duas sugestões para a interpretação dos resultados pelos índices de exclusão social:1) O índice varia de 0 a 1 e 2) As piores condições de vida são as que estão mais próximos de zero e as melhores mais próximos a 1. Ainda foram considerados pesos diferentes para fins de cálculo em cada um dos índices como mostra tabela abaixo.

Quadro 2: Índices que compõem a exclusão social

Índice	Peso
Índice Pobreza	17,0%
Índice Emprego	17,0%
Índice Desigualdade	17,0%
Índice Alfabetização	5,7%
Índice Escolaridade	11,3%
Índice Juventude	17,0%
Índice Violência	15,0%

Quadro 2: Índices que compõem a exclusão social

Retirado do livro “Atlas da Exclusão Social no Brasil. Manifestações da exclusão social na primeira década do século XXI. Elaborado por Guerra. Alexandre, Pochmann e Silva (2010)

Por fim, o mapa da cidade de São Paulo, no que diz respeito a exclusão social se explicita conforme abaixo, em que a cor Vermelha representa as zonas de maior índice de exclusão social enquanto a zonas verdes representam os menores índices de exclusão social

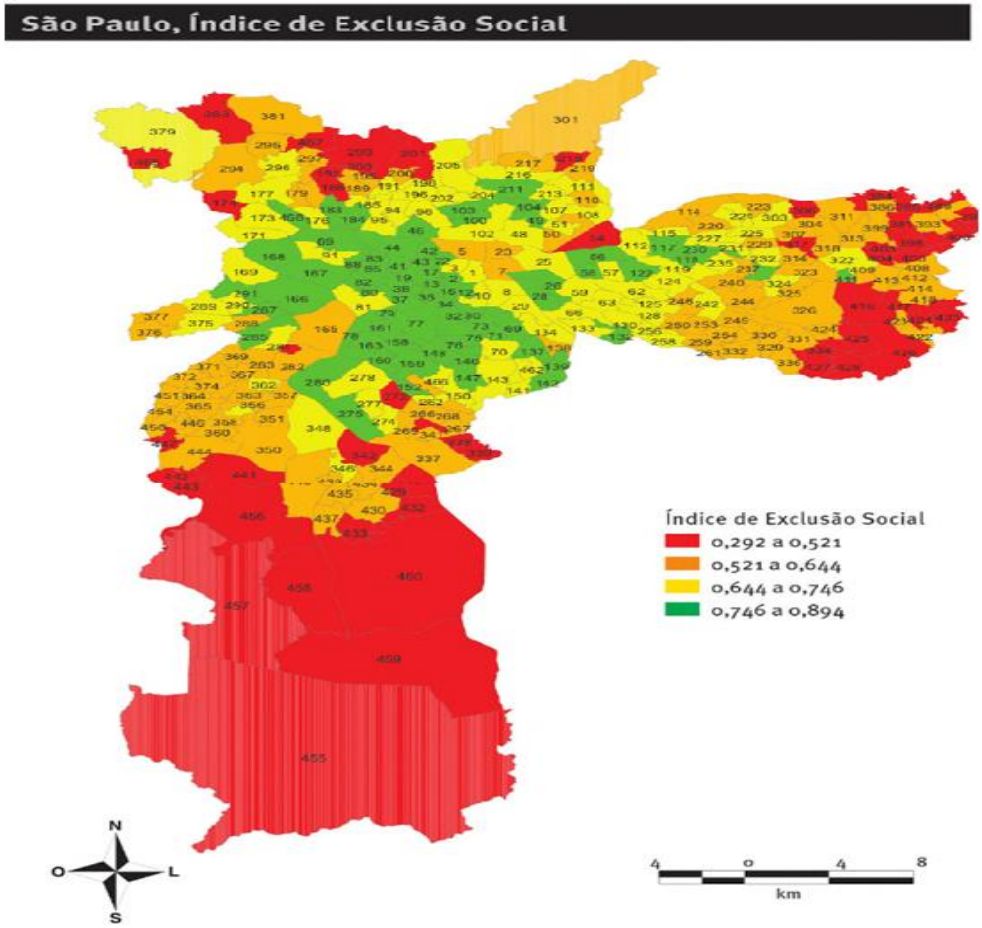

Figura 1: Mapa da exclusão social da cidade de São Paulo

Retirado do livro “Atlas da Exclusão Social no Brasil. Manifestações da exclusão social na primeira década do século XXI. Elaborado por Guerra. Alexandre, Pochmann e Silva (2010)

2.4. O Impeachment

O instituo *impeachment* nasceu na Grã-Bretanha e visava punir criminalmente os Ministros do Rei, uma vez que o próprio monarca era considerado em si mesmo impassível de qualquer espécie de sanção. Em 1787 os Estados Unidos da América adotassem também esse instituto. Já no Brasil, o mecanismo nasceu na constituição de 1891. A partir de então, todas as constituições acolheram esse instituto, é o que afirma Serrano (2015), o autor ainda diz que o *impeachment* é um mecanismo do legislativo para controlar os

membros do executivo. Por esse motivo, de acordo com o autor, nossa doutrina sustentou que esse tipo de processo, o de responsabilidade, teria uma natureza que parte essencialmente política.

O processo de *impeachment* partindo de sua natureza política e jurídica necessita de uma revisão sistemática das teorias das funções do estado e também o conceito de função política vinculada por igual construção na qual se forma toda a estrutura do estado, que é dada pela constituição.

No entanto, é necessário que não se desconsidere que as teorias clássicas de separação dos poderes pode levar a uma concepção de soberania divisível e fracionada, por esse motivo Tavares (2003), ao versar sobre essa questão, vai dizer que só é possível separar os poderes do estado por meio de antonomásia, sendo somente assim a justificativa para a separação de doutrinas e poderes que de alguma forma tentam explicar e por vezes justificar como o estado se estrutura, do poder ao estado.

Portanto, o estado é indivisível e encarna o poder político do povo, já que uma análise da realidade, com a separação do que por natureza é uno, se torna algo impossível. Karl Loewenstein (1986), diz que quando separamos, na verdade estamos distribuindo determinadas funções para diferentes órgãos do estado, o que torna obrigatório entender o vocábulo “separação” de uma maneira figurativa. Porém, quando se pretende utilizar uma técnica para limitar o poder político é necessário que se utilize de uma abordagem feita a partir das funções do estado.

Já no século IV A.C., Aristóteles referindo-se as funções do estado, apontou a existência das funções deliberativas, executivas e judicial. Ainda foi o primeiro a apontar de forma organizada as funções do estado, mas não se pode tirar de seus apontamentos algo que vá ao sentido de entender se o que ele definia como função do estado poderia ser realizado, ou seria melhor realizado, se atribuídos a outros órgãos.

Em outro momento, posterior a Aristóteles, partindo de uma concepção iluminista de lei e de uma ideia mecanicista da função do judicial, Montesquieu estabelece a separação orgânico-funcional do estado. Baseado no pessimismo antropológico, ele formula a doutrina da separação dos poderes, chamando

esses poderes de bicameralismo legislativo e independência judicial. O núcleo de sua doutrina versa sobre a entrega de dispares poderes à distintos órgãos, um mecanismo a serviço da contenção de poder.

Caetano (2009), ao traçar um quadro abrangente das múltiplas atividades que o estado desenvolve, partindo da crença de que essas atividades não se restringem à aplicação do direito, faz então uma ressalva da preocupação do estado cujo conteúdo escapa a criação e aplicação do direito. Para esse autor, essas outras atividades do estado, as que escapam em restrita aplicação da lei, quando exteriormente são reguladas pela lei, corresponderiam à função política e técnica do estado, essas as quais formam uma relação de complemento e independência com as funções jurídicas do estado, legislativa e executiva.

O autor ainda chama esse modo de entender as funções do estado de “Teoria integral das funções do estado”, o que implica em dizer que uma vez que todas as funções do estado podem ser consideradas jurídicas, em um sentido em que podem construir objeto do direito, há então atividades com conteúdos que são jurídicos e outras sem os conteúdos jurídicos, porém ainda sendo essas funções do estado.

Sobre o conteúdo político, o autor ainda diz que essa função liga-se a atividades dos órgãos do estado nos quais o objeto direto das ações é conservação da sociedade política e a definição e prossecução dos interesses gerais perante a livre escolha dos rumos e das soluções consideradas de melhor preferência.

Caetano (2009) baseia sua teoria geral das funções do estado nos aspectos materiais das funções. Os conteúdos dos atos das estatais e os resultados desejados são, portanto pilares em sua teoria. Diante dessa formulação, pode-se dizer que existe uma apartação em duas funções estatais diferentes, a definição dos rumos do Estado e a positivação de regras.

Serrano (2015), ao escrever sobre a divisão tricotômica das funções do estado de Jorge Miranda, explicita a conjunção de critérios considerados materiais, formais e orgânicos. Elucida-se ainda, que a teoria de Jorge Miranda é inovadora, à medida que propõe uma detecção das zonas de fronteira e de

funções complementares, acessórias ou atípicas do estado. Ainda versando sobre a teoria de Jorge Miranda, Serrano (2015) afirma:

> As funções política, administrativa e jurisdicional decorrem, portanto, dos fins ou do objeto dos atos em razão dos quais se desenvolvem (critério material), em razão dos modos e formas de sua manifestação (critério formal) e das instituições através dos quais são praticados estes atos (critério orgânico).
>
> A função política, pelo critério material, compreende a definição primária e global do interesse público, a interpretação dos fins do Estado e escolha dos meios adequados para atingi-los, além da sua direção. Pelo critério formal, abrange a liberdade ou discricionariedade máxima com subordinação às regras jurídicas, liberdade de escolha e ausência de sanções jurídicas específicas.
>
> Pelo critério orgânico, engloba os órgãos políticos e governativos em conexão direta com a forma e o sistema de governo. A função política compreende a função legislativa, ou *legislativo*, e governativa, ou política stricto sensu, ou ainda *governatio*, consoante se traduza em atos normativos, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, e em atos de conteúdo não normativo.
>
> A função administrativa, pelo critério material, realiza-se pela satisfação constante e cotidiana das necessidades coletivas, além da prestação de bens e serviços. Pelo critério formal, a iniciativa e, em regra, a parcialidade na prossecução do interesse público. Pelo critério orgânico, marca-se pela dependência funcional, com sujeição, no interior de cada sistema ou aparelho de órgãos e serviços, às ordens e instruções e ao recurso hierárquico.
>
> A função jurisdicional, pelo critério material, abarca a declaração do direito em concreto e em abstrato. Pelo critério formal, marca-se pela passividade e imparcialidade. Pelo critério orgânico, pela independência e atribuição a órgãos específicos, os tribunais.
>
> Conceituadas as funções, pontifica Jorge Miranda que “os atos próprios de cada função devem provir, em princípio, de órgãos correspondentes a essa função. Todavia encontram-se [...] algumas interpenetrações e inevitáveis zonas cinzentas” Miranda (1922). (SERRANO, 2015. Pg. 189-213)

Por fim, podemos considerar para esta pesquisa que as funções do estado, relacionam-se com a compreensão da sua ação, uma vez que tem-se em vista as finalidades de segurança, justiça e bem-estar, é o que afirma Caetano (2009). Então, as funções do estado são atividades especificas, coordenadas e teleológicas, condicionadas ao direito.

Haja vista a natureza politica do *impeachment*, e as finalidades dessa pesquisa, é necessário debruçar-se de forma mais apurada sobre a função

política do estado.. Caetano (2009) sustenta que a função política do estado é uma atividade que não é jurídica, e mesmo que adote formas e se sujeite em alguma medida ao direito, essa função política em si mesma não contém a criação ou execução propriamente do direito.

Serrano (2015), afirma que a função política do estado é a atividade primordial dos órgãos superiores do estado, com a finalidade de assegurar a unidade e coesão da nação, definir ideias coletivas, ainda escolher objetivos e realiza-los por meios possíveis de serem empregados, tendo ainda como função a manutenção do equilíbrio constitucional.

Então, para Serrano (2015), a função política do estado está basicamente relacionada ao poder de decisões políticas por órgãos com conexão direta com a forma e o sistema de governo, estes que são os responsáveis pela concretização da vontade política constitucionalizada. Entretanto, o autor frisa que não há uma função política do estado que não esteja sob os quadrantes do direito posto.

Sendo assim, o Brasil que adota como sistema de governo o presidencialismo tem, portanto suas peculiaridades na natureza jurídica e política da instalação do processo de *impeachment*. Serrano (1996), afirma que o exercício público contém para seus agentes uma carga de responsabilidade:

> Eis que o princípio republicano informa toda a nossa estrutura do Estado, o qual impõe que os agentes públicos sejam responsáveis (accountable) pelos comportamentos que adotem no exercício da sua função pública. (SERRANO, 1996. Pg. 67-99)

Neste sentido, Silva (2008), afirma que no sistema democrático e republicano presidencialista, as eleições periódicas não são exatamente a única forma de exercício e possibilidades democráticas. Por este motivo é que durante o exercício da função pública, os representantes devem responder por seus atos praticados desde o momento que assumem os cargos e mandato.

O crime de responsabilidade se configura como uma infração político-administrativo por determinados agentes políticos, que são, segundo Mello (2009), “titulares de cargos estruturais à organização política do País, ou seja, ocupantes dos que integram o arcabouço constitucional do Estado, o esquema

fundamental do Poder. Daí que se constituem nos formadores da vontade superior do Estado".

Reunidos em um só agente, o chefe de governo presidencialista pode sofrer o impedimento de seu mandato, mas isso somente se for comprovadamente constatado que houve condutas ilícitas, anteriormente previstas normativamente, e após comprovações consistentes e por métodos processuais que garantem a ampla defesa, afirma Silva (2008).

Os artigos 85 e 86 da constituição tratam das responsabilidades do Presidente da República. O primeiro prevê como crimes os atos que atentem contra a constituição, este artigo prevê ainda que tais crimes serão definidos em lei especial, que estabelecerá as normas do processo, e julgamento.

Diante disso, é inegável a necessidade estrita de um processo que visa o impedimento de um Presidente da República cumprir com as obrigações legislativas para que então se abra o processo, porém como afirma Pinto (1965), "o *impeachment* tem feição política, não se origina senão de causas políticas, objetiva resultados políticos, é instaurado sob considerações de ordem política e julgado segundo critérios políticos – julgamento que não exclui, antes supõe, é óbvio, a adoção de critérios jurídicos".

Silva (2008),é absolutamente claro ao afirmar que em um regime presidencialista, o chefe de estado não pode ser afastado por quaisquer meios de juízos de conveniência ou oportunismo do parlamento, mas somente se houver cometimento de infrações previstas normativamente, e demonstradas como devido processo legal.

Nestes termos, portanto, o crime de responsabilidade é um crime político-administrativo, praticado por agentes políticos, cujo processamento e julgamento decorre do exercício de uma função política do legislativo, o que deve se dar nos quadrantes do direito posto.

2.5. As eleições de 2014

Para que se possa entender toda a amplitude do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff,é necessário que se faça uma breve retomada das eleições presidenciais ocorridas em 2014 no Brasil. Uma vez que todo esse contexto social e político, acirrado nessas eleições, baseou e intensificou a discussão do impedimento da Presidenta eleita pelos votos populares.

O primeiro turno da eleição para o novo Presidente do Brasil foi realizado em 5 de outubro de 2014. Nenhum dos candidatos atingiu mais de 50% dos votos válidos, portanto um segundo turno foi realizado em 26 de outubro. Dilma Rousseff, foi reeleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), vencendo o senador mineiro Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

A eleição de 2014 foi lembrada por ter sido a eleição presidencial mais complexa e acirrada da história do país. Vários acontecimentos tornaram essas eleições uma das mais tensas do ponto de vista da disputa política e social, ocorreu a morte de Eduardo Campos, que era o candidato do PSB, sendo substituído por Marina Silva, do mesmo partido, que ficou em terceiro lugar na eleição. O quadro geral das eleições pode ser observado na tabela1:

Tabela 1. Apresentação geral dos resultados das eleições presidenciais de 2014 no Brasil.

Candidato(a)	Vice	1º turno 5 de outubro de 2014		2º turno 26 de outubro de 2014	
		Votação			
		Fonte: TSE			
		Total	Percentagem	Total	Percentagem
Dilma Rousseff (PT)	**Michel Temer** (PMDB)	**43.267.668**	**41,59%**	**54.501.118**	**51,64 %**
Aécio Neves (PSDB)	**Aloysio Nunes** (PSDB)	**34.897.211**	**33,55%**	51.041.155	48,36 %
Marina Silva (PSB)	Beto Albuquerque (PSB)	22.176.619	21,32%		
Luciana Genro (PSOL)	Jorge Paz (PSOL)	1.612.186	1,55%		
Pastor Everaldo (PSC)	Leonardo Gadelha (PSC)	780.513	0,75%		
Eduardo Jorge (PV)	Célia Sacramento (PV)	630.099	0,61%		
Total de votos válidos		**104.023.543**	**90,36%**	**105.542.273**	**93,66**

				%
→ Votos em branco	6.678.580	5,80%	1.921.819	1,71%
→ Votos nulos	4.420.488	3,84%	5.219.787	4,63%
Total	**115.122.611**	**80,61%**	**112.683.879**	**78,90 %**
Abstenções	**27.699.435**	**19,39%**	**30.137.479**	**21,10 %**
Total de inscritos	**142.822.046**	**100,00 %**	**142.822.046**	**100,0 0%**

Fonte: http://www.tse.jus.br/ Acesso em: 27/11/2016.

Pasquinelli (2015), afirma que a eleição de 2014 foi marcada por uma divisão do eleitorado brasileiro, que se caracterizava de acordo com classes sociais e regionalidade, o que podemos observar na figura 1. Em que majoritariamente as regiões mais pobres do Brasil votaram em sua grande maioria em Dilma Rousseff, em contra partida as regiões mais ricas, em sua grande maioria optaram pelo candidato Aécio Neves:

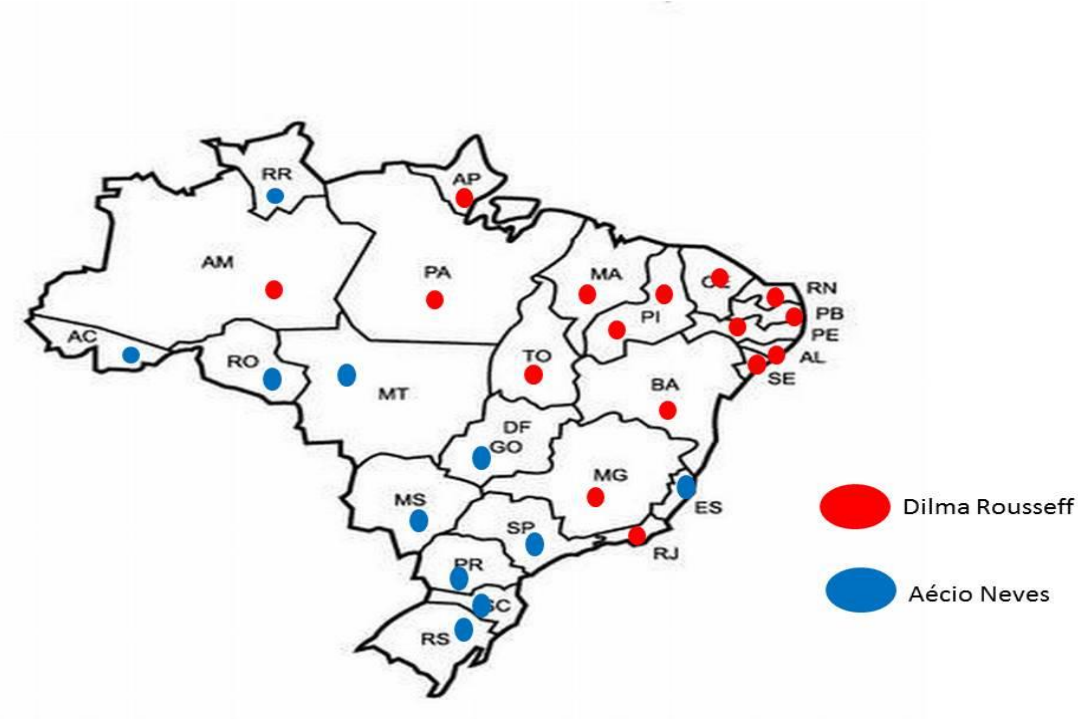

Figura 2: Apresentação geral dos resultados das eleições presidenciais de 2014 no Brasil. Fonte: http://www.tse.jus.br/ Acesso em: 27/05/2016.

Outro grande e importante fenômeno social que aconteceu durante as eleições de 2014, que é essencial a ser considerado para o objetivo dessa pesquisa, foi a polarização do país, divido entre esquerda e direita, entre eleitores de Dilma e eleitores de Aécio. Brugnado e Chaia (2015), também afirmam que houve a polarização entre direita e esquerda ocorrida no segundo turno das eleições de 2014. Com essa constatação os autores procuraram de alguma forma levantar os contextos sociais que facilitaram esse processo de divisão da sociedade.

Os autores ao refletir sobre a polarização entre direita e esquerda, vão dizer que esse é um fenômeno histórico e tem, de alguma forma, ditado como se tem feito política ao longo dos tempos em quase todos os regimes democráticos.

Neste sentido, Brugnado e Chaia (2015) afirmam que até poucos anos passados na história do Brasil, parecia que o país se encontrava em uma aparente apatia política em que a população pouco se interessava por política e então os partidos passaram a dispensar as ideologias e trabalhavam cada vez mais próximo de um centrismo ideológico, em que parecia muito distante a ideologia das efetivas ações dos partidos de maior representatividade.

Os autores vão dizer também que esse processo tem grande explicação na transição da ditadura militar de 1964 para uma democracia suavizada e que acabou não esclarecendo de forma efetiva para a população o poder que significa os votos. Como exemplo disso, os autores afirmam que as centrais sindicais, universidades e estudantes entraram em outros processos, as centrais sindicais com a aproximação ao governo de Lula acabaram por serem abreviadas em suas participações políticas e os estudantes se voltaram para lutas mais específicas de suas universidades.

No entanto, os autores colocam como decisório nas formas de fazer políticas na história brasileira as manifestações de 2013. Dizem ainda que essas manifestações marcam profundamente a história de luta política do país. Tendo como ponto inicial, o aumento das passagens do transporte público, a situação em que o país vivia uma nova força popular se levantava. Todo esse contexto acabou por eclodir na insatisfação da população e refloriu as

ideologias presentes na política, começando já nestas manifestações as divisões de ideologias que se intensificaram nas eleições de 2014.

Então, os autores, partindo da divisão que se constituiu até as eleições e que neste momento já se encontrava em extrema intensidade, materializava-se na luta da esquerda contra o projeto neoliberal apresentado pelo partido do PSDB com a figura representativa o candidato a presidência Aécio Neves, e a direita conservadora desenvolveu sua ideologia em torno de um forte antipetismo.

Ainda é necessário levantar que as redes sociais foram veículos importantíssimos de transformação das movimentações de informações e manifestações políticas dos grandes contingentes de usuários brasileiros. Portanto, começou-se a evidenciar barbáries advindas de cidadãos tomados pelas ideologias e com discursos de ódio que tornaram todo o contexto das eleições um campo cheio de conflitos e de, como já dito, um contorno totalmente polarizado.

Dias (2016), ao realizar uma pesquisa intitulada “Perceber a política em tempos de Facebook: o caso das eleições presidenciais no Brasil em 2014”, faz uma revisão literária histórica das formas de percepção das informações, bem como da política, desde a idade média. Para tanto, o autor busca explicar a percepção da vida como um todo partindo dor órgãos sensoriais e as demandas de cada um deles de acordo com as demandas do ambiente para que se possa então absorver a informação. Nesse sentido, o autor vai dizer que no mundo contemporâneo, o rádio, TV e internet trouxeram modificações importantes nas formas de percepção das informações, e diferentemente da idade média que valorizava o tato, as novas tecnologias da informação do mundo contemporâneo trouxeram a visão e a audição como essenciais para a captação de informações.

O autor afirma que a internet viabilizou a informação rápida, porém, ao mesmo tempo em que ela é rápida, ela é logo substituída por outra informação e seu grau de importância na reflexão de quem recebe a os conteúdos se torna também rápido, construindo uma “cultura da insignificância das informações”. É neste contexto do mundo que as eleições de 2014 tomam feições diferenciadas das outras eleições já realizadas no Brasil.

Dias, traz uma reflexão que vai no sentido de explicitar as estratégias utilizadas pelos partidos que disputaram as eleições presidenciais, pontuando as intensidades e extremidades dos discursos de mérito para seu partido e a depreciação dos opositores. Bem como a chantagem por meio do medo que era utilizada pelos dois partidos quando se referiam ao possível governo do opositor.

O autor ao realizar uma sistemática análise dos sentidos atribuídos à política e à disputa eleitoral da presidência em 2014, levando em consideração as novas tecnologias e meios sociais, nos quais o humor (por meio de memes[11]) e a depreciação do opositor se tornaram uma estratégia para estabelecer uma discussão de política, que por estes veículos, segundo o autor, limitam a discussão e a complexidade do tema, porém afirma que é à partir destes meios que nossa sociedade se organiza para formar e vincular informações. Dias (2016), conclui que:

> Assim, os “memes” expressam as formas de perceber a política na contemporaneidade. No Brasil, eles nos lembram à maneira como a política é vista por uma boa parte da população, especialmente durante os períodos eleitorais: uma disputa ferrenha que envolve dois lados inimigos um do outro.
>
> Não que a política institucionalizada deva ser apenas isso – entendemos que ela é o jogo que envolve a disputa de distintos projetos de futuro que se ocupam de toda a coletividade –, mas no Brasil, nestes tempos de Facebook em que vivemos, ela se tornou isso. Nas redes sociais, cada lado em disputa procura elaborar uma imagem extremamente perfeita e positiva de si mesmo, enquanto que o outro é visto como o que há de pior no mundo. Como o esquecimento, assim como a memória, é uma construção, um trabalho ativo, cada lado esquece os próprios defeitos e os fatos mais incômodos de sua história como se apenas o adversário fosse cheio de falhas. E cada internauta curte, comenta e compartilha o que mais agrada e o que permite debochar do adversário, pelo menos enquanto for interessante falar de política no Facebook, pelo menos até uma notícia sobre bebês sorridentes ou gatinhos fofos se tornar o objeto de nossa atenção.Em um mundo onde tudo parece cada vez mais efêmero, a preocupação com a política e com os rumos da sociedade nem sempre goza do privilégio de estar em primeiro plano. (DIAS, 2016 p. 120)

[1]O termo Meme de Internet é usado para descrever um conceito de imagem, vídeo e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro The Selfish Gene.

É neste contexto de disputas acirradas, tanto no campo político como no campo das informações, que as eleições de 2014 aconteceram, No final dela, Dilma Rousseff saiu eleita como presidenta com pouco mais de 54 milhões de votos.

A presidenta se elegeu com promessas que enfrentou extremas dificuldades de sustentar após assumir o seu segundo mandato. Como as promessas sobre a educação, reforma tributária, controle da inflação, contas de luz, gestão do petróleo, demarcação das terras indígenas, tipificação da homofobia como crime, restruturação econômica do país e em alguma medida o combate à corrupção. Este não cumprimento das promessas acarretou em uma queda de popularidade da presidenta, produzida pelas grandes mídias brasileiras e pelos partidos opositores que não venceram as eleições e a partir de então não se deram por satisfeito e reagiram de forma brusca contra o governo de Dilma Rousseff e contra a democracia.

Após a realização das eleições a configuração do congresso assumiu contornos conservadores como não havia desde a ditadura militar de 1964. No dia 10/10/2015, o sindicato dos servidores públicos de Pernambuco (SINDSEP-PE) publicou uma notícia em seu site afirmando que a legislatura do Congresso Nacional, que assumiu em janeiro de 2015, foi ainda mais desfavorável à classe trabalhadora. A bancada sindical, que tradicionalmente defende com afinco os direitos trabalhistas, sindicais e previdenciários, diminuiu quase pela metade. Dos 83 representantes que existe, depois das eleições passaram para 46. Desses, 32 foram reeleições e apenas 14 foram novas legislaturas.

O SINDSEP-PE ainda citou que para o assessor do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), Antônio Queiroz, a nova composição do Congresso fragilizava os trabalhadores.

O sindicato termina sua publicação dizendo que a composição eleita após as eleições de 2014 continha a menor bancada sindical desde 1988, quando foram eleitos 44 sindicalistas. Em 2002, o número de representantes eleitos foi 74, em 2006, 54 sindicalistas. Em contrapartida, a bancada empresarial, composta por representantes do empresariado de vários setores, mantém um número expressivo de parlamentares, 190, embora tenha sofrido uma queda. Na atual legislatura são 246.

Outras representatividades perderam força de voz nas eleições de 2014, tais como os movimentos indígenas e a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis). Esses que se uniram para de alguma forma tentar garantir seus direitos, que a nova configuração do congresso ataca a todo o momento.

Diante dos resultados das urnas, especialistas do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap) concluíram que a nova composição do Congresso é a mais conservadora desde 1964, como já foi dito, Isso se expressa pelo número de parlamentares eleitos ligados a segmentos militares, policiais, religiosos e ruralistas.

Um levantamento do Diap mostrou, por exemplo, que enquanto nenhum dos candidatos que se autodeclarou indígena foi eleito para a Câmara dos Deputados a bancada ruralista cresceu. Números da Frente Parlamentar da Agropecuária revelam que os representantes do setor passaram dos 14 senadores e 191 deputados para 16 senadores e 257 deputados.

No caso de policiais e setores vinculados, como o de apresentadores de programas policialescos, foram eleitos 55 deputados, como o delegado da Polícia Federal Moroni Torgan (DEM), candidato mais votado do Ceará, com 277 mil votos, e o coronel da reserva da Polícia Militar Alberto Fraga (DEM), o mais votado no Distrito Federal, com 155 mil votos. Parte desses nomes defende propostas como a revisão do Estatuto do Desarmamento.

Na mesma linha, mais de 464 mil eleitores do Rio de Janeiro decidiram reeleger o atual deputado Jair Bolsonaro (PP), militar da reserva que vai para o sétimo mandato, mas pode ser cassado por quebra do decoro parlamentar. Por outro lado, no mesmo Estado a população também elegeu, com mais de 144 mil votos, o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ), principal defensor da causa LGBTT.

Por fim, o PMDB elegeu sete governadores, entre eles os do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, o maior número entre as legendas. Do PT foram eleitos cinco, entre eles os governadores de Minas Gerais e da Bahia. O PSDB conquistou cinco governos e o PSB elegeu três governadores. O PSD conquistou a chefia de dois governos estaduais e o PDT também de dois. Pelo

PCdoB, foi eleito o governador do Maranhão, pelo PROS o governador do Amazonas e o PP elegeu a única governadora do país, Suely Campos, de Roraima.

Esta configuração do congresso é importante para entender toda a crise política e econômica que emerge nos primeiros meses e ano do segundo mandato de Dilma Rousseff, bem como a aceitação do pedido de *impeachment* pelo presidente da Câmara dos deputados Eduardo Cunha (PMDB).

2.6. O impeachment de Dilma Rousseff

Após as eleições Dilma enfrentou uma grande oposição parlamentar e também teve que lidar com uma insatisfação em massa diante de suas decisões, logo no primeiro ano de seu mandato. Ou seja, Dilma se encontrava sem apoio parlamentar, com sua popularidade em baixa e com uma mídia brasileira empenhada em derrubar seu governo, juntamente com aqueles que, ao não vencerem as eleições passam a tramar contra a presidenta.

A crise econômica, política e social, foi se agravando no primeiro ano da reeleição da candidata à presidência, juntamente com uma forte depreciação do partido dos trabalhadores que foi se revelando muito participativos em escândalos de corrupção, estes que foram alvos de sensacionalismo da grande mídia brasileira, aumentando mais e mais a insatisfação popular e até mesmo o ódio contra a presidenta e o seu partido.

O processo de *impeachment* de Dilma Rousseff consiste em uma questão processual aberta com vistas ao impedimento da continuidade do mandato de Dilma Rousseff como a Presidente da República do Brasil. O processo iniciou-se com a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, de denúncia por crime de responsabilidade pelo autor Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal.

As acusações alegam sobre desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa por parte da ex presidenta. Além de colocarem em

suspeitas a participação da presidenta em atos de corrupção na Petrobras, objeto de investigação pela Polícia Federal, no âmbito da Operação Lava Jato. Há, no entanto, muitos juristas que contestam a denúncia dos três advogados, dizendo que as chamadas "pedaladas fiscais" não caracterizam improbidade administrativa e que não existe qualquer prova de envolvimento da presidente em crime doloso que possa justificar o *impeachment*.

A partir da aceitação do pedido, formou-se uma comissão especial na Câmara dos Deputados, com a finalidade de decidir se o processo seria aceito ou não. O roteiro começou com os depoimentos dos autores do pedido e teve seguimento com a apresentação da defesa de Dilma. Neste período muitas manifestações de rua contra e a favor do impedimento aconteceram em todo o território brasileiro.

O relatório da comissão foi favorável ao impedimento da presidente Dilma em que 38 deputados aprovaram o relatório e 27 se manifestaram contrários. Em 17 de abril, o plenário da Câmara dos Deputados aprovou o relatório com 367 votos favoráveis e 137 contrários. O parecer da Câmara foi imediatamente enviado ao Senado, que também formou a sua comissão especial de admissibilidade, cujo relatório foi aprovado por 15 votos favoráveis e 5 contrários. Em 12 de maio o Senado aprovou, por 55 votos a 22, a abertura do processo, afastando Dilma da presidência até que o processo seja concluído.

3. METODOLOGIA.

De acordo com o objetivo da presente pesquisa de levantar as significações em torno do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, com o recorte de sujeitos que experienciam diferentes realidades e portanto constroem sua consciência e significado de formas distintas, se realizou em um primeiro momento uma revisão sistemática dos conceitos e categorias relevantes da psicologia sócio-histórica, bem como se procurou contextualizar de forma clara as condições políticas, econômicas e sociais nos quais o processo de impedimento da presidenta da república aconteceu.

Em um segundo momento foi utilizado como critério para selecionar os sujeitos da pesquisa o Atlas da exclusão social elaborado por Pochmann (2015) da cidade de São Paulo, que divide os municípios de acordo com uma escala de exclusão social categorizados em um índice que varia de 0 a 1, sendo o zero o número mais elevado de exclusão social e o 1, o número menos elevado de exclusão social. Estes índices são construídos a partir de dados oficiais, nos quais a exclusão social é avaliada de acordo com o número de desemprego e seus subprodutos que são a violência, vulnerabilidade juvenil e renda, explicitando então um território da cidade de São Paulo que revela suas mazelas sociais e desigualdades de acesso aos bens, bem como uma profunda regionalização da exclusão social.

O critério mais importante para a participação dos sujeitos na pesquisa se deu pela localidade onde cada um mora. Então, a partir do mapa da exclusão social da cidade de São Paulo, foram contatados dentre os conhecidos do pesquisador quatro estudantes universitários que residem dois deles em áreas vermelhas do mapa da exclusão social de São Paulo e dois deles que residem nas áreas verdes de São Paulo. No entanto, no decorrer da pesquisa, no dia em que estava marcada a conversação com os colaboradores da área verde de São Paulo, um dos colaboradores teve um imprevisto com questões de saúde e não pode comparecer, dessa forma, a conversação com os colaboradores da área verde só se deu com um deles.

A escolha por estudantes universitários se deu a partir da constatação do movimento estudantil, principalmente os movimentos de ensino superior, como

importantes movimentos nas lutas democráticas travadas na história do Brasil, e o protagonismo dos estudantes nos momentos de acirramento político do país. Ainda, por entender que no Brasil a entrada no ensino superior é uma marca importante para o contato com a discussão política e o desenrolar de temas e assuntos pertinentes aos que foram discutidos nessa pesquisa.

Os nomes dos colaboradores foram omitidos por questões éticas e foram substituídos por nomes escolhidos pelo pesquisador. Antes do início da conversação e do preenchimento do questionário os colaboradores das duas zonas assinaram e concordaram em participar da pesquisa a partir do documento de "Termo de consentimento Livre e Esclarecido" (Anexo 1), logo após responderam a Ficha do Participante (Anexo 2).As características dos colaboradores foram delimitadas a partir da Ficha do Participante que foi aplicado antes do início da conversação e as características sociais e pessoais de cada colaborador foram tabuladas, como abaixo:

Zona Vermelha:

Nome Fictício: João

Idade: 22 anos

Escolaridade: Cursando ensino Superior – Economia

Bairro: Vila Nova Curuça – São Paulo - SP

Tempo que mora nessa Zona de São Paulo: 22 anos

Composição Familiar: Pai, Mãe e irmão e avos.

Renda Per capta: Até 1 salário mínimo

Participa de programa Social do governo Federal, estadual ou municipal? Programa Universidades para todos – PROUNI.

Os meios pelos quais mais se informou a respeito do impeachment: Internet

Nome Fictício: Paulo

Idade: 19 anos

Escolaridade: Cursando ensino Superior – Psicologia

Bairro: Vila Joselina – Franco da Rocha – São Paulo

Tempo que mora na Zona de São Paulo: 19 anos

Composição Familiar: Pai, Mãe e irmão.

Renda Per capita: Até 6 salários mínimos

Participa de programa Social do governo Federal, estadual ou municipal? Não

Os meios pelos quais mais se informou a respeito do impeachment: Internet

Zona Verde:

Nome Fictício: Fernando

Idade: 22 anos

Escolaridade: Cursando ensino Superior – Direito e Filosofia

Bairro: Bela Vista – São Paulo - SP

Tempo que mora nessa Zona de São Paulo: 22 anos

Composição Familiar: Pai, Mãe e irmão.

Renda Per capita: Mais de 6 salários mínimos

Participa de programa Social do governo Federal, estadual ou municipal? Não

Os meios pelos quais mais se informou a respeito do impeachment: Jornal.

Esses são os colaboradores da pesquisa e suas características, marcadamente moradores de zonas distintas de São Paulo que, enquanto os das zonas vermelhas experienciaram durante toda vida um alto nível de exclusão social, o colaborador da área verde nasceu e cresceu em um dos bairros mais privilegiados de São Paulo no que diz respeito a acesso de

direitos e também próximo à escala 1 do Atlas da Exclusão Social da Cidade de São Paulo, que significa os menores índices de exclusão social.

Os passos da pesquisa foram os seguintes:

1) Contatos com os colaboradores;
2) Marcação do dia da conversação;
3) Assinatura do documento “Termo de consentimento livre e esclarecido”;
4) Aplicação da Ficha do participante delineadora das características dos colaboradores;
5) Foi passado um vídeo que conta a trajetória do processo de *impeachment* como motivador para a conversação. O vídeo está disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=J7KQt6AbZLE;
6) Início da conversação em que o pesquisador seguiu um roteiro de apoio caso precisasse incentivar a discussão (Apêndice 1);
7) As gravações foram devidamente transcritas (Anexo 4) zona vermelha e Zona verde.;
8) Foi realizada uma leitura sistemática grifando os conteúdos de pré indicadores para a construção de indicadores e posteriormente os núcleos de significações. (Anexo 3);
9) Foi realizada a análise de acordo com a perspectiva da psicologia sócio-histórica e os Núcleos de Significação e apresentadas no capitulo resultados dessa pesquisa em forma de texto;

Como método de acesso aos conteúdos subjetivos construídos a partir da realidade de cada colaborador foi utilizada a conversação que, como sugere GONZÁLEZ REY, (2005) a dinâmica conversacional entende que a conversação carrega e emerge o sentido subjetivo do sujeito através das significações de sua experiência pessoal por vias de sua fala reflexiva. Surge então novos processos simbólicos e do campo da emoção. Essa metodologia coloca o pesquisador em um espaço de desvendar os significados subjetivos presentes nas falas daqueles pesquisados.

As conversações foram realizadas em dias distintos. A conversação com os dois colaboradores da zona vermelha foi realizada no dia 03/05/2017 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Participaram Paulo e João, e a duração foi de 01:18:52. Após o termino a conversação foi devidamente transcrita e se encontra na integra nos apêndices dessa pesquisa.

A conversação com o colaborador da área verde aconteceu no dia 06/05/2017 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Participou o colaborador Fernando, teve duração de 01:20:37. Após o termino a conversação foi devidamente transcrita e se encontra na integra nos apêndices dessa pesquisa.

Após a conversação, os dados foram apresentados de forma qualitativa e a análise foi feita a partir da metodologia sugerida por Aguiar e Ozella (2006) dos núcleos de significação, nos quais a apreensão das significações só é possível a partir de uma compreensão dialética das relações parte/todo que constituem a realidade, isto é, a partir de um amplo conjunto de elementos objetivos e subjetivos que a configuram e determinam seu movimento. É essa compreensão, portanto, que implica o uso dos núcleos de significação, não de modo reduzido a uma técnica, mas um procedimento que, considerando as mediações histórico-sociais e as contradições que atravessam tanto o sujeito quanto a realidade na qual atua, apresenta possibilidades de alcançar, por meio da análise e da interpretação, o processo de constituição de significações.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Zona Vermelha.

4.1.1. Núcleo 1. O Impeachment.

O impeachment como rompimento da democracia.

> *"Eu não acreditava que aquele processo de impeachment estava sendo conduzido de uma maneira totalmente legal assim, acho que ele foi disfarçado com ferramentas jurídicas para poder passar uma visão de que estava sendo legal, mas ele não tinha base real para poder afastar a presidenta" (João, zona vermelha)*

Esse núcleo de significação que é compartilhado pelos colaboradores evidencia um sentido construído à cerca do processo de *impeachment* que de alguma forma foi vivido, experienciado e significado como um momento em que não se respeitou o estado democrático de direito.

> *"Não foram respeitados os votos de milhões de pessoas que colocaram ela, e era muito claro os interesses que estavam por traz daquilo, como foi a facilidade que teve esse processo todo ne?"(João, zona vermelha)*

Para os colaboradores, o processo de *impeachment* não representou um momento da história do país que será lembrado pela luta da democracia, mas sim como um momento de rompimento da mesma, em detrimento de interesses que não eram os interesses da coletividade e muito menos do democrático.

Os colaboradores ao dizerem sobre o processo de *impeachment* expressam-se com palavras e sentimentos de pesar, tristeza e injustiça vividos. Além de considerarem que o processo estava sendo manobrado com ferramentas jurídicas para que se legitimasse o projeto de poder de uma maioria parlamentar que se viu ameaçados nos seus privilégios.

> *“O impeachment não estava sendo conduzido de uma maneira totalmente legal assim. Acho que ele foi disfarçado com ferramentas jurídicas para poder passar uma visão de que estava sendo legal, mas ele não tinha base real para poder afastar a presidenta” (João, zona vermelha)*
>
> *“Deu uma tristeza, fiquei, bem, na semana que ela foi afastada, emocionalmente bem abalado” (João, zona vermelha)*
>
> *“É aquele rir pra não chorar, eu me senti bem desse jeito.” (Paulo, zona vermelha)*

Muitos autores e intelectuais nacionais e internacionais também compartilharam das significações expressas pelos colaboradores dessa pesquisa, em que o sentimento de ruptura do estado democrático de direito foi brutal para o processo histórico da democracia brasileira.

Yarochewsky (2016) escreveu um livro intitulado “Tchau, querida democracia”. Nesse livro o autor também expressa sua significação de um processo de *impeachment* que afetou de forma significativa a ainda imatura democracia brasileira. O autor traz em seu livro a reflexão de que não havia crime cometido pela presidenta de república e que, portanto, o processo de *impeachment* estava violentando o estado democrático de direito. Acrescenta também, que mesmo aqueles juristas que entendiam que o processo de *impeachment* tem uma natureza predominantemente política, para evitar qualquer analogia ou possibilidade de conexão com um golpe, afirmavam com uma margem de certeza que não há possibilidades de um processo de *impeachment* ser guiado sem que haja cumprido com os requisitos jurídicos para tal, assim como já explicitado em outros momentos nessa pesquisa. Qualquer outro delineamento desse processo se configuraria como um golpe completamente fora do princípio da legalidade.

Assim como para os colaboradores, Yarochewsky (2016) considera que a admissibilidade do processo de *impeachment* pelo presidente da Câmara dos deputados, o até então Eduardo Cunha, hoje condenado pela Operação Lava Jato, foi inconsistente e frágil, baseado em impressões subjetivas e alegações vagas. Dizendo também que os acusadores e o receptor da denúncia não

estavam sendo orientados e fundamentados pelos preceitos e argumentos jurídicos, mas em avaliações parciais de caráter puramente político e partidário, aproveitando-se de circunstâncias graves do momento político e econômico do país. Para ele, os denunciantes e o receptor do processo se afastaram de forma trágica da ética e da responsabilidade, atuando por impulsos e parcialidade causando enorme prejuízo ao povo brasileiro. Assim também expressam os sentimentos dos colaboradores ao afirmarem:

> *"Era muito claro os interesses que estavam por trás daquilo, como foi a facilidade que teve esse processo todo ne? Foi algo muito simples e fácil, defendendo os interesses de uma camada" (João, zona vermelha)*
>
> *"Mas eu não acho que ir contra o método de governo e crise sejam motivos para você afastar um presidente. (Paulo, zona vermelha)*

Nesse sentido, os colaboradores ao dizerem do processo de *impeachment* colocam seus sentimentos de desamparo e convencidos de que o processo estava cumprindo com um objetivo claro de afastar uma presidenta e um partido que de alguma forma não conseguiam mais dar respostas a setores mais conservadores da sociedade, a manter os privilégios dos mesmos e, portanto, o *impeachment* começou a ganhar corpo e a virar pauta e então ser consumado.

Para os colaboradores o *impeachment* representou um projeto de poder e um desnudar de uma política à mercê do mercado financeiro e dos setores economicamente elitizados e donos do rentismo brasileiro. No entanto, os colaboradores se colocam de forma crítica diante das políticas econômicas adotadas pelo governo Dilma, e se colocam de forma conscientes diante de uma forma de fazer política que procurou manter uma conciliação entre diferentes interesses e classes sociais que no momento do arrocho e da crise eclodiu no *impeachment* e na ruptura da democracia.

> *"Ela cometeu erros graves do ponto de vista econômico pra mim. Era um momento para aplicar medidas econômicas para*

> *sair da crise ali, e ela fez totalmente ao contrário para não peitar os interesses de banqueiros, interesses de latifundiários da classe que está financiando todo esse projeto, que financia toda essa governabilidade. Então, eu nunca votei na Dilma, com exceção do segundo turno de 2014 eu acabei votando nela, mas não foi a minha primeira opção, não vejo nela uma figura exemplar para presidente, mas não acho também que o afastamento dela foi legítimo. Eu acho que foi exatamente por não conseguir dar mais respostas a esses setores, não conseguir mais fazer essa conciliação entre as classes sociais diferentes que ela acabou saindo." (João, zona vermelha)*

Um importante sociólogo brasileiro escreveu um livro intitulado "A radiografia do Golpe, entenda como e porque você foi enganado" e nesta obra o autor Souza (2006) vai fazendo uma análise bem consistente e de encontro com as significações dos colaboradores dessa pesquisa. Primeiro que o autor vê uma clareza em que, apesar das manifestações de 2013 terem gerado um caldo de manifestação apoiado pela mídia, que desde aqueles tempos já mapeava seu projeto e escancarava sua parcialidade referente ao governo vigente, arrastando multidões, a massa popular tinha uma breve noção ou sensação que o *impeachment* representava uma afronta aos direitos das classes mais pobres do país. Então, é possível dizer que os colaboradores dessa pesquisa, ao construírem os sentidos em torno do *impeachment* a partir de suas realidades materiais, incorporaram esse grupo popular que tinha uma noção e uma consciência de que o *impeachment* representou uma afronta as conquistas sociais que impactaram diretamente às classes mais pobres do país.

Em segundo lugar o autor faz uma análise social e política do processo de *impeachment,* que tem uma conexão muito próximo das significações dos colaboradores da pesquisa, em que ele considera que o *impeachment* representou um golpe de estado por um amplo acordo de interesses entre a elite brasileira, mais representada hoje em dia pela elite financeira. O autor afirma que para entender esses interesses que atravessaram esse processo é necessário se atentar para as hierarquias colocadas no processo histórico desses interesses, o primeiro deles são os interesses econômicos e os

segundo deles tudo que o primeiro pode comprar, como o apoio midiático e o prestígio construído de qualquer imagem.

Por fim, Souza (2016), resume de forma muito concisa as significações apesentadas pelos colaboradores dessa pesquisa, que a partir da subjetivação do processo de *impeachment* e na sua relação dialética com a realidade viram o ocorrido no Brasil um processo de golpe violento na democracia envolvendo três instância poderosas e de vozes no país: 1) o congresso comprado pelo poder econômico e vendido para aqueles que mantêm suas candidaturas, ou seja a elite econômica do país, juntamente com uma 2) mídia venal, e uma 3) fração da instituição mais corporativa e moralista que é o judiciário.

Essas três instâncias articularam um golpe de estado à moda do capitalismo selvagem enfraquecedor das garantias democráticas. Esse mesmo capitalismo que saqueia a riqueza nacional, em pacto com um estado repressivo e policial, comandado por mestres da hipocrisia como Eduardo Cunha e seus subordinados. Nesse sentido, as palavras de Souza (2016) vêm compilar de forma brilhante as significações dos colaboradores dessa pesquisa:

> “O ataque à democracia e as garantias constitucionais se deu em nome da justiça e da moralidade” (SOUZA, 2016 p. 131)

4.1.2. Núcleo2: O acesso ao ensino superior: Antes e depois

O acesso ao ensino superior como marco do pensamento político e a visão de democracia: a educação que me emancipou da apatia política vivida pela periferia.

CANÇÃO PARA OS FONEMAS DA ALEGRIA

Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
este canto de amor publicamente.

Sucede que só sei dizer amor
quando reparto o ramo azul de estrelas
que em meu peito floresce de menino.

Peço licença para soletrar,
no alfabeto do sol pernambucano
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,

e pode ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas
São mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa

Às vezes nem há casa: é só o chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
diferente, que acaba de nascer:

porque unindo pedaços de palavras
aos poucos vai unindo argila e orvalho,
tristeza e pão, cambão e beija-flor,

e acaba por unir a própria vida
no seu peito partida e repartida
quando afinal descobre num clarão

que o mundo é seu também, que o seu trabalho
não é a pena que paga por ser homem,
mas um modo de amar — e de ajudar
o mundo a ser melhor

Peço licença
para avisar que, ao gosto de Jesus,
este homem renascido é um homem novo:

ele atravessa os campos espalhando
a boa-nova, e chama os companheiros
a pelejar no limpo, fronte a fronte,

contra o bicho de quatrocentos anos,
mas cujo fel espesso não resiste
a quarenta horas de total ternura.

Peço licença para terminar
soletrando a canção de rebeldia
que existe nos fonemas da alegria:

canção de amor geral que eu vi crescer
nos olhos do homem que aprendeu a ler.

THIAGO DE MELLO

Santiago do Chile, primavera de 1964

In Faz Escuro Mas Eu Canto, 1965

Esse núcleo de significação vem trazer à luz um processo vivido pelos moradores da Zona Vermelha da cidade de São Paulo que aparece como um marco fundamental na visão de mundo e na forma pelo qual os colaboradores subjetivavam sua realidade antes e depois de entrarem no ensino superior. A entrada na Universidade marca de forma significativa a subjetividade dos colaboradores de tal modo que eles se veem de formas distintas nesses dois momentos da vida.

O processo de *impeachment* é um acontecimento que evidencia uma mudança na atitude, na visão e na participação pública bem como no interesse pela vida política, autocrítica, embasamento e engajamento político dos colaboradores, sendo esse processo um dos mais marcantes e acentuados no que tange a mudança vivida por eles ao entrarem no ensino superior.

Ainda, como parte desse processo marcante de entrada no ensino superior esse núcleo de significação também evidencia um distanciamento vivido pelos colaboradores dos ideais e visões compartilhadas pela comunidade e região nas quais eles nasceram, cresceram e ainda vivem.

Ao discursarem sobre o *impeachment* os colaboradores marcam a diferença entre o que eles pensam hoje, e o que eles pensavam antigamente, antes da entrada no ensino superior. Também marcam de forma bem consistente uma separação entre os significados acerca da política, democracia e do processo de *impeachment* construídos por eles e os construídos pelas pessoas da periferia que possuem uma vivência próxima deles na comunidade em que estão inseridos. Ou seja, há nas significações dos colaboradores um marco fundamental na emancipação vivida a partir da experiência de uma educação que lhes possibilitou a tomada de consciência e a partir de então o engajamento nas lutas sociais e na batalha política por direitos e pela democracia.

Paulo Freire (1974) em seus escritos “Educação como prática de Liberdade” vai dizendo que a educação que realmente fazia sentido para o Brasil em tempos de transição para um estado democrático, partindo a sociedade brasileira de muitas experiências de inexistência democrática, seria uma educação que, mais importante que qualquer coisa, fosse insistente na mudança de atitude, que essa criasse disposição democrática. Para Paulo Freire (1974) a educação seria a chave para a liberdade das correntes sociais engendradas na vida daqueles que foram e são oprimidos por um sistema de manutenção de privilégios.

É completamente coerente que se faça uma leitura da entrada dos colaboradores na universidade munidos das palavras de Paulo Freire:

> Ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença do homem. Na crença que ele não só pode como deve discutir os seus problemas. Os problemas do seu país. Do seu continente. Do seu mundo. Os problemas do seu trabalho. Os problemas da própria democracia.
>
> A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob a pena de ser uma farsa. (FREIRE, 1974 p. 96)

Neste sentido, os colaboradores apresentam falas que demonstram claramente a importância da educação do ensino superior em suas vidas e o contato com o conhecimento. Essa entrada na Universidade mudou a forma

como eles experienciaram e significaram o processo de *impeachment*. E, mais que isso, deu a possibilidade desse mesmo que se sentirem capazes e comprometidos com a crítica que esse momento histórico surgiu no Brasil.

> ***"****Eu comecei entender mesmo de política de 2015 para cá né? Eu comecei a acompanhar e participar de movimentos estudantis em geral. Antes disso eu não tinha conhecimento de política,"(João, zona vermelha)*

> *"Agora, pra mim, não fazia muito sentido até o momento que estudei economia né" (João, zona vermelha)*

> *"E ai começaram a vim algumas medidas para cá, como reforma PEC 55 que, embora para mim teve uma discussão muito grande, principalmente por estar na faculdade," (João, zona vermelha)*

> *"Eu vivo em uma maré de pessimismo, infelizmente cada eleição a gente tem que optar em votar entre o menos pior,, mas eu me movimento, agora estou cada vez mais no movimento estudantil e também participando junto com alguns partidos conhecendo e indo em reuniões e eu tento manter de certa forma uma esperança," (João, zona vermelha)*

Essas falas dos colaboradores ilustram o que essa pesquisa evidenciou do processo educacional na vida dos colaboradores, possibilitando a cada um deles a criticar sua realidade social, política e a própria democracia.

A significação de democracia dos colaboradores também sofreu uma alteração no momento que estes entraram no ensino superior. Essa marca os incluiu no debate sobre este tema. Antes disso, segundo eles, política e democracia não faziam parte de suas discussões. Um dos colaboradores se diz indiferente a tudo isso, e o outro relata sua experiência com a religião que não permite a discussão política. No entanto, quando chegam na faculdade essas barreiras parecem serem quebradas e uma opinião, significação e vivência acerca da democracia e da política começa a ser construída, muito baseada nas suas condições reais e materiais, sem que eles tenham perdido a noção de

que fazem parte de uma população à mercê de direitos, que é a população periférica da cidade de São Paulo.

> *"Eu ainda era, estava para 18 anos, ainda tinha acabado de sair do ensino médio e não tinha muito embasamento também, eu fui pegar embasamento depois, então enquanto estava tendo o processo, eu era indiferente também, então era só mais uma coisa, vai sair um presidente e vai entrar outro. E ai foi no ano passado quando ele estava começando (quando também o colaborador estava pra entrar na universidade) a ser finalizado que eu comecei a me introduzir mais sobre o assunto, mas era bem distante." (Paulo, Zona Vermelha)*

> *"É eu fui muito limitado até porque eu vim de um lar muito conservador, então assim de uma religião que acaba abafando esse discurso político, então minha família é testemunha de Jeová, então eles não se envolvem em política, não votam, só anula voto, não tem nenhum representante na política, não se discute. Então, lá em casa não se discute política." (João, Zona Vermelha)*

Existe nessas falas dos colaboradores uma construção de significação de uma vivência distante do estado democrático de direito, distante da participação política, e até mesmo, no caso da religião, uma visão de política que não se deve falar, pensar e discutir, essas significações aparecem como sendo as construídas e vividas antes da entrada no ensino superior.

A conversação sobre o *impeachment* suscitou nos colaboradores vários questionamentos. No entanto é evidente nas falas deles uma crítica a respeito da democracia brasileira. O *impeachment* parece ter ressaltado um sentimento de que a democracia, que já quase não existe na visão deles, não é plena, não acontece como deveria. Um dos colaboradores relata ficar muito abalado emocionalmente após Dilma ser deposta da presidência, o pesquisador questiona sobre de onde vinha o abalo e a resposta do colaborador é a seguinte:

> *"Ele vinha no sentido de acreditar que a gente não tem uma democracia plena né? não foram respeitados os votos de*

> *milhões de pessoas que colocaram ela." (João, Zona Vermelha)*

Essa crítica, possibilitada pelo processo de educação, não qualquer educação, mas tal como Paulo Freire dizia na transição do Brasil da ditadura militar para um estado democrático e de direito, uma educação como prática de liberdade, incorporou nas falas dos colaboradores a noção de um estado dominado pelo poder econômico vigente, e uma democracia ainda inexistente.

> *"Pra mim a democracia seria a decisão do coletivo, o coletivo decide. No caso brasileiro, quem vai representar essa coletividade, e acaba elegendo essa pessoa, embora a gente perceba que hoje, não só de hoje, mas, ela realmente não funciona assim, eu acho que a gente tinha que radicalizar essa democracia." (João, Zona Vermelha)*

> *"Eu não concordo com um Brasil democrático porque não é, isso que a gente vê no dia dia. Então, eu acho que deveria ser passando por umas reformas mais radicais, para a gente atingir a democracia no Brasil que é só, é quase um mito." (Paulo, Zona Vermelha)*

Para os colaboradores o impeachment e tudo o que enredou esse processo demonstrou uma fragilidade da democracia brasileira, no sentido em que para eles quem governa o país é o grande poder econômico tal como foi na colonização, tal como foi em todos os anos de história do Brasil:

> *"Acho que está muito no sentido de quem realmente governa esse país, existem interesses por de trás de cada decisão, e se você quer seguir a diante no poder você precisa conseguir conciliar esses interesses né? E o Brasil é muito bom nisso, desde sua formação colonial até hoje a gente tem uma elite que é... tem base latifundiária de monocultura e que esse pessoal realmente governa o Brasil. Então, enquanto você é, se você tentar radicalizar um pouco isso, contrariando esses interesses, você não consegue governar, ter governabilidade no Brasil" (João, Zona Vermelha)*

> *"A Lava Jato pra mim ela está ai mostrando o que já acontecia desde o Brasil colonial, quem realmente manda nesse país,*

> *como são as relações entre o privado e o público, ela só esta escancarando isso, que seja realmente seguir né? é continuidade", (João, Zona Vermelha)*

Nesse sentido, Paulo Freire (1974) em seu livro "Educação como prática de liberdade" ao realizar uma análise histórica cultural da não experiência democrática vivida pelo Brasil também recorre aos processos colonizadores e seus interesses e a dificuldade de se transformar uma sociedade incorporada dos ideais democráticos com um histórico tão marcante de inexperiências democráticas.

O autor vai dizer que o Brasil nasce e cresce em experiências contrárias a democracia, em que o sentido mais marcante de nossa colonização, além de fortemente predatória, tem uma base de exploração econômica e também exploração de gente, de pessoas, em que o poder dos grandes senhores, a elite da época, se estendia do domínio à riqueza até o domínio das pessoas negras, locais e posteriormente importadas da África. Ou seja, a colonização não tinha intenção alguma de criar condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade permeável, flexível muito importante e característica de um clima cultural democrático. Nesse sentido, a economia brasileira, e juntamente com uma organização social, assentada numa base escravocrata não comportaria de forma alguma uma democracia popular.

A colonização brasileira foi uma empreitada comercial, continua dizendo o autor, por isso o completo desinteresse dos colonizadores de tornar essa terra uma civilização. Ao caminharmos mais adiante, em um outro momento da história brasileira em que podíamos então frutificar essa terra de civilizados, foram doadas as milhas de terras a poucos e com essas terras aqueles que nelas vinham juntos para se explorar o trabalho. Os Senhores dos engenhos e das grandes fazendas precisavam garantir suas riquezas e proteger seus privilégios, fazendo de forma arrogante agressiva e violenta. É desse modo que nasce um Brasil. Em uma estrutura de grane domínio.

Coloca-se então uma questão importante para a democracia Brasileira: como desenvolver o diálogo? Que é importante para uma civilização democrática em um estado que se funda e se estrutura no grande domínio

vertical das elites monetárias do país? Não há dialogação no domínio, e para aquelas classes dominadas, segundo Paulo Freire, restou o mutismo a típica não participação nos problemas.

As significações dos colaboradores dessa pesquisa carregam esse processo histórico cultural, na medida em que a periferia de hoje é formada em grande parte pelos dominados e explorados de ontem, a participação política e na democracia está sob o poder dos senhores do dinheiro e dos governantes, que não obstante são os mesmos. Ou seja, para os colaboradores, ainda quem dita as regras, quem faz governar esse país é o poder econômico, tal como expressou o *impeachment* que aconteceu em um momento de crise econômica, queda da taxa de lucro e ameaça de privilégios da elite do país, aliadas a um povo que carrega na sua história a inexperiência da democracia. Tal como se questionou Paulo Freire:

> Como há a possibilidade de uma vida urbana, democraticamente urbana, com o poderosísmo econômico da grande propriedade? Com a sua autarquização? A grande propriedade e asfixiante fazia gritar tudo em torno de si. (FREIRE, 1974. P. 72)

Os colaboradores se reconhecem como parte dessa história e se colocam como parte dela, reconhecem que somente a educação pode libertá-los de uma vida alheia e desconectada do olhar para os interesses que engendram a democracia brasileira. Para eles, como já expresso na fala de um dos colaboradores “a democracia é quase um mito”, e isso se revela de forma muito clara e inquestionável quando o *impeachment* ganha corpo no país.

Como já dito, os colaboradores ao dizerem sobre o *impeachment*, sua visão sobre ele, sobre o que seria democracia e política deixam uma fronteira demarcada entre suas significações e as significações da periferia.

> *“Eu sou João, moro na Zona Leste, São Miguel Paulista. Referente essa pesquisa, eu acho que talvez de certa forma eu tenha um ponto de vista que de certa forma seja uma exceção dali de onde eu moro, mas eu posso trazer o que eu vi ao meu redor, mas eu sou de certa forma um atípico, até mesmo por estar na PUC.” (sic) (João, Zona Vermelha)*

> *“Eu sou Paulo, eu moro em Franco da Rocha, um pouco longe daqui eu posso falar isso também que ele falou, sobre ter uma opinião totalmente diferente dos de lá, apesar de ser de lá, é igual o que você falou aí, exatamente isso que ele falou, e eu entrei na PUC esse ano, primeiro semestre de psicologia.” (Paulo, Zona Vermelha)*

Os colaboradores carregam uma visão de uma periferia que primeiro apoiou o processo de *impeachment,* mas foi um apoio dado a partir da ignorância e da opinião formada pela mídia brasileira, que na atual conjuntura representa também os interesses da elite monetária do país, ou seja, não representa o direito do povo periférico, e, por fim, no processo de pensar e questionar esse movimento da periferia de apoio ao *impeachment* os colaboradores colocam suas significações muito bem fixadas em uma democracia que ainda não foi sentida, incorporada e ainda não faz parte da população periférica, que tem suas preocupações voltadas para as questões diárias como trabalho, descanso e lazer e uma visão de política como sendo o espaço onde apenas se frutifica roubo e corrupção.

Para os colaboradores os ideais democráticos ainda não foram incorporados pela periferia. As significações dos colaboradores da pesquisa em torno do movimento da periferia diante da política, da democracia e do *impeachment* transita entre o indiferente e um apoio massivo pautado na falta de crítica e na ignorância.

> *“Mais ainda, por uma parte grande da população, que estava apoiando isso – o impeachment -, principalmente na minha família e na região que eu moro, pessoas que não tinham de certa forma um conhecimento do processo, era indiferente para eles.” (João, Zona Vermelha)*

> *“É bem semelhante a minha opinião com a dele, minha vivência também era muito diferente, e quem tinha uma opinião sobre, apoiava o processo de impeachment”,(Paulo, Zona Vermelha)*

Para os colaboradores o *impeachment* foi apoiado pela periferia porque ela não consegue balizar os interesses que estão por trás das decisões e da

política. Outra significação importante dos colaboradores foi a posição da mídia como formadora de opinião na periferia. A informação que circula na periferia não é a estudada e discutida, é uma reprodução automática do que se vê na grande mídia, nos jornais televisionados, esses que estavam dando um apoio escancarado ao *impeachment*, já que estes também são sustentados pelo elitismo monetário e fazem seu jogo de poder na política e na democracia.

Por vezes os colaboradores relatam que os moradores da periferia ao chegarem do trabalho, só viam o assunto de *impeachment* na televisão, e sempre num viés depreciador do Partido da presidenta, em sua imagem e uma cobertura completa e exagerada de todo movimento que poderia de alguma forma convencer a população em geral que o melhor caminho era o *impeachment*.

> *"Eu acho que o processo de impeachment ele teve um respaldo muito grande da população periférica, eu acho que foi essa imagem que foi vendida né? Então ali a mídia teve seu papel, deixou muito claro: "precisamos tirar a Dilma,"" (João, Zona Vermelha)*

> *"mas eu vejo que isso foi muito pela mídia entendeu? Pela mídia tradicional que é o que está no dia dia né? todo mundo ali vai assistir um Jornal Nacional a noite, ou um Marcelo Rezende ou um Datena, e é essas as opções que tem" (João, Zona Vermelha)*

> *"Acho que a mídia cumpriu um papel muito bem feito nesse sentido, e é acabou impactando sim, quando chamava assim a população ficava revoltada achando que era o corrupto que estava fazendo de tudo para não ser preso." (João, Zona Vermelha)*

> *"Eu acredito que um pouco antes do impeachment já começaram meio que a derrubar essa imagem do PT com processo de corrupção e isso muito forte na mídia né? que foi derrubando essa popularidade. Então, nos primeiros governos Lula você tinha uma força muito grande ali pró PT, com a Dilma isso diminuiu um pouco e depois que começou a vim á público esse processo de corrupção principalmente com foco maior nos Partidos dos Trabalhadores isso fez com que a população se virasse mesmo contra, e a favor de um discurso contra a corrupção." (João, Zona Vermelha)*

A periferia vive uma descrença na política, um distanciamento imenso da democracia, não consegue de alguma forma enxergar uma representatividade e os efeitos da democracia e as políticas públicas que no processo histórico trouxeram modificações muito sutis, nenhuma delas estruturais, no sentido da educação, no sentido de direitos, isso contribuiu para uma apatia política da periferia.

A periferia nas significações dos colaboradores não viveu esse processo de *impeachment* de forma consciente e pouco se implicou nele, foram, muito influenciados pela mídia que bombardeou de informações de corrupção ligadas ao Partido dos Trabalhadores, o que foi aos poucos revoltando a população que, sem condições reais de colocar o processo de *impeachment* num lugar crítico, juntou suas consternações gerais contra a presidenta, sem de fato entender, explicar e dizer de forma consciente o que estava acontecendo com o país.

A mídia cumprindo um papel importante na moralização da política divulgando muitos conteúdos depreciadores do Partido dos Trabalhadores foi aos poucos com discursos que margeavam de fato crime de responsabilidade fiscal que acusava Dilma Rousseff sendo deixado de lado a tal ponto que, nas significações dos colaboradores, a periferia se quer conseguiria explicar de forma clara que a presidenta cometeu o crime pelo qual foi deposta, mas diriam que foi corrupção ou qualquer outra coisa.

> *“Acho que, se perguntarem por que a Dilma saiu eles vão fala que foi por causa da má administração dela, eles não vão comentar que teve que ela foi acusada de crime, que eles não vão comentar que corrupção, eles não vão comentar nada disso, eles vão falar que os protestantes e protestavam contra a presidente e ai ela saiu.”(Paulo, Zona Vermelha)*

Sendo a democracia um tema primordial para entender o *impeachment*,os colaboradores ao olharem para as manifestações da periferia em relação ao processo significam que a democracia para a periferia não é entendida, não é colocada em prática e eles não saberiam dizer o que é a democracia.

> *“Eu acho que eles não tem muita noção de democracia, nunca vi eles discutirem politica” (Paulo, Zona Vermelha)*

> *“Eu acho que o povo de onde eu moro não saberia explicar o que que seria uma democracia né? É mais um pessoal que vai acordar cedo trabalhar e retornar e ter a sua preocupação com seu lazer do final de semana e o futebol, com alguma recriação, mas em si eles não sabem o que é democracia,” (João, Zona Vermelha)*

A apatia política da periferia, segundo os colaboradores dessa pesquisa contribuiu para o apoio ao *impeachment*. No momento em que não se discute política, não se reconhece o valor da democracia e não se incorpora isso à vida, a periferia fica à mercê dos interesses dos grandes negócios que compram a mídia, o governo e dirá a justiça, onde em um sistema capitalista tudo é mercadoria. Ao não reconhecer a democracia e não praticá-la diariamente, as pessoas da periferia diante do reproduziram o que sempre serviu de explicação para o não envolvimento como a corrupção:

> *“Para esse tipo de pessoa eu acho que é indiferente, não sabe o que é um prefeito um vereador um governador e não sabe qual o papel deles e eu acho que eles sentem uma certa falta de representatividade nisso também, então, é “a politica e suja e a politica é corrupta não presta, então, tanto faz se vai tirar esse e colocar o outro, e pra gente não muda nada” né?” (João, Zona Vermelha)*

Ainda como parte do processo de *impeachment,* São Paulo foi palco de enormes manifestações contra e a favor, esse ato, o que também é uma expressão democrática. Foi de suma importância na pressão popular por aceitar ou recusar esse processo como algo viável, para a tão rudimentar democracia brasileira.

Também nessas manifestações os colaboradores deixam claro as diferentes posturas implicadas deles e da periferia onde moram. Enquanto eles estavam de prontidão para a luta democrática e se colocaram nas

manifestações, fizeram presença e se envolveram, a periferia não participou, não se envolveu e não reconheceu que aquele era um espaço de reinvindicação importante e de influência importante não só para o *impeachment,* mas para a garantia de direitos.

> *"Onde eu moro, bom eu acompanhei o processo inteiro, foram horas né? e eu acho que, pelo que eu conversei com geral a maioria não acompanhou né? viu depois na internet de alguns clichês que apareceram, ficaram assustados um pouco, mas já tinham uma descrença, depois que eles viram a maneira como alguns na câmara se comportavam ficou ainda mais evidente o exposto ao ridículo como são tratadas as questões ali, mas eu acredito que ali a maioria não assistiu, foi ver só no fim do dia se passou ou não e um outro ponto é no outro dia a vida seguiu como se nada tivesse acontecido" (João, Zona Vermelha)*

> *"Não, onde eu moro ninguém se mobilizou, via, mas até para chegar na Paulista era quase duas horas, então ninguém foi, eu acabei indo em muitas contra o impeachment, que tiveram algumas com repressão muito forte inclusive, mas no geral, o pessoal ligava a TV e via, pouquíssimas pessoas de onde eu moro participaram de qualquer uma dessas manifestações." (Paulo, Zona Vermelha)*

Para os colaboradores as manifestações ocorridas em São Paulo, apesar de legítimas e importantes, evidenciavam um recorte de classe. A classe média, segundo os colaboradores, participou da democracia enquanto a classe baixa não se manifestou:

> *"Quem foi para a manifestação pró impeachment basicamente a classe média de Franco da Rocha, a classe mais baixa não se manifestou de jeito algum, a classe média alguns foram, inclusive parentes meus para a Paulista, vestidos de camisa verde e amarela da CBF aquele jeito todo. Mas a classe mais pobre não se manifestou de jeito algum." (Paulo, Zona Vermelha)*

> *"Porque domingo que é o único dia de lazer, sair de casa para ir na Paulista, que e para protestar por algo que eles não acreditam, acho que isso foi um dos motivos por a gente não estar presente" (João, Zona Vermelha)*

Ao serem questionados o porquê, quais eram as explicações possíveis que levava esse movimento tão apático da periferia em relação ao processo de *impeachment,* a política e a democracia, a respostas dos colaboradores foram as seguintes:

> *“Acho que a base de tudo que ele falou seria a educação,, porque de nada adianta acontecer isso, mas acho que a periferia não se envolveria tanto, porque eles não tem uma educação que faça entender que isso é importante então se eles não vão nem na escola deles porque eles iriam em atos, acho que não há nenhum reforço positivo.” (Paulo, Zona Vermelha)*
>
> *“a falta de informação e educação né?” (João, Zona Vermelha)*

Mais uma vez é completamente coerente com as significações dos colaboradores que voltemos a olhar esses dados à luz dos escritos de Paulo Freire (1974). Não é por nada que sua obra foi intitulada de “Educação como prática de liberdade”, e somente aqueles que puderam perceber uma educação libertadora em suas vidas poderiam dizer com tanta propriedade da liberdade que a educação pode proporcionar.

Nessa obra, Paulo Freire empenhado em pensar um novo rumo para o Brasil, um rumo na direção do estado democrático de direito, o autor se coloca a fazer uma análise histórica e cultural dos processos de democratização do país, suas potencialidades e limites. Para tanto ele vai dizer de um país em transição, transição essa que carrega uma inexperiência democrática desde o domínio colonial sobre o povo que aqui nasceu e aqui foi explorado.

Paulo Freire (1974) ao dizer da sociedade brasileira em transição faz uma análise do homem e da sua história. Afinal, o Brasil estava prestes a ser um país da participação popular. Mas como o ser? Com tantas experiências antidemocráticas, como construir a cultura democrática? a mentalidade democrática? num povo que experienciou longos anos de inexperiência da democracia? Em respostas a esses questionamentos Paulo Freire vai dizer que apesar desse histórico, o homem é movido em direção à humanização, humanização essa que transcende a experiência do puro contato vivido pelos

animais em geral. O humano, ele é da relação e não só do contato e a relação, a humanização, ela carrega em si muito mais que uma simples acomodação e assimilação vivida pelos animais, a humanização possibilita a integração, tornando o homem enraizado, um ser situado e dotado de sua temporalidade, de sua história do seu presente e de seu futuro.

Com isso, o homem para Paulo Freire é em si capaz de modificar sua realidade, pelo seu caráter criador e humanizado, criativo e protagonista da sua história. Essa condição do homem herdada às experiências adquiridas, criando e recriando, integrando-se as condições de seu contexto, respondendo os seus desafios, tornando se seu próprio objeto, com a transcendência e discernimento, lança-se o homem a um domínio que é de sua exclusividade, o da história e da cultura. Essa é a essência do homem.

No entanto os domínios verticais e elitizados tornam o homem popular um ser regredido à acomodação e assimilação, que é uma das grandes tragédias do homem moderno, o de ser dominado pelos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica e elitizada, que rouba do homem sua capacidade de decidir. O homem popular, nesse processo de ser dominado, é excluído do processo decisório. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas apenas apresentadas por uma “elite” que realiza a interpretação a modo de seus privilégios e entrega pronta, em forma de receita, ao povo. Afoga-se o povo no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado. Já não se reconhecem como sujeitos, nem de suas vidas, nem de sua história, Paulo Freire continua:

> “Libertou-se – diz Fromm – dos vínculos exteriores que o impediam de trabalhar, pensar de acordo com o que havia considerado adequado. Agora – continua – seria livre de atuar segundo sua própria vontade, se soubesse o que quer, pensa e sente. Mas não sabe. Ajusta-se ao mandado de autoridades anônimas e adota um eu que não lhe pertence. Quanto mais procede desse modo, tanto mais se sente forçado a conformar sua conduta à expectativa alheia. Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham”(FREIRE, 1974. P. 44)

Não obstante, a periferia viveu esse processo de *impeachment* como espectadores e à mercê do domínio monetário do país, uma grande elite ombreada da mídia, do parlamento e da justiça que, assim como nos primórdios desse país na sua colonização, colocaram em prática seu domínio violento e hostil, colocando o povo na condição de dominados e, portanto impossibilitados de exercer o que é a vocação do homem, a integração crítica do seu tempo, do seu país, da sua vida.

Para Paulo Freire, para os colaboradores dessa pesquisa, para o pesquisador e para a Psicologia Sócio-Histórica a humanização crítica, consciente, criadora, capaz de dar a vocação natural do homem à integração se realiza pela prática educacional que liberta. No entanto, um povo libertado é um povo revolucionário. A revolução popular não cabe privilégio, ou seja, não cabe uma elite dominadora e seus privilégios, também eles cientes disso não investem em uma educação criadora, mas grande parte dela em uma educação voltada para o mercado, se é que podemos chamar essa educação de educação, e isso não é por acaso, é pensado, é estratégico faz parte do jogo de domínio:

> *"Eu acredito que desde aquela época que já era interessante o não acesso a educação principalmente nas camadas periféricas, a gente avança sem fazer uma reforma estrutural na educação e reforma agrária entre outras, é interessante para continuar mantendo esses interesses. Então, quem está nesse circulo de poder não quer sair, e vai usar as ferramentas necessárias para se manter. Então a democracia não vai chegar na periferia enquanto a gente não conseguir contrarias esses interesses" (João, Zona Vermelha)*

Por fim, o *impeachment* foi mais uma investida da elite brasileira, ameaçada em seus privilégios sob um povo que aos poucos foi tomando os espaços. Para os colaboradores dessa pesquisa o processo de *impeachment* é mais uma marca do processo de domínio continuado desde a colonização.

4.2. Zona verde.

4.2.1. Núcleo 1. O impeachment.

O impeachment não se configurou como golpe, as significações que transitaram das certezas às dúvidas da legalidade democrática de um crime quase não comentado à explicações margeadoras do crime.

Neste núcleo de significação traremos aqui os sentidos e significados construídos pelo colaborador que nasceu, cresceu e viveu nas áreas verdes de São Paulo, que, segundo Pochmann (2015) vivem os mais baixos níveis de exclusão social, em torno do processo de *impeachment* e do que esse processo impactou na vida desse colaborador.

> *"O processo de impeachment de uma presidenta que tem um partido grande não é um caso qualquer né? É um caso de perigo institucional, eu sempre entendi isso, pra mim claramente eu acho que não houve golpe, não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade" (Fernando, Zona Verde)*

Para o colaborador o *impeachment*, ao contrário do que os opositores alegavam, não se configurou como um golpe, foi um processo que ocorreu dentro da legalidade, respaldado pela constituição e coerente com o momento que vivia o governo Dilma. Assim como a tese do golpe, a tese de que esse processo ocorreu dentro da legalidade foi amplamente discutida e apoiada por intelectuais brasileiros e internacionais.

Nogueira (2016) ao versar sobre o processo de *impeachment* diz com clareza que esse processo não feriu a constituição e nem explorou caminhos hostis à legalidade jurídico-política. Tal como as significações do colaborador dessa pesquisa.

Para o colaborador da pesquisa, Dilma não tinha capacidade de governar por sua inabilidade de comunicação, não conseguia mais fazer o diálogo político dentro do seu partido e da base do seu governo. Deste modo, ela foi tomando decisões e fazendo sua política de forma isolada e sem apoio

parlamentar, com forte depreciação pública, com medidas que aprofundavam a crise econômica política e social.

> *“você tinha uma encruzilhada, você tinha uma presidenta que não tinha capacidade de comunicação, não tinha capacidade de liderança,, não tinha capacidade de soluções, ela se provou várias vezes errada, ela se provou várias vezes incapaz de fazer uma gestão pública e as pessoas sentiam aquilo, então todo o processo foi assim sabe? e tudo que foi entregue, foi entregue muito mal, a politica econômica foi um desastre e as pessoas sentiram isso assim.” (Fernando, Zona Verde)*

Nogueira (2016) também compartilha dessas significações à medida que, ao se esforçar para explicar como Dilma em pouco tempo foi perdendo espaço público e no parlamento, o autor diz que ela escolheu por fazer uma política na qual ela se colocava de forma a priorizar suas próprias opções, um governo de transmissão, independente da visão de seus aliados e apoiadores. Nesse sentido, o autor vai dizer que a presidenta se valeu muito mais da política e da opinião de técnicos do que dos políticos, fazendo com que não se oportunizasse o seu desenvolvimento no campo político.

> Agindo de modo tecno-burocrático, isolou-se nos meandros da administração e contribuiu para que se abrisse um fosso entre ela e o sistema político, perdendo espaço para interagir democraticamente com a sociedade. (NOGUEIRA, 2016 p. 146).

O colaborador ao dizer de suas motivações para dar o apoio ao processo de *impeachment* cita principalmente “os absurdos na gestão de Dilma”. Para ele as medidas econômicas e toda a forma de governar de Dilma e do PT prejudicaram muito a sociedade, e segundo ele, principalmente os mais pobres. Essa era uma motivação:

> *“o que motivou ali a ir pra rua foi principalmente os absurdos que eu percebia na gestão e os impactos disso na vida de todo mundo, principalmente as pessoas mais pobres” (Fernando, Zona Verde)*

Para Nogueira (2016) a crise econômica foi importante para o agravamento do governo Dilma, o que reafirmou o clima para o *impeachment* se efetivar. Tal como o autor, o colaborador dessa pesquisa também significa a crise econômica como sendo um fator importante da revolta popular e de legitimidade para a retirada da presidenta.

Para Nogueira (2016), a crise econômica foi pouco influenciada por questões externas, para ele, o que de fato aprofundou a crise brasileira foi a ineficiência da gestão econômica de Dilma, e vai mais além, dizendo que essa ineficiência faz parte de um fisiologismo apresentado nos 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores.

Nogueira (2016) considera a existência de uma pequena parcela de participação externa na crise econômica, como a retração chinesa, os problemas globais do capitalismo e os preços do petróleo etc. No entanto, isso não foi decisivo. Para ele, o que de fato afundou o país foram os erros nas concepções de política econômica de Dilma e do PT. Considerando que a crise econômica teve seus problemas em si e representou uma demolição na política de Dilma porque ela bloqueou a expansão industrial dentre outras consequências citadas pelo autor.

O autor em sua análise sobre os governos Dilma e Lula faz uma crítica a um governo que baseou sua política na expansão de créditos e no consumo, fazendo por várias medidas crescer uma classe média, como já dito, pautada no consumo que ao se verem diante de uma crise econômica que resultou em um rebaixamento de classes e do poder de compra, se revolta contra o governo. Essa significação também aparece no colaborador a medida que ele relata:

> *“isso é uma loucura macro economicamente falando, e para as pessoas mais populares, elas não entendem isso, mas elas sabem que o poder de compra dela diminuiu. Então aquilo foi uma revolta dos consumidores, foi uma revolta de todo mundo sabe?” (Fernando, Zona Verde)*

Em muitos momentos durante a conversação o colaborador se coloca na defensiva da tese do Golpe, e afirma que essa tese lhe causava raiva, e que essa raiva foi um motor para que ele seguisse entendendo os motivos jurídicos e se organizasse politicamente para defender o processo. No entanto, grande parte do discurso montado pelo colaborador diz muito dos ataques proferidos a quem apoiava o *impeachment* e, como para ele, o *impeachment* não significava golpe aos poucos isso foi lhe afetando. No entanto não se deixou abalar.

> *"E o discurso que isso tudo era uma fraude, me deu raiva, e a raiva é um ótimo motor, era de que eu era antipovo, de que eu era insensível, que eu não tinha um projeto que eu não tinha nada a apresentar para o povo, por quê? Por quê eu era um reaça, por que eu era reaça? Por que eu pareço reaça" (Fernando, Zona Verde)*

> *"Elas viram para o próximo e falam: "você é o desonesto, você é o errado", eu cansei de ser xingado de tudo, isso em momento algum me ofendeu, isso não deixou de me estimular, isso me estimulou, me estimulou no sentido de ir pra cima, e de mostrar que aquilo ali que estava sendo mostrado na rua" (Fernando, Zona Verde)*

Também parecia existir uma necessidade do colaborador de expor que o processo de *impeachment* não tinha nada ver com duas coisas: primeiro uma frustração por seu candidato, que não era a Dilma ter perdido a eleição de 2014 e segundo de dizer que o *impeachment* não tinha nada ver com o Governo Michel Temer, que foi um produto do *impeachment* de Dilma.

> *"Então não era só o sentimento de que ela estava sendo deposta porque eu não votei nela, acho que isso jamais passou pela minha cabeça entende? Uma insatisfação política porque meu candidato perdeu, isso jamais passou pela minha cabeça".(Fernando, Zona Verde)*

> *"Não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade e não diz nada sobre o governo Temer, o que aconteceu alí, não foi reeleição do governo Temer" (Fernando, Zona Verde)*

Para o colaborador, o processo de *impeachment* não se configurou e não resultou como uma ruptura democrática. No entanto, o colaborador apresentou muitas contradições, contradições essas que transitavam de afirmações muito consistentes da não existência de um golpe e do princípio da legalidade e da não ruptura democrática até processos de dúvidas também muito consistentes se todo o processo de *impeachment* surtiu efeito democrático, se questiona inclusive se foi bom para a o Brasil e se revela muito reflexivo, contraditório e com um discurso defensivo. O quadro abaixo esquematiza e apresenta as falas do colaborador que evidenciam a contradição:

Tabela 2: Dúvidas e certezas do colaborador sobre o processo de impeachment

CERTEZA	DÚVIDAS
pra mim claramente eu acho que não houve golpe, não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade	*Temer não é o grande problema de tudo que está acontecendo hoje. Na época, a gente era um pouco mais otimista, na época eu era muito mais otimista, na época eu achei que fosse resolver alguma coisa, resolveu, mas não resolveu tudo,*
Realmente Dilma cometeu crime de responsabilidade	*Eu me vejo muito em dúvida em relação a esse processo, talvez venha revisitar eventualmente e pensar porque que eu fiz tudo que eu fiz*
	Foi muito interessante, foi muito bom. Pra Dilma acho que não foi tão bom. Mas foi bom, para o Brasil eu não sei se foi bom,
	Mas enfim, eu achei que realmente podia existir ali um bum democrático, que eu não sei se existiu

Pesquisador: Talvez eu te faça a pergunta mais difícil da sua vida agora. Se fosse para você resumir todo esse processo em uma palavra qual seria?

Fernando: Ai uma palavra, porque tem que ser uma palavra? Difícil em, vou ter que pensar porque tem que ser uma palavra muito boa, pensar em uma palavra a altura da síntese, não pode ser ***impeachment*** *ou* ***golpe****, não pode ser uma palavra. Não é* ***impasse****, porque teve uma resolução assim, foi uma para mim o que que foi isso tudo? Nossa eu não sei*

Elaborado pelo pesquisador.

Esse núcleo de significação procurou explorar a subjetivação do colaborador à cerca do processo de *impeachment* de Dilma, ancorados na realidade material e histórica do sujeito procurando olhar para o material coletado de forma sensível às contradições apresentadas.

O colaborador, como já dito, transitou das certezas às dúvidas, e durante a conversação não comentou sobre o crime cometido pela presidenta, se limitou a afirmar que houve o crime sem explorá-lo, passou grande parte do tempo se defendendo da tese do golpe e justificou constantemente o processo de *impeachment* com argumentos como crise e contraposição a forma de governar da presidenta.

Se considerarmos a natureza jurídica política do processo de *impeachment*, o colaborador deteve suas significações em torno do argumento políticos e explorou muito pouco o argumento jurídico, mesmo sendo estudante de direito. Nesse sentido, podemos dizer que o *impeachment* teve um peso muito maior político, para o colaborador, do que jurídico propriamente dito. Por vezes, devido ao grande enfoque na questão política do processo de *impeachment*, e pouco enfoque na questão jurídica, a sensação que o discurso desperta é de uma defesa política de um lado, tal como é comum nas disputas eleitorais, e, a princípio, não sendo comum no âmbito de julgamento de um crime.

No próximo núcleo será possível explorar um pouco mais das significações expressas pelo colaborador sobre o processo de *impeachment*

que, apesar deste ser o tema, o colaborador passou mais da metade da entrevista relatando sua experiência pessoal na manifestação ocorrida em 13 de março de 2016 e a importância dela para o seu envolvimento e visão dele sobre o processo, o quanto aquela manifestação significou um marco na sua participação política.

4.2.2. Núcleo 2: A descoberta de um herói.

O 13 de março e a descoberta de um herói, suas realizações pessoais e um povo mais ou menos ignorante exercendo uma democracia indefinida na teoria e na prática.

Esse núcleo de significação corresponde à maior parte da conversação com o colaborador da Zona Verde, definido pelo Atlas da Exclusão Social da Cidade de São Paulo, de Pochmann (2015). Esse núcleo vai dizer da experiência do colaborador com o processo de *impeachment*, a partir das suas significações construídas dialeticamente com a realidade na qual ele está inserido e a subjetividade que a partir dela e com ela foi sendo posta pelo colaborador.

Sem dúvida o processo de *impeachment* foi um dos momentos mais marcantes da vida política do colaborador, grande parte de seu reconhecimento e possibilidades de ação política surgem com o processo de *impeachment* e o movimento que a sociedade foi fazendo em torno do processo.

De acordo com a conversação foi possível perceber que o *impeachment* cumpriu um papel muito importante no seu “chamado” a fazer política e, portanto, aquele momento se tornou importante para ele, reconhecido e defendido, ainda que em muitos momentos, ao dizer do que viveu e das pessoas que estiveram ao seu lado nesse processo, lhe causava estranheza e por vezes, parafraseando o próprio colaborador, sofrimento e tristeza.

Como parte das significações do colaborador as portas que se abriram para ele fazer política, principalmente a manifestação do 13 de março de 2016,

o diferenciou, diferenciou seu modo de olhar para todo o momento histórico e significar de forma muito particular o que foi acontecendo.

Logo no início da conversação o colaborador faz uma observação a respeito da sua visão sobre o processo de *impeachment*, ao ser solicitado que falasse a respeito do processo e, após assistir o vídeo, o colaborador diz ser muito difícil falar sem nenhuma pergunta orientadora, pois seu envolvimento com o processo de *impeachment* foi muito grande, pois ali ele não esteve apenas como manifestante, mas também como organizador e mobilizador, principalmente na manifestação de 13 de março:

> *"Difícil isso, porque meu envolvimento com isso tudo ele não foi um envolvimento só passivo né?... Só que eu tive um envolvimento grande, porque eu participei das manifestações, não só como manifestante, mas, como organizador, principalmente no 13 de março." (Fernando, Zona Verde)*

> *"Eu posso contar da minha experiência na 13 de março, e que eu fiquei 8 horas em cima do carro de som." (Fernando, Zona Verde)*

Ao realizar essa fala o colaborador relata que exatamente pelo seu envolvimento grande "na causa do *impeachment*" sua visão sobre todos os aspectos do processo estava atravessada por esse envolvimento próximo. Para o colaborador essa proximidade define sua consciência diante do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, ao dizer que, na sua visão, o que lhe tornou mais consciente e diferente das outras pessoas foi sua motivação para o envolvimento próximo com o processo de *impeachment*, para ele não existe relação com sua condição social, nem com sua escolaridade:

> *"Dilma cometeu crime de responsabilidade, isso existiu, agora o que frustra muito as pessoas mais criticas, e eu considero uma pessoa critica, é que o processo todo não foi consciente. Acho que pra mim foi, ai me colocando aqui, pra mim foi diferente pela experiência que eu tive em particular com esse caso, não por uma causa especial, porque eu estudei em algum lugar, ou porque eu tenho alguma facilidade em minha vida e talz, eu acho que tem muito aver com está envolvido,*

> *acho que quem se envolveu tem uma percepção muito interessante sabe?" (Fernando, Zona Verde)*

Essa fala do colaborador precisa ser analisada sob vários aspectos, por agora, iremos nos deter na participação política do colaborador, que, segundo ele, foi diferenciada pelo seu envolvimento, ou seja, por ele ter se envolvido de forma empenhada no processo de *impeachment*, e com isso sua visão se tornou diferente das outras pessoas e o fez mais consciente, alegando que não há outros aspectos da vida dele, como classe social e escolaridade que definem sua participação política neste caso.

É importante que olhemos para a história do Brasil e analisemos o processo democrático e de participação na vida pública e política. Como já exposto em outros momentos nessa pesquisa, o Brasil nasce alicerçado num processo de exploração de riquezas e de pessoas intenso no seu período colonial, e essa base escravocrata e de exploração se estende por muitos e muitos anos nesse país, ou seja, desde os primórdios o Brasil vive relações de domínio em que os dominados são os negros e índios, pelos grandes senhores de terras.

O Brasil passa por seus tempos históricos Colônia, Império e República que foi proclamada em 15 de Novembro de 1889, um ano antes da proclamação da república a atividade escravocrata é deslegitimada a partir da Lei Áurea de 13 de maio de 1888.

Até a proclamação da república o Brasil era a terra do domínio e da escravidão e exploração de riqueza, que deixou profundas marcas históricas no povo brasileiro. É sob essas marcas que o Brasil começa a galgar na história e a delinear a participação política no país.

A proclamação da república no que tange à participação política aboliu apenas o Sufrágio Censitário que definia a elegibilidade de quem poderia votar a partir da renda, mantendo a regra de que só poderia votar a pessoa que sabia ler e escrever, ou seja, os "educados". Nessa época apenas 13% da população brasileira tinha participação política e direito legal de votar. Resumidamente, a elite brasileira detinha o poder decisório do país.

Esses primórdios da participação popular brasileira foram muito reveladores de como se daria o próximo século na história do país, que ao certo revelou ano após ano uma resistência enorme da elite em abrir a participação política às classes populares, principalmente excluindo os analfabetos, pobres e negros que no Brasil, por muito tempo, pode-se dizer que foram quase sinônimos essas três palavras.

O direito ao sufrágio, que é a população que legalmente pode se alistar para votar e então participar do processo político, se modificou durante a história do Brasil Arretche (2015) afirma que foram práticas muito comuns do século XIX restrições à participação política imposto sobre gênero, renda educação e raça, que aos poucos foram sendo eliminadas.

A autora diz que no Brasil as restrições relacionadas à gênero foram abolidas em 1930. Nesse mesmo cunho reformista outras regras foram incluídas tais como obrigatoriedade do voto, a idade mínima foi reduzida instituíram a Justiça Eleitoral como responsável por todo esse processo. No entanto, restringiram o voto aos analfabetos. Apenas em 1985 a restrição por educação foi removida. Somente na constituição de 1988 que os analfabetos são inclusos no processo político e ainda sim de forma facultativa.

A participação popular na vida política do país esteve sempre nas mãos de poucos e ainda com o sufrágio universal a prática da participação popular está atravessada por inúmeras questões envolvendo a manutenção de privilégios da elite brasileira.

Neste sentido, é coerente que se traga novamente o questionamento de Paulo Freire: como desenvolver a democracia em um país com tantas experiências de não democracia? Portanto, as significações do colaborador dessa pesquisa se apresentam pela contradição de que na mesma medida que ele considera que as pessoas mais educadas têm a sensação de que elas podem mudar a história, ele também afirma que o seu envolvimento particular é o que define sua consciência no processo de *impeachment*. Ou seja, ele desconsidera que o processo democrático no qual ele viveu, experienciou e pôde participar de forma ativa está intrinsicamente relacionada a sua classe social a sua educação diferenciada e sua condição de vida, expresso não só no momento histórico do *impeachment* mas em toda a história do Brasil. Em

alguns momentos da história esses processos excludentes foram evidentes e garantidos legalmente, hoje não são tão escancarados, mas se revelam sutilmente no campo das ideias e se desenrolam com certa evidência na prática democrática diária.

> *“eu diria que a divisão de percepção, e esse é um chute meu, que conta também da minha experiência nesse processo, de que é mais realmente de uma questão de escolaridade, acho que isso é muito mais relevante, escolaridade. Eu diria que as pessoas mais educadas elas têm a sensação que elas podem fazer alguma coisa em relação a história no geral, a favor ou contra o PT, as outras pessoas elas não se colocam como agentes da história, a população no geral, que no Brasil a gente pode falar que a população no geral é a classe trabalhadora, não se vê como protagonista.” (Fernando, Zona Verde)*

É coerente que possamos pensar na subjetividade do brasileiro que se constrói em uma realidade completamente antidemocrática e de manutenção de privilégios, esses privilégios definidos, sim, por renda e também por escolaridade. Como se direito, na prática e na legalidade, tivesse os requisitos completos da diferenciação entre ricos e pobres, entre negros e brancos, entre periferia e centros urbanos, sem que se perceba de forma sutil que ainda no Brasil se faz a política que foi feita em todo o seu processo histórico, no entanto, com inegáveis avanços, mas com processos históricos marcantes e perigosos.

Nesse sentido, a participação política do colaborador foi aos poucos se revelando uma experiência pessoal e individualizada. Esse movimento de subjetivação do colaborador carrega o processo histórico que hoje o inclui no direito decisório e de participação ativa na vida política do país. Não obstante, o colaborador ao perceber no *impeachment* de Dilma Rousseff um momento muito propício para exercer de forma eloquente seu direito a participação política, dado na legalidade e no processo histórico e nas suas condições de classe média alta e de escolaridade elevada, significa o processo de *impeachment* não como algo doloroso e de rompimento como é o processo

para qualquer democracia, mas como um chamado vocacional a exercer aquilo que a história lhe possibilitou como direito: a participação democrática política:

> *“ existiu ali que significou para as pessoas, foi de forma muito diferente para cada um, para mim foi um chamado vocacional sabe? Quando você está ali falando para algumas milhares de pessoas você não está nem acostumado falar com meia dúzia, você sente que você está acima de suas capacidades, e esse confronto do indivíduo com o desafio que é colocar, ela materialidade da história, na frente dele, por menor que seja a contribuição dele, é uma experiência de regulação, é um, eu gosto muito de Stars Wars sabe?..., o herói é o que inesperadamente entra na história sabe? Eu acho que isso existiu no impeachment...Eu acho, e foi mais ou menos onde eu comecei a fazer política. Então, eu coloco como, eu comecei a fazer política a partir desse momento. ” (Fernando, Zona Verde)*

Aos poucos o colaborador munido de seu direito de participação política vai expressando suas significações em torno do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, se colocando sempre como agente ativo e participativo no processo, que de fato fez política e lutou por seus ideais e o que acreditava na época que seria bom. A analogia com super-heróis foi também uma construção do colaborador para dizer do que surgiu do processo de *impeachment* e também para dizer dele como pessoa e seu movimento de participação política que começou a partir das possibilidades que se abriram no *impeachment* de Dilma Rousseff:

> *“As pessoas têm argumentos muito distantes da prática política, que pode até ser verdade, mas são distantes. Quando você está na prática política você não argumenta desse jeito. Então, isso me moldou, então não consigo olhar para trás agora e não me ver interpretando esse fenômeno separado daquilo que o fenômeno me ensinou sobre como interpretar um fenômeno dessa grandeza. Então, foi isso, cansei muito, cansa muito tudo isso, eu me dediquei muito menos a minha faculdade, deixei muito mais meu trabalho, eu tinha, eu tinha que ser um super herói ali, eu tinha que ser um Batman, não no sentido moralista declarado, mas alguém que se desdobra pra uma figura de mobilizador e etc” (Fernando, Zona Verde)*

É claro no discurso do colaborador que suas significações giram em torno daquilo que o *impeachment* lhe impactou de forma particular em sua vida. Com isso o processo e os impactos em si para a sociedade são pouco discutidos pelo colaborador, fazendo com que suas significações fiquem no campo do individual e pouco no campo da coletividade e do social. O colaborador relata que a mobilização lhe causou muito prazer e que foi muito bom tudo aquilo, exatamente por seu envolvimento próximo, por falar de política para as pessoas, pela possibilidade de se colocar como figura mobilizadora e defender o *impeachment*. O que de fato também se estabelece como uma contradição, à medida que um país sob um processo de impedimento de uma presidenta eleita por votos populares, um direito, como já visto, conquistado a duras revoltas e lutas sociais, não é se não, no mínimo traumático.

> *"Na época era a sensação que você estava fazendo uma coisa que tinha sentido, era uma mobilização que te dava muito prazer né? Falei na Maria Antônia para os estudantes do Mackenzie no carro de som, eu enfim, eu tive com pessoas importantes na semana do impeachment. Então a participação próxima fez com que minha experiência fosse um pouco diferente." (Fernando, Zona Verde)*

Ou seja, o colaborador da Zona Verde de São Paulo ao dizer de sua experiência com o *impeachment* traz consigo uma individualização muito presente nas suas falas e na forma pela qual ele experienciou o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff.

É coerente com as significações do colaborador que olhemos para sua subjetivação de processos sociais como sendo experiencias particulares como um forte indício de sociedades que se estruturam a partir dos ideais liberais e neoliberais. Ou seja, a subjetividade que se constrói na realidade de mercado livre, tal como são os estados liberais, enfatizam a necessidade de indivíduos livres, proprietários de sua força de trabalho e individualizados merecedores daquilo que produz, daquilo que pode gerar de riqueza econômica para si e para seu país.

As teorias políticas liberais tratam de um estado que na sua essência existe para garantir os direitos individuais de cada sujeito, e, portanto, a frase que marca essa visão de política e de estado é a frase “Mais mercado, menos estado”. Nessa concepção o estado deve atuar o menos possível e o mercado livre deve ter sua autonomia garantida e a livre competitividade, sendo a propriedade privada como um direito natural do homem. É o que afirma Höfling (2001) a despeito dos escritos de Locke, considerado o pai do liberalismo.

Ainda nos estados liberais outras garantias são sustentadas:

> Entre os direitos individuais, destacam-se a “propriedade privada como direito natural” (Locke, 1632-1704), assim como o direito à vida, à liberdade e aos bens necessários para conservar ambas. Na medida em que o Estado, no capitalismo, não institui, não concede a propriedade privada, não tem poder para interferir nela (HÖFLING, 2001, p. 55)

Nas teorias liberais, o estado capitalista não é o provedor da propriedade privada, e, portanto, não deve interferir na mesma. O estado cumpre um papel de arbitrar as relações de classe, trabalhador e empregador, e os indivíduos são livres e proprietários natos para realizarem contratos e disputarem interesses. Adam Smith ao escrever “A riqueza das Nações” expressa esses preceitos do liberalismo de forma muito clara:

> (...) deixe-se a cada qual, enquanto não violar as leis da justiça, perfeita liberdade de ir em busca de seu próprio interesse, a seu próprio modo, e faça com que tanto seu trabalho como seu capital concorram com os de qualquer outra pessoa ou categoria de pessoas. (SMITH, 1983. p. 47)

> (...) Assim é que os interesses e os sentimentos privados dos indivíduos os induzem a converter seu capital para as aplicações que, em casos ordinários, são as mais vantajosas para a sociedade. (SMITH, 1983. p. 104)

O Brasil é um país que se fundou e se manteve como estado capitalista e liberal, grande parte das políticas estão em consonância com a visão liberal de estado a adoção do livre mercado e das relações individualizadas dentro das

classes. A constituição de 1988 nesse sentido veio de forma muito sorrateira galgar espaços e deveres do estado que as teorias liberais não admitem, no entanto ainda fundamentalmente temos um estado liberal.

Neste sentido é importante pensar na subjetividade dos indivíduos que vivem em um estado e em uma sociedade estruturada e pensada na garantia dos direitos individuais, na garantia de “liberdades individuais”, e no forte incentivo ao pensamento individualizado, da competitividade exacerbada. Portanto, conforme afirma Höfling (2001):

> Assim, ressaltando os fundamentos do individualismo, os neoliberais defendem a iniciativa individual como base da atividade econômica, justificando o mercado como regulador da riqueza e da renda.(HÖFLING, 2001, p. 37)

Não é de se estranhar que nas sociedades capitalistas liberais os sujeitos transformem os fenômenos sociais em experiências individuais e essa passa ser a baliza pela qual ele experiência e explica sua subjetividade diante dos fenômenos e mais que isso, nos estados liberais a individualização tão incentivada, também traz impactos para a subjetividade dos indivíduos, à medida que desconsidera as pré determinações sociais e com isso a própria visão do homem sobre ele mesmo incide uma competitividade muitas vezes causadora de somatizações e uma enorme dificuldade de pensar a vida social e também de viver a vida social, uma vez que está na base do individualismo a competitividade e não a reciprocidade e a vida em comunhão, tão importantes para o bem estar social.

Portanto, as significações individualizadas do colaborador dessa pesquisa se fundam a medida em que sua condição social e suas pré determinações sociais se emaranham a um estado liberal, que na dialética com sua subjetividade modifica a forma pelo qual ele olha o mundo e interpreta os fenômenos que dele pode fazer parte, tal como o processo de *impeachment*, que em tese se configura como um processo social no entanto, é visto, justificado e pensado a partir de aspirações individuais, que no fim impactaram não somente o ser individual, mas com muito mais evidência impactou os seres sociais.

Neste sentido o colaborador expressa-se de forma clara e sem sombra de dúvidas revela o caráter individualizador que foi o processo de *impeachment* para ele, que inclusive, traz uma enorme contradição com um movimento que se pretendeu chamar de democrático, democrático no sentido de coletividade e decisões do todo, o que de fato não esteve nas bases motivacionais do colaborador:

> *"Eu conto para as pessoas, as pessoas, elas querem saber como que era, elas querem saber que eu me encontrei com fulano e ciclano beltrano na semana do impeachment, para relatar como foi, tem uma narrativa sendo construída em cima disso, que é minha. Eu acho, e foi mais ou menos onde eu comecei a fazer política. Então, eu coloco como, eu comecei a fazer política a partir desse momento. Então o que ali era vontade de fazer um projeto pessoal, o que ali era vontade de mudar o país?" (Fernando, Zona Verde)*

A frase *"Então o que ali era vontade de fazer um projeto pessoal, o que ali era vontade de mudar o país?"* proferida pelo colaborador evidencia o caráter individualizado de um processo de *impeachment* que no final trouxe profundos impactos para sujeitos sociais e coletivos.

Não obstante, o colaborador e sua subjetivação do processo de *impeachment* carregado de elementos individualizados e pouco coletivizados trazem uma dificuldade de pensar o estado democrático de direito. Nas suas concepções individuais a democracia é algo fora de moda e que é muito difícil de ser definida e pensada.

> *"No Brasil? Eu acho que o Brasil não existe assim, eu acho que tem muita coisas que as pessoas querem que passe pelo crivo popular, mas o popular é passar por quem? É passar por movimento social organizado? Que tem partido? Que tem dono? É passar por uma rebelião de massas que ninguém sabe o que querem dizer? Porque eu posso dizer muito bem para você que o que aconteceu no 13 de março foi uma explosão democrática, pessoas se expressando, só que aquilo ali não tinha condução, e uma manifestação do PT que tem pouca gente hoje em dia, mas tem condução? Ela é mais democrática? Então a democracia ela é uma ideia, em risco na*

> *teoria e na prática, na teoria porque ela é difícil de ser definida, e na prática porque tem discursos que são claramente autoritários, e se colocam, a direita e a esquerda, democracia é uma ideia fora de moda. Mas impeachment não foi golpe" (Fernando, Zona Verde)*

Para o colaborador outro momento em que as significações acerca de democracia se apresentam pela contradição, é enquanto vai dizendo sobre a democracia e afirma que a democracia no Brasil ela é definida pelas resistências ao autoritarismo que surgem na sua história. No entanto, a justificativa e o autoritarismo que o colaborador usa como exemplo é o governo do Partido dos trabalhadores, que chega ao poder do Brasil com ampla participação popular e votada pelas urnas e com uma participação massiva dos brasileiros e com um apoio muito grande da camada mais popular do país, mesmo assim para o colaborador o Partido dos Trabalhadores é autoritário e de domínios de mente.

> *"Democracia? Democracia é um nome de uma coisa que não tem nada a ver com que a gente faz, mas a gente persiste em chamar de democracia. Por quê? Isso não é só no Brasil, é também em outros lugares, aqui o que você tem é uma cultura muito própria, um caldo político muito próprio, é um pântano que você tenta crescer uma árvore sabe? As tentações autoritárias, que seria, o que não é democracia, elas definem a democracia no Brasil, ela é quase que assim uma resistência que aconteceu nos períodos históricos, e que hoje assim o discurso que é usado da democracia ele é um discurso que é usado para dizer o que o PT falou, eu acho que não, eu acho que o PT é um antidemocrata, tem tendências totalizantes, populista e de domínios das mentalidades, tudo isso que se enquadra no autoritarismo, não está no nível de sermos paranoicos e dizermos "olha é Venezuela, olha não é". Mas existe uma concessão desse tipo de regime." (Fernando, Zona Verde)*

No entanto, na mesma conversação o colaborador considera que nas manifestações de apoio ao *impeachment* de Dilma em que houve espaços para que pessoas que apoiam a ditadura militar pudessem expressar-se, o que se configura exatamente como contrário da democracia, absolutamente nega o

direito democrático, o colaborador considera que essas manifestações em apoio a regimes militares podem ser chamadas de potencialização democrática. O colaborador diz também que ele não apoia esse tipo de atitude, e que para ele era muito ruim ser ombreado com esse tipo de gente. No entanto em suas considerações acerca da democracia, a contradição aparece de forma clara.

> *"Porque as pessoas precisavam daquele momento de catarse, foi um momento de catarse, não existia antes a identificação, a pessoas que no almoço de domingo, no ambiente privado, que apoiava os militares, ela não tinha um lugar onde ela ia cantar o hino com gente fardada. Então, foi uma potencialização democrática. Perigosa, como toda potencialização democrática é perigosa"(Fernando, Zona Verde)*

> *"se não foi uma revolta cidadã de livro e bonita de revolução Francesa que a esquerda quer pensar, eu posso até concordar que não foi, mas as pessoas estão buscando uma saída, então, tipo, tinha gente achando que a saída eram os militares, esse tipo de gente era absolutamente minoritária, mas muito barulhenta, eu discordo muito mais desse tipo de gente"(Fernando, Zona Verde)*

> *"Agora tem gente que acha que as coisas ficam melhores com cassação de direitos políticos, e tem gente que acha que as coisas ficam melhores com um liberalismo muito louco que nunca foi experimentado antes no Brasil., Ali você não via homogeneidade nenhuma, muito menos em qualquer manifestação de esquerda, porque eu vou nas manifestações de esquerda, e você não vê sabe? Não é o debate que você vê entre PCdoB PSOL e PT, não é, é um debate assim, é um debate entre gente que possivelmente vota no PSDB, que não tinha muito interesse em política, mas estava ali aquele dia. É gente que faz realmente uma militância a 20 anos por intervenção militar, e os monarquistas, e gente que tem relação com outras coisas" (Fernando, Zona Verde)*

Para finalizar, ao ser solicitado que o colaborador resuma todo o processo de *impeachment* para ele em uma só palavra, o colaborador chama o processo de "Samba do Criolo doido". Essa expressão carrega um cunho racista à

medida que representa no Brasil uma expressão de algo que não tem pé nem cabeça, ou seja, algo sem sentido. Essa expressão foi criada quando os enredos de escola de samba foram obrigados a dizerem de história e desse então, essa expressão é usada para conotar algo sem sentido, no samba que é tradicional música dos negros e a palavra criolo que por muito tempo na história foi um termo pejorativo para se referir a pessoas de raça negra, ou seja a partir de então o que não faz sentido passou a ser chamado de samba do criolo doido.

> *"**Pesquisador**: Talvez eu te faça a pergunta mais difícil da sua vida agora. Se fosse para você resumir todo esse processo em uma palavra qual seria?(Fernando, Zona Verde)*
>
> *"Ai uma palavra, porque tem que ser uma palavra? Dificil em, vou ter que pensar porque tem que ser uma palavra muito boa, pensar em uma palavra a altura da síntese, não pode ser impeachment ou golpe, não pode ser uma palavra. Não é impasse, porque teve uma resolução assim, foi uma pra mim o que que foi isso tudo? Nossa eu não sei. Porque uma palavra é muito cruel né? É muito crueldade uma palavra, porque tem todas essas" questões né? Deixa eu pensar em uma palavra, vou pensar, eu vou te dar essa palavra. Não pode ser uma frase? Samba doCriolo doido. Sabe? foi massa." (Fernando, Zona Verde)*

5. CONCLUSÃO

Sem dúvida o processo de *Impeachment* de Dilma Rousseff trouxe profundos impactos para a sociedade brasileira, e essa pesquisa não pretendeu traçar padrões de comportamento existentes em classes sociais distintas, em pessoas submetidas em diferentes níveis de exclusão social ou ainda padronizar comportamento político com o reporte da desigualdade social estrutural desse sistema. Essa pesquisa pretendeu trazer para o entendimento do processo de *impeachment* a subjetividade e a construção de identidade que se estabelece, segundo os preceitos da psicologia sócio histórica, numa relação dialética que o homem faz com seu mundo e esse mundo por sua vez também modifica esse homem. Muito menos se pretendeu chamar os mais privilegiados de direita ou os menos privilegiados de esquerda, porque a realidade precisa ser observada na materialidade que ela se dá, e não no mundo hipotético das ideias.

Nesse sentido, ao trazer os colaboradores para dizerem de suas vidas e de como foram submetidos ao processo de *impeachment* e deixando-os à vontade para se colocarem e dizer de suas perspectivas, angústias e esperanças podemos acessar a subjetividade tanto quanto a realidade de cada um deles e com isso temos um arcabouço de informações à cerca de pessoas, a cerca de indivíduos, à cerca de seres sociais e que nos meandros da luta de classes colocam suas caras, seus corpos e sem que percebam participaram de forma muito eloquente no que chamaremos aqui do embate de classes, tão presente na história da humanidade, desde que dividimos a sociedade em classes e desde que construímos portanto a desigualdade social presente mais severamente nas sociedades capitalistas.

As conversações aqui apresentadas revelam muito mais que um simples processo de *impeachment*, e como muitos afirmavam, o processo de *impeachment* é legal e previsto na constituição e, portanto, deve se recorrido. Sim, sem dúvida ele está na constituição, no entanto a democracia e as pessoas sofrem, se machucam, rompem com direitos que a história instituiu. O não respeito à historicidade é uma afronta a natureza humana e a natureza do homem criativo e empenhado no seu mundo, seja interno seja externo. No

fundo é de fato uma batalha muito grande e complicada a relação homem e capital, justiça e capital e dignidade e capital.

O capitalismo é um sistema falido e ainda sobrevive porque muito sangue, muitas vidas e muita dignidade é ferida para que ele se sustente e sustente seus *status quo*. No fundo, desse sistema emerge uma enorme desigualdade social, desumana, violenta e agressiva.

O *impeachment* de Dilma Rousseff é mais um exemplo de uma sociedade que vive diariamente os impactos e a lamentável soberania da desigualdade social. Os estudos de Pochmann chamam de exclusão social o que é no fundo a desigualdade presente no mundo e nas sociedades capitalistas, e nós, brasileiros vivemos isso com mais e menos intensidade a depender do período histórico. Pouquíssimos avanços foram conquistados no sentido da diminuição dessa desigualdade. E, haja vista, o processo de *impeachment* se revelou nos dias de hoje uma afronta direta e sem escrúpulos à diminuição da desigualdade e à investida severa do mercado em detrimento dos direitos, das mulheres, dos trabalhadores principalmente, mais ainda sobre os negros, os idosos, os jovens e adolescentes, a comunidade LGBT e de tantos outros grupos sociais.

Não era intenção da pesquisa realizar uma comparação entre as significações dos colaboradores das diferentes zonas da cidade de São Paulo. No entanto, é notório que a desigualdade social atravessou a forma pelo qual a sociedade foi impactada com o processo de *impeachment*. Não é por nada que os moradores da zona vermelha da cidade puderam dizer de sua oportunidade de entrar no ensino superior e o quanto isso mudou a vida deles, o envolvimento deles na política e o direito à cidadania, enquanto o morador da área verde, não apresentou a educação como algo marcante em sua vida, ele nasceu, cresceu e a educação sempre se fez presente, o direito ao estudo nunca foi negado ou questionado, e portanto, esse não é um ponto de extrema importância pra ele, tal como foi para os colaboradores da área vermelha.

Ao mesmo passo que o protagonismo e a noção de que se pode mudar o país pela execução da atividade democrática e a partir da participação política não é tão eloquente e forte nos colaboradores da área vermelha como é no colaborador da área verde. Ou seja, mais uma vez temos direitos negados e conquistados e direitos postos e inquestionados.

O processo de *impeachment* não se pretendeu diretamente a ser um processo classista e afrontoso a direitos, ou como o discurso de defesa do processo fez o tempo todo, de dizer que isso não tem nada a ver com ricos ou pobres, elite ou periféricos. No entanto é no mínimo desonesto defender isso, pois o capitalismo traz a desigualdade social como uma ferida aberta que sangra toda vez que a sociedade entra em embate social. É impossível pensar que o processo de *impeachment* não tenha afetado de forma diferente pessoas que foram submetidas a processos de desigualdades sociais intensas, tal como ela é no Brasil.

Hoje o governo Michel Temer está avassalando com o estado democrático de direito, há muito tempo a sociedade brasileira não se vê em tamanha sensação de injustiça e impotência diante de tanto absurdo e diante de tanto avanço neoliberal, com tudo que tem direito, desde as relações espúrias entre público e privado até alianças das instituições judiciais do país com a corrupção e seus atores.

Mas nada é mais lamentável que a retirada de direitos do povo trabalhador, por um parlamento acovardado pela defesa de interesses próprios e a manutenção de privilégios, o governo faz hoje com que a política sofra uma de suas maiores desmoralizações da história desse país.

No entanto aqui escreve alguém que acredita na força do povo, acredita no poder que há na coletividade e mais que isso, alguém que acredita que esse país um dia será dos trabalhadores, será acima de tudo um país em que se deflagre os direitos do povo, a dignidade do povo, e que isso será conquistado na luta plena e destemida das classes sociais mais oprimidas de nossa sociedade. Que esse momento que vive o país sirva de motor para uma verdadeira revolução de valores e que possamos juntos construir um país da equidade, da dignidade humana e que a nossa luta diária seja contra a desigualdade social, contra a soberania do capital.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito longe da pretensão de esgotar o tema, gostaria de deixar aqui a possibilidade da sociedade brasileira e principalmente da psicologia voltar seu olhar para as questões subjetivas e sociais presentes nesse momento histórico que o Brasil vive. Longe de ter abarcado a complexidade extrema que envolveu o processo de *impeachment*é importante que a academia fale a respeito desse momento, a subjetividade do povo brasileiro que hoje também é marcada por esse processo de *impeachment.* Também é o momento para reflexão e de muita luta, para que se possa barrar os retrocessos e construir uma sociedade justa e da equidade. Fica também para o desenvolver de mais pesquisas e mais que isso, o desenvolver de uma ciência engajada com a sociedade e com os direitos.

Os tempos obscuros que passam a política brasileira e todo o contexto social que está sendo gerado a partir desse obscurantismo trazem consigo a necessidade de reafirmar posições, consolidar perspectivas e principalmente de união para resistir e lutar por direitos e contra os retrocessos. Nesse sentido, um primeiro passo que a Psicologia precisa dar enquanto profissão e classe trabalhadora é reafirmar constantemente, na prática e nos ideais, seu compromisso com os direitos humanos e aquilo que é entendido e construído a partir dos seus pares, como sugerem os VII princípios fundamentais da profissão:

> I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.
>
> II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde ea qualidade de vida das pessoas e as coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
>
> III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural.
>
> IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o

> desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática.
>
> V.O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.
>
> VI. O psicólogo zelará para que o exercício profissional seja efetuado com dignidade, rejeitando situações em que a Psicologia esteja sendo aviltada.
>
> VII. O psicólogo considerará as relações de poder nos contextos em que atua e os impactos dessas relações sobre as suas atividades profissionais, posicionando-se de forma crítica e em consonância com os demais princípios

O projeto de sociedade que hoje é colocado em pauta pela política brasileira por si só fere os princípios do profissional de psicologia. Portanto, nesse primeiro momento a psicologia deve estar em consonância com aquilo que de fato a sociedade carece, ela deve enquanto profissão estar a todo momento defendendo os interesses sociais e de direitos, que são contrários aos impostos hoje pelo governo Ilegítimo que chega ao poder por um Golpe de Estado.

As crises cíclicas do capitalismo têm por consequência a mazela social, uma vez que a queda da taxa de lucro dos grandes rentistas no mundo todo traz um acirramento da luta de classes e evidencia nesses momentos o caráter desigual e excludente que uma sociedade neoliberal, que se funda se mantém e se sustenta a partir dessa desigualdade estrutural do sistema. É o que vive o Brasil e o mundo hoje, um estreitamento da luta de classes e um avanço severo daqueles mais “poderosos” monetariamente na defesa de seus privilégios em detrimento da miséria de muitos.

Com isso, a psicologia tem um grande desafio de traduzir o que os contextos políticos, econômicos e sociais, vividos a parir de uma realidade completamente imersa na injustiça e na desigualdade de direitos, impacta na subjetividade humana. No fundo, essa crise traz a possibilidade da psicologia se rever enquanto prática e profissão, traz a necessidade urgente de uma psicologia alinhada com a política pública e com as práticas sociais, e que somente fazendo uma imersão completa na realidade, tal como ela é, com suas determinações e contradições, se torna possível uma profissão de contribuições importantíssimas em momentos como os vividos atualmente.

A psicologia carece de visões e práticas que tragam as questões sociais como categorias fundantes e determinantes da subjetividade, e esse momento de crise institucional, política e social, suscita na profissão a enorme necessidade de dar sua contribuição social e explicitar uma subjetividade humana que se alicerça a partir desses momentos de angústia para muitos e privilégios para poucos.

Além da reinvenção de uma psicologia engajada socialmente e alinhada em todos os âmbitos com a política pública, a psicologia precisa galgar espaços e voz nesse contexto de conflito, ou seja, a profissão precisa se impor, precisa tirar das grandes bibliotecas e livros suas contribuições e ir resistir e defender direitos, resistir e lutar contra retrocessos baseados na ciência psicológica com suas técnicas e riqueza de conhecimento. Ainda, é necessário que a psicologia consiga manter diálogos multidisciplinares, possa conversar com a constituição, com a economia com tudo aquilo que respalda a sociedade para que então possa construir seu conhecimento em prol de uma sociedade mais justa e da equidade.

Nós psicólogos e estudantes de psicologia precisamos voltar nossas pesquisas e usar nossos conhecimentos para dizer da política pública e de seus impactos, precisamos falar sobre bolsa família e empoderamento da mulher nordestina, precisamos falar de reforma agrária e direito à moradia, precisamos falar de acesso a educação, precisamos falar de dignidade humana, precisamos reafirmar todos os dias a laicidade do estado e da profissão, precisamos pesquisar e comprovar nos espaços o pleno direito da comunidade LGBT, precisamos juntar nossos esforços para dizer dos avanços do ECA, da necessidade do SUAS, precisamos vestir a camisa da reforma psiquiátrica e pesquisar, divulgar e resistir por aquilo que sabemos bem dos avanços, precisamos defender o trabalhador e condições de trabalho, precisamos pesquisar e defender a estratégia saúde da família, precisamos falar do SUS, precisamos falar de democracia e subjetividade, precisamos defender muito além de uma saúde psíquica, precisamos defender a integridade da dignidade humana, é nosso dever. Temos muito a contribuir se sairmos do divã e formos para rua, para os espaços públicos e pela força da coletividade.

Que a psicologia se reinvente e que faça história em prol da sociedade e daqueles que necessitam da sua força coletiva de trabalhadores, pesquisadores e também humanos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS,

AGUIAR. Wanda Maria Junqueira. OZELLA, Sérgio. **Núcleos de Significação como Instrumento Para a Apreensão da Constituição dos Sentidos**. Psicologia Ciência e Profissão. São Paulo, 2006.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de.et al. Reflexões sobre sentidos e significados. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, AnaMercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marquina (Org.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**.São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-72.

AGUIAR. Wanda Maria Junqueira de. SOARES. Júlio Ribeiro. MACHADO. Virgínia Campos. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações**. São Paulo. Cadernos de Pesquisa v.45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015.

ARISTÓTELES. **A política**. Brasília: UNB, 1997.

ARRETCHE. Marta. **Trajetória das Desigualdades. Como o Brasil Mudou nos últimos Cinquenta Anos**. São Paulo. Editora Unesp. 2015.

BOCK, Ana Mercês B. GONÇALVES. Maria da Graça M. **A dimensão Subjetiva da Realidade**. São Paulo. Cortez 2009.

BOCK, Ana Mercês B. GONÇALVES. Maria da Graça M. FURTADO. Odair. **Psicologia Sócio-Histórica (uma Perspectiva Crítica em Psicologia)**. São Paulo. Cortez 3ª edição, 2007.

BOCK, Ana Mercês B. FURTADO. Odair. TIXEIRA. Mariua de Lourdes Trassi. **Psicologias**, **Uma Introdução Ao Estudo de Psicologia**. São Paulo, Saraiva 2002.

BRUGNAGO, Fabrício. CHAIA, Vera. **A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook**. São Paulo, Aurora: revista de arte, mídia e política, v.7, n.21, p. 99-129, out.2014-jan.2015.

CAETANO, Marcello. **Manual de ciência política e direito constitucional. t**. I. Coimbra: Almedina, 2009. p. 158

CAMPOS. André. POCHMANN. Marcio. **Atlas da Exclusão Social no Brasil: Dinâmica e Manifestação Territorial**. São Paulo, Cortez 2º edição, 2004.

DIAS, Rodrigo Francisco. **Perceber a política em tempos de Facebook: o caso das eleições presidenciais no Brasil em 2014**. Uberlândia/MG Revista Espaço Acadêmico. Nº 180, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade.** Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1974.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. São Paulo: Arte Nova, 1977.

GONDIN, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação. (Ribeirão Preto,SP), v.12, n.24, p.149-162, 2002.

GONÇALVES, Maria da Graça M.**Psicologia, subjetividade e Políticas Públicas.** Cortez. São Paulo, 2010.

GONZÁLEZREY, Fernando LuisEpistemologíacualitativa y subjetividade São Paulo: EDUC, 1997.

_____.**Pesquisaqualitativa e subjetividade:Os processos de construção da informação**. São Paulo:PioneiraThomson Learning, 2005..

HÖFLING, Eloisa de Mattos. **ESTADO E POLÍTICAS (PÚBLICAS) SOCIAIS**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001. Disponível em: http://scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5539

LOEWENSTEIN, Karl. **Teoría de laconstitución**. Barcelona: Ariel, 1986.

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de direito administrativo**. São Paulo: Malheiros, 2009. p. 246.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Sobre Golpes, Autogolpes e Contragolpes: Dilemas de uma Democracia em Turbulência**. Ponto e Virgula. São Paulo, 2016.

PASQUINELLI, Renata de Souza Huallem. **Os programas eleitorais de segundo turno das eleições presidenciais de 2014, uma análise comportamental.** Tese de Doutorado, Pontifício Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015.

PINTO, Paulo Brossard de Souza. **O impeachment: aspectos da responsabilidade política do presidente da república**. 1965. p. 71.

PIÇARRA, Nuno. **A separação dos poderes como doutrina e princípio constitucional: um contributo para o estudo das suas origens e evolução**. Coimbra: Coimbra, 1989. p. 122-123

POCHMANN, Marcio. GUERRA, Alexandre. SILVA, RonnieAldrin. **Atlas da exclusão Social no Brasil, Dinâmica da Exclusão Social na Primeira Década do Século XXI.** Cortez. São Paulo, 2015

SERRANO, Pedro Estevam Alves Pinto. **Princípio republicano e provimento dos cargos públicos. Revista da Faculdade de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas**, São Paulo, n. 10, ano 14, p. 67-99, 1996.

SERRANO, E. A. P. Pedro. **Dos requisitos jurídicos para a instauração do processo de impeachments do Presidente da República**. Curitiba, Revista de Investigação Constitucional, vol. 2. 2015.

SILVA, José Afonso da.**O Presidente da República, como chefe do Executivo, assume as funções de Chefe de Estado e de Governo (Curso de direito constitucional positivo)**. São Paulo: Malheiros, 2008. p. 542-543.

SMITH, Adam**. A riqueza das nações – investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SOUZA, Jessé. **A Radiografia do Golpe, entenda como e porque você foi enganado**. LeYa. São Paulo, 2016.

TAVARES, André Ramos. **Repartição de funções estatais: fundamento, estrutura e finalidade**. Revista do Advogado, São Paulo, vol. 23, n. 73, p. 21-26, nov/2003.

YAROCHEWSKY, Leonardo Isaac. **Tchau, Querida Democracia. Casa do Dieito**. Belho Horizonte, 2016.

8. ANEXOS.

ANEXO 1. Termo de Consentimento Livre e informado.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Eu, _____, RG_____, aceito voluntariamente participar da pesquisa: “Sentidos e significados em torno do processo de impeachment de Dilma Rousseff: um recorte da exclusão social na cidade de São Paulo” do aluno Gian Tristão de Andrade de Psicologia da PUC SP sob o Registro Acadêmico 00136816.

Tenho conhecimento, conforme exposto pelo pesquisador, de que a pesquisa objetiva apreender os aspectos psicológicos, sentidos, significados, elementos subjetivos que acompanham a experiência de viver numa cidade desigual socialmente e que experienciou de forma diferente o momento histórico do processo de Impeachment da Ex Presidenta da República Dilma Rousseff.

Autorizo a utilização das informações por mim fornecidas em discussão grupal na referida pesquisa, assim como sua transcrição para os fins do referido estudo. Estou ciente de que dados que permitam minha identificação serão omitidos em qualquer forma de publicação da pesquisa a fim de garantir meu anonimato. Tenho ciência também de que posso encerrar minha participação na pesquisa em qualquer momento.

São Paulo, ___ de _____ de 2017.

----------.

Assinatura

ANEXO2. Ficha do Participante.

FICHA DO PARTICIPANTE

Pesquisa:“Sentidos e significados a experiência subjetiva em torno do processo de impeachment de Dilma Rousseff: um recorte da exclusão social na cidade de São Paulo”

Projeto de pesquisa, individual, que investigará os sentidos e significados atribuídos a populações com diferentes níveis de exclusão social da cidade de São Paulo, em torno do processo de impeachment da presidente da república Dilma Rousseff.

Orientador: Professor Doutor Leandro Feitosa.
Discente: Gian Tristão de Andrade.

Data:

Informações dos Participantes:

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Endereço: Nº
   Bairro:
   Cidade: Estado: CEP:
5. Quanto tempo mora nessa Zona de São Paulo?
6. Composição Familiar que mora na mesma casa:

Parentesco	Marque X	Quantidade
Mãe		
Pai		
Irmãos		Nº:
Avós		Nº:
Tios		Nº:
Primos		Nº:
Bizavós		Nº:

Cunhado /a		Nº:
Outros:		

7. Renda Percapta (A soma de todas as rendas dividida pelo número de pessoas que dependem dessa renda) – Considere o salário mínimo R$ 937,00 POR MÊS.

	até 1,5 salário mínimo percapta
	até 2 salário mínimo percapta
	até 3 salário mínimo percapta
	até 4 salário mínimo percapta
	até 5 salário mínimo percapta
	mais de 6 salário mínimo percapta

8. Quanto as profissões: (Caso esteja desempregado coloque: Desempregado)

Parestesco	Profissão
Mãe	
Pai	
Irmãos	
Você	

9. Você ou alguém da sua família participa de algum Programa Social? Se sim selecione-os abaixo.

	SIM		NÃO

	Ação Brasil Carinhoso		enefício de Prestação C
	Luz para Todos		Leve Leite
	ProUni		Programa Erradicação do
	FIES		Albergues e Abrigos
	Ciência sem Fronteiras		rojeto Agente Jovem
	Bolsa Família		Tarifa Social de Energi
	Pronatec		Rede Cegonha
	Minha Casa Minha Vida		lano Viver Sem Limite
	Saúde Não Tem Preço		São Paulo Solidário
	Vivaleite		Ação Jovem
	Renda Cidadã		Piso Social Paulista
	OUTROS		

10. Quais os meios de comunicação você tem mais acesso?

	RÁDIO

	TV
	INTERNET
	JORNAL
	REVISTA

11. Antes, durante e depois do processo de impeachment de Dilma Rousseff por qual meio de comunicação você mais teve acesso as informações?

	RÁDIO
	TV
	INTERNET
	JORNAL
	REVISTA

12. Onde você mais se informou sobre o assunto? Por exemplo, Facebook, Revistas (Quais?), TV (qual emissora?) Jornal (qual Jornal?) Rádio (Qual Rádio?)

_____
_____
_____
_____
_____

ANEXO3. Apresentação dos núcleos de significação.

ZONA VERMELHA		
NÚCLEOS	NÚCLEO 1: O IMPEACHMENT	NÚCLEO 2: O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR. ANTES E DEPOIS
INDICADORERES	O IMPEACHMENT COMO ROMPIMENTO DA DEMOCRACIA	O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR COMO MARCO DO PENSAMENTO POLÍTICO E A VISÃO DE DEMOCRACIA: A EDUCAÇÃO QUE ME EMANCIPOU DA APATIA POLÍTICA VIVIDA PELA PERIFERIA
PRÉ INDICADORES	*"**João:** eu não acreditava que aquele processo de impeachment estava sendo conduzido de uma maneira totalmente legal assim, acho que ele foi disfarçado com ferramentas jurídicas para poder passar uma visão de que estava sendo legal, mas ele não tinha base real para poder afastar a presidenta"*	***João:** Eu comecei entender mesmo de política de 2015 para cá né? Eu comecei a acompanhar e participar de movimentos estudantis em geral. Antes disso eu não tinha conhecimento de política,*
PRÉ INDICADORES	***João:** "não foram respeitados os votos de milhões de pessoas que colocaram ela, e era muito claro os interesses que estavam por traz daquilo, como foi a facilidade que teve esse processo todo né?"*	***João:** "Agora, pra mim, não fazia muito sentido até o momento que estudei economia né"*

PRÉ INDICADORES	***João:*** *"o impeachment não estava sendo conduzido de uma maneira totalmente legal assim. Acho que ele foi disfarçado com ferramentas jurídicas para poder passar uma visão de que estava sendo legal, mas ele não tinha base real para poder afastar a presidenta"*	***João:*** *"E ai começaram a vim algumas medidas para cá, como reforma PEC 55 que, embora para mim teve uma discussão muito grande, principalmente por estar na faculdade,"*
PRÉ INDICADORES	***João:*** *"deu uma tristeza, fiquei, bem, na semana que ela foi afastada, emocionalmente bem abalado"*	***João:*** *"Eu vivo em uma maré de pessimismo, infelizmente cada eleição a gente tem que optar em votar entre o menos pior,, mas eu me movimento, agora estou cada vez mais no movimento estudantil e também participando junto com alguns partidos conhecendo e indo em reuniões e eu tento manter de certa forma uma esperança,"*
PRÉ INDICADORES	***Paulo:*** *"É aquele rir pra não chorar, eu me senti bem desse jeito."*	***Paulo:*** *"eu ainda era, estava para 18 anos, ainda tinha acabado de sair do ensino médio e não tinha muito embasamento também, eu fui pegar embasamento depois, então enquanto estava tendo o processo, eu era indiferente também, então era só mais uma coisa, vai sair um presidente e vai entrar outro. E ai foi no ano passado quando ele estava começando (quando também o colaborador estava pra entrar na universidade) a ser finalizado que eu comecei a me introduzir mais sobre o assunto, mas era bem distante."*
PRÉ INDICADORES	***João:*** *"era muito claro os interesses que estavam por traz daquilo, como foi a facilidade que teve esse processo todo ne? Foi algo muito simples e fácil, defendendo os interesses de uma camada.*	***João:*** *"É eu fui muito limitado até porque eu vim de um lar muito conservador, então assim de uma religião que acaba abafando esse discurso político, então minha família é testemunha de Jeová, então eles não se envolvem em política, não votam, só anula voto, não tem nenhum representante na política, não se discute. Então, lá em casa não se discute política."*
PRÉ INDICADORES	***Paulo:*** *"mas eu não acho que ir contra o método de governo e crise sejam motivos para você afastar um presidente*	***João:*** *"Ele vinha no sentido de acreditar que a gente não tem uma democracia plena né? não foram respeitados os votos de milhões de pessoas que colocaram ela."*
PRÉ INDICADORES	***João:*** *"ela cometeu erros graves do ponto de vista econômico pra mim. Era um momento para aplicar medidas econômicas para sair da crise ali, e ela fez totalmente ao contrário para não peitar os interesses de banqueiros, interesses de latifundiários da classe que está financiando todo esse projeto, que financia toda essa governabilidade. Então, eu nunca votei na Dilma, com exceção do segundo turno de 2014 eu acabei votando nela, mas não foi a minha primeira opção, não vejo nela uma figura exemplar para presidente, mas não acho também que o afastamento dela foi legítimo. Eu acho que foi exatamente por não conseguir dar mais respostas a esses setores, não conseguir mais fazer essa conciliação entre as classes sociais diferentes que ela acabou saindo."*	***João:*** *"Pra mim a democracia seria a decisão do coletivo, o coletivo decide. No caso brasileiro, quem vai representar essa coletividade, e acaba elegendo essa pessoa, embora a gente perceba que hoje, não só de hoje, mas, ela realmente não funciona assim, eu acho que a gente tinha que radicalizar essa democracia."*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Eu não concordo com um Brasil democrático porque não é, isso que a gente vê no dia dia. Então, eu acho que deveria ser passando por umas reformas mais radicais, para a gente atingir a democracia no Brasil que é só, é quase um mito."*

PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Acho que está muito no sentido de quem realmente governa esse país, existem interesses por de trás de cada decisão, e se você quer seguir a diante no poder você precisa conseguir conciliar esses interesses né? E o Brasil é muito bom nisso, desde sua formação colonial até hoje a gente tem uma elite que é... tem base latifundiária de monocultura e que esse pessoal realmente governa o Brasil. Então, enquanto você é, se você tentar radicalizar um pouco isso, contrariando esses interesses, você não consegue governar, ter governabilidade no Brasil"*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"A Lava Jato pra mim ela está ai mostrando o que já acontecia desde o Brasil colonial, quem realmente manda nesse país, como são as relações entre o privado e o público, ela só esta escancarando isso, que seja realmente seguir né? é continuidade",*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Eu sou João, moro na Zona Leste, São Miguel Paulista. Referente essa pesquisa, eu acho que talvez de certa forma eu tenha um ponto de vista que de certa forma seja uma exceção dali de onde eu moro, mas eu posso trazer o que eu vi ao meu redor, mas eu sou de certa forma um atípico, até mesmo por estar na PUC." (sic)*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Eu sou Paulo, eu moro em Franco da Rocha, um pouco longe daqui eu posso falar isso também que ele falou, sobre ter uma opinião totalmente diferente dos de lá, apesar de ser de lá, é igual o que você falou aí, exatamente isso que ele falou, e eu entrei na PUC esse ano, primeiro semestre de psicologia."*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Mais ainda, por uma parte grande da população, que estava apoiando isso – o impeachment -, principalmente na minha família e na região que eu moro, pessoas que não tinham de certa forma um conhecimento do processo, era indiferente para eles."*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"É bem semelhante a minha opinião com a dele, minha vivência também era muito diferente, e quem tinha uma opinião sobre, apoiava o processo de impeachment",*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Eu acho que o processo de impeachment ele teve um respaldo muito grande da população periférica, eu acho que foi essa imagem que foi vendida né? Então ali a mídia teve seu papel, deixou muito claro: "precisamos tirar a Dilma,""*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"mas eu vejo que isso foi muito pela mídia entendeu? Pela mídia tradicional que é o que está no dia dia né? todo mundo ali vai assistir um Jornal Nacional a noite, ou um Marcelo Rezende ou um Datena, e é essas as opções que tem"*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Acho que a mídia cumpriu um papel muito bem feito nesse sentido, e é acabou impactando sim, quando chamava assim a população ficava revoltada achando que era o corrupto que estava fazendo de tudo para não ser preso."*

PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Eu acredito que um pouco antes do impeachment já começaram meio que a derrubar essa imagem do PT com processo de corrupção e isso muito forte na mídia né? que foi derrubando essa popularidade. Então, nos primeiros governos Lula você tinha uma força muito grande ali pró PT, com a Dilma isso diminuiu um pouco e depois que começou a vim á público esse processo de corrupção principalmente com foco maior nos Partidos dos Trabalhadores isso fez com que a população se virasse mesmo contra, e a favor de um discurso contra a corrupção."*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Acho que, se perguntarem por que a Dilma saiu eles vão fala que foi por causa da má administração dela, eles não vão comentar que teve que ela foi acusada de crime, que eles não vão comentar que corrupção, eles não vão comentar nada disso, eles vão falar que os protestantes e protestavam contra a presidente e ai ela saiu."*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Eu acho que eles não tem muita noção de democracia, nunca vi eles discutirem politica"*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Eu acho que o povo de onde eu moro não saberia explicar o que que seria uma democracia né? É mais um pessoal que vai acordar cedo trabalhar e retornar e ter a sua preocupação com seu lazer do final de semana e o futebol, com alguma recriação, mas em si eles não sabem o que é democracia,"*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Para esse tipo de pessoa eu acho que é indiferente, não sabe o que é um prefeito um vereador um governador e não sabe qual o papel deles e eu acho que eles sentem uma certa falta de representatividade nisso também, então, é "a politica e suja e a politica é corrupta não presta, então, tanto faz se vai tirar esse e colocar o outro, e pra gente não muda nada" né?"*
PRÉ INDICADORES		***João***: *"Onde eu moro, bom eu acompanhei o processo inteiro, foram horas né? e eu acho que, pelo que eu conversei com geral a maioria não acompanhou né? viu depois na internet de alguns clichês que apareceram, ficaram assustados um pouco, mas já tinham uma descrença, depois que eles viram a maneira como alguns na câmara se comportavam ficou ainda mais evidente o exposto ao ridículo como são tratadas as questões ali, mas eu acredito que ali a maioria não assistiu, foi ver só no fim do dia se passou ou não e um outro ponto é no outro dia a vida seguiu como se nada tivesse acontecido"*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Não, onde eu moro ninguém se mobilizou, via, mas até para chegar na Paulista era quase duas horas, então ninguém foi, eu acabei indo em muitas contra o impeachment, que tiveram algumas com repressão muito forte inclusive, mas no geral, o pessoal ligava a TV e via, pouquíssimas pessoas de onde eu moro participaram de qualquer uma dessas manifestações."*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Quem foi para a manifestação pró impeachment basicamente a classe média de Franco da Rocha, a classe mais baixa não se manifestou de jeito algum, a classe média alguns foram, inclusive parentes meus para a Paulista, vestidos de camisa verde e amarela da CBF aquele jeito todo. Mas a classe mais pobre não se manifestou de jeito algum."*

PRÉ INDICADORES		***João:*** *"Porque domingo que é o único dia de lazer, sair de casa para ir na Paulista, que e para protestar por algo que eles não acreditam, acho que isso foi um dos motivos por a gente não estar presente"*
PRÉ INDICADORES		***Paulo:*** *"Acho que a base de tudo que ele falou seria a educação,, porque de nada adianta acontecer isso, mas acho que a periferia não se envolveria tanto, porque eles não tem uma educação que faça entender que isso é importante então se eles não vão nem na escola deles porque eles iriam em atos, acho que não há nenhum reforço positivo."*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *"a falta de informação e educação né?"*
PRÉ INDICADORES		***João:*** *Eu acredito que desde aquela época que já era interessante o não acesso a educação principalmente nas camadas periféricas, a gente avança sem fazer uma reforma estrutural na educação e reforma agrária entre outras, é interessante para continuar mantendo esses interesses. Então, quem está nesse circulo de poder não quer sair, e vai usar as ferramentas necessárias para se manter. Então a democracia não vai chegar na periferia enquanto a gente não conseguir contrarias esses interesses*

ZONA VERDE		
NÚCLEOS	NÚCLEO 1: O IMPEACHMENT	NÚCLEO 2: A DESCOBERTA DE UM HERÓI
INDICADORERES	O IMPEACHMENT NÃO SE CONFIGUROU COMO GOLPE, AS SIGNIFICAÇÕES QUE TRANSITARAM DA CERTEZAS ÀS DÚVIDAS, DA LEGALIDADE DEMOCRÁTICA DE UM CRIME QUASE NÃO COMENTADO À EXPLICAÇÕES MARGEADORAS DO CRIME.	O 13 de março E A DESCOBERTA DE UM HERÓI, SUAS REALIZAÇÕES PESSOAIS E UM POVO MAIS OU MENOS IGNORANTE EXERCENDO UMA DEMOCRACIA INDEFINIDA NA TEORIA E NA PRÁTICA.
PRÉ INDICADORES	***Fernando:*** *"O processo de impeachment de uma presidenta que tem um partido grande não é um caso qualquer né? É um caso de perigo institucional, eu sempre entendi isso, pra mim claramente eu acho que não houve golpe, não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade"*	***Fernando:*** *"Difícil isso, porque meu envolvimento com isso tudo ele não foi um envolvimento só passivo né?... Só que eu tive um envolvimento grande, porque eu participei das manifestações, não só como manifestante, mas, como organizador, principalmente no 13 de março."*
PRÉ INDICADORES	***Fernando:*** *"você tinha uma encruzilhada, você tinha uma presidenta que não tinha capacidade de comunicação, não tinha capacidade de liderança,, não tinha capacidade de soluções, ela se provou várias vezes errada, ela se provou várias vezes incapaz de fazer uma gestão pública e as pessoas sentiam aquilo, então todo o processo foi assim sabe? e tudo que foi entregue, foi entregue muito mal, a politica econômica foi um desastre e as pessoas sentiram isso assim."*	***Fernando:*** *"Eu posso contar da minha experiência na 13 de março, e que eu fiquei 8 horas em cima do carro de som."*

PRÉ INDICADORES	**Fernando:** *"o que motivou ali a ir pra rua foi principalmente os absurdos que eu percebia na gestão e os impactos disso na vida de todo mundo, principalmente as pessoas mais pobres"*	**Fernando:** *"Dilma cometeu crime de responsabilidade, isso existiu, agora o que frustra muito as pessoas mais criticas, e eu considero uma pessoa critica, é que o processo todo não foi consciente. Acho que pra mim foi, ai me colocando aqui, pra mim foi diferente pela experiência que eu tive em particular com esse caso, não por uma causa especial, porque eu estudei em algum lugar, ou porque eu tenho alguma facilidade em minha vida e talz, eu acho que tem muito haver com está envolvido, acho que quem se envolveu tem uma percepção muito interessante sabe?"*
PRÉ INDICADORES	**Fernando:** *"isso é uma loucura macro economicamente falando, e para as pessoas mais populares, elas não entendem isso, mas elas sabem que o poder de compra dela diminuiu. Então aquilo foi uma revolta dos consumidores, foi uma revolta de todo mundo sabe?"*	**Fernando:** *"eu diria que a divisão de percepção, e esse é um chute meu, que conta também da minha experiência nesse processo, de que é mais realmente de uma questão de escolaridade, acho que isso é muito mais relevante, escolaridade. Eu diria que as pessoas mais educadas elas tem a sensação que elas podem fazer alguma coisa em relação a história no geral, a favor ou contra o PT, as outras pessoas elas não se colocam como agentes da história, a população no geral, que no Brasil a gente pode falar que a população no geral é a classe trabalhadora, não se vê como protagonista."*
PRÉ INDICADORES	**Fernando:** *"e o discurso que isso tudo era uma fraude, me deu raiva, e a raiva é um ótimo motor, era de que eu era antipovo, de que eu era insensível, que eu não tinha um projeto que eu não tinha nada a apresentar para o povo, por quê? Por quê eu era um reaça, por que eu era reaça? Por que eu pareço reaça"*	**Fernando:** *"existiu ali que significou para as pessoas, foi de forma muito diferente para cada um, para mim foi um chamado vocacional sabe? Quando você esta ali falando para algumas milhares de pessoas você não está nem acostumado falar com meia dúzia, você sente que você está acima de suas capacidades, e esse confronto do individuo com o desafio que é colocar, ela materialidade da historia, na frente dele, por menor que seja a contribuição dele, é uma experiência de regulação, é um, eu gosto muito de Stars Wars sabe?..., o herói é o que inesperadamente entra na história sabe? Eu acho que isso existiu no impeachment... Eu acho, e foi mais ou menos onde eu comecei a fazer política. Então, eu coloco como, eu comecei a fazer política a partir desse momento."*
PRÉ INDICADORES	**Fernando:** *"Elas viram para o próximo e falam: "você é o desonesto, você é o errado", eu cansei de ser xingado de tudo, isso em momento algum me ofendeu, isso não deixou de me estimular, isso me estimulou, me estimulou no sentido de ir pra cima, e de mostrar que aquilo ali que estava sendo mostrado na rua"*	**Fernando:** *"As pessoas tem argumentos muito distantes da prática política, que pode até ser verdade, mas são distantes. Quando você está na prática politica você não argumenta desse jeito. Então, isso me moldou, então não consigo olhar pra trás agora e não me ver interpretando esse fenômeno separado daquilo que o fenômeno me ensinou sobre como interpretar um fenômeno dessa grandeza. Então, foi isso, cansei muito, cansa muito tudo isso, eu me dediquei muito menos a minha faculdade, deixei muito mais meu trabalho, eu tinha, eu tinha que ser um super herói ali, eu tinha que ser um Batman, não no sentido moralista declarado, mas alguém que se desdobra pra uma figura de mobilizador e etc"*
PRÉ INDICADORES	**Fernando:** *"então não era só o sentimento de que ela estava sendo deposta porque eu não votei nela, acho que isso jamais passou pela minha cabeça entende? Uma insatisfação política porque meu candidato perdeu, isso jamais passou pela minha cabeça".*	**Fernando:** *"Na época era a sensação que você estava fazendo uma coisa que tinha sentido, era uma mobilização que te dava muito prazer né? Falei na Maria Antônia para os estudantes do Mackenzie no carro de som, eu enfim, eu tive com pessoas importantes na semana do impeachment. Então a participação próxima fez com que minha experiência fosse um pouco diferente."*

PRÉ INDICADORES	***Fernando:*** *"não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade e não diz nada sobre o governo Temer, o que aconteceu alí, não foi reeleição do governo Temer"*	***Fernando:*** *"Eu conto para as pessoas, as pessoas, elas querem saber como que era, elas querem saber que eu me encontrei com fulano e ciclano beltrano na semana do impeachment, para relatar como foi, tem uma narrativa sendo construída em cima disso, que é minha. Eu acho, e foi mais ou menos onde eu comecei a fazer política. Então, eu coloco como, eu comecei a fazer política a partir desse momento. Então o que ali era vontade de fazer um projeto pessoal, o que ali era vontade de mudar o país?"*
PRÉ INDICADORES		***Fernando:*** *"No Brasil? Eu acho que o Brasil não existe assim, eu acho que tem muita coisas que as pessoas querem que passe pelo crivo popular, mas o popular é passar por quem? É passar por movimento social organizado? Que tem partido? Que tem dono? É passar por uma rebelião de massas que ninguém sabe o que querem dizer? Porque eu posso dizer muito bem para você que o que aconteceu no 13 de março foi uma explosão democrática, pessoas se expressando, só que aquilo ali não tinha condução, e uma manifestação do PT que tem pouca gente hoje em dia, mas tem condução? Ela é mais democrática? Então a democracia ela é uma ideia, em risco na teoria e na prática, na teoria porque ela é difícil de ser definida, e na prática porque tem discursos que são claramente autoritários, e se colocam, a direita e a esquerda, democracia é uma ideia fora de moda. Mas impeachment não foi golpe."*
PRÉ INDICADORES		***Fernando:*** *"Porque as pessoas precisavam daquele momento de catarse, foi um momento de catarse, não existia antes a identificação, a pessoas que no almoço de domingo, no ambiente privado, que apoiava os militares, ela não tinha um lugar onde ela ia cantar o hino com gente fardada. Então, foi uma potencialização democrática. Perigosa, como toda potencialização democrática é perigosa"*
PRÉ INDICADORES		***Fernando:*** *"se não foi uma revolta cidadã de livro e bonita de revolução Francesa que a esquerda quer pensar, eu posso até concordar que não foi, mas as pessoas estão buscando uma saída, então, tipo, tinha gente achando que a saída eram os militares, esse tipo de gente era absolutamente minoritária, mas muito barulhenta, eu discordo muito mais desse tipo de gente"*
PRÉ INDICADORES		***Fernando:*** *"Agora tem gente que acha que as coisas ficam melhores com cassação de direitos políticos, e tem gente que acha que as coisas ficam melhores com um liberalismo muito louco que nunca foi experimentado antes no Brasil., Ali você não via homogeneidade nenhuma, muito menos em qualquer manifestação de esquerda, porque eu vou nas manifestações de esquerda, e você não vê sabe? Não é o debate que você vê entre PCdoB PSOL e PT, não é, é um debate assim, é um debate entre gente que possivelmente vota no PSDB, que não tinha muito interesse em política, mas estava ali aquele dia. É gente que faz realmente uma militância a 20 anos por intervenção militar, e os monarquistas, e gente que tem relação com outras coisas"*
PRÉ INDICADORES		*"**Pesquisador**: Talvez eu te faça a pergunta mais difícil da sua vida agora. Se fosse para você resumir todo esse processo em uma palavra qual seria?*

PRÉ INDICADORES		***Fernando:*** *"Ai uma palavra, porque tem que ser uma palavra? Difícil em, vou ter que pensar porque tem que ser uma palavra muito boa, pensar em uma palavra a altura da síntese, não pode ser impeachment ou golpe, não pode ser uma palavra. Não é impasse, porque teve uma resolução assim, foi uma pra mim o que que foi isso tudo? Nossa eu não sei. Porque uma palavra é muito cruel né? É muito crueldade uma palavra, porque tem todas essas" questões né? Deixa eu pensar em uma palavra, vou pensar, eu vou te dar essa palavra. Não pode ser uma frase? Samba do Criolo doido. Sabe? foi massa."*

ANEXO4. Conversação na íntegra:

TRANSCRIÇÃO - ZONA VERMELHA	
TEMPO:	01:18:52
DATA:	03/05/2017
LOCAL:	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP
SIGLAS	
PQ:	PESQUISADOR
L:	PARTICIPANTES
IG:	

PQ: Eu sou Gian, estou no quinto ano de psicologia, a minha pesquisa é basicamente, eu estou pegando qual foi a experiência de pessoas que moram em diferente lugares de São Paulo em torno do processo de impeachment de Dilma. Eu não estou partindo de pressuposto nenhum, eu só estou partindo do seguinte coisa: Pessoas que experimentam vivencias de lugares diferentes, principalmente lugares que possibilitam, ou uma exclusão social, ou uma inserção social, estou dizendo com isso, lugares que tem acesso a direitos e lugares que você tem mais dificuldades de acesso aos direitos, eu estou partindo do pressuposto que essas pessoas experienciaram esse processo de forma diferente, significaram de forma diferente. Eu acho que assim, pessoas que moram em determinado lugar acharam isso do processo, e pessoas que moram em outros lugares acharam outra coisa. Eu uso um mapa que chama mapa da exclusão social de São Paulo, que é um mapa de economia inclusive do Prorchmann. Ele traça nos bairros de são Paulo o nível de exclusão social, e ai ele pega o desemprego e os subprodutos do desemprego, que é a violência, a baixa escolaridade e tudo mais. E ai ele divide todos os bairros de são Paulo com os maiores níveis de exclusão e os menores. Eu peguei pessoas que moram em áreas que estão nos maiores níveis de exclusão social, que no caso são vocês, e sábado agora eu vou fazer esse mesmo bate papo com pessoas que moram em bairros mais privilegiados de São Paulo. Depois eu vou passar todos os dados direitinho para vocês, acho que vai ser uma pesquisa interessante. Não estou

partindo que daqui do posicionamento politico de vocês, não estou para julgar e nem levar isso a risca. Estou mais para saber quais são os significado de vocês. O importante é que na nossa discussão vocês possam trazer o que que a comunidade de vocês viveram durante esse processo, quais foram as manifestações dela, por exemplo perdizes que é aqui foi uma comunidade que durante todo o processo teve como manifestação bater panela. Qual foi a manifestação no território de vocês e tudo mais? Mas quero discutir o processo como um todo. então eu quero que vocês esgotem tudo que vocês sabem, que vocês não sabem do processo, tudo que vocês sentiram e vivenciaram durante o processo de impeachment. Para isso, eu vou passar um vídeo, que vai contar mais ou menos o caminho do processo ai a gente começa a discussão. Vocês têm dúvidas? Você quer se apresentar para nós?

L: Eu sou L, moro na ZL, São Miguel Paulista. Referente essa pesquisa, euacho que talvez de certa forma eu tenha uma ponto de vista que de certa forma seja uma exceção dali de onde eu moro, mas eu posso trazer o que eu vi ao meu redor, mas eu sou de certa forma um atípico, até mesmo por estar na PUC.

PQ: Quando eu resolvi fazer a pesquisa com universitários, eu sei que, por exemplo, esse lugar tem baixa escolaridade, vocês já estão no ensino superior, então, eu sei que vocês já não são totalmente representativo daquela região. Mas estão inseridos lá e cresceram lá. Então trazem uma vivencia de lá. Então quando chegam na universidade vocês vivenciam isso aqui de forma diferente e enxergam a realidade de lá diferente mas com a constituição de lá vocês carregam o processo histórico de ter morado lá, por mais que hoje vocês estão no ensino superior adentraram ao conhecimento, outro nível de pessoas, eu levo isso em consideração. Sintam-se a vontade pra trazer tudo de lá.

L: Legal, eu faço economia, estou no quarto semestre, é isso ai, entrei na PUC em 2015.

IG: Eu sou I eu moro em Franco da Rocha, um pouco longe daqui,, eu posso falar isso também que ele falou, sobre ter uma opinião totalmente diferente dos de lá, apesar de ser de lá, é igual o que você falou aí, exatamente isso que ele falou, e eu entrei na PUC esse ano, primeiro semestre de psicologia.

Legal vocês olharem para seus amigos como eram as discussões com eles, os amigos de lá, porque os daqui compartilham a mesma visão, é importante que vocês tragam dado de realidade do território de vocês, que a pesquisa parte disso, ela usa o campo ali para dizer da subjetividade que se constrói naquele lugar. Vamos passar o vídeo?

Passa o vídeo.

PQ: Acho que é isso: Bom esse vídeo da uma boa contextualizada né? Para dar uma lembrada. Foi muita coisa que aconteceu, o impeachment aconteceu sob muita coisa junta, eu queria ouvir vocês, como foi durante o processo para vocês? o que vocês viveram? o que vocês discutiram? qual foi o sentimento?

L: Bom, eu comecei a conhecer melhor de politica quando eu entrei na PUC né? E foi bem nesse inicio de processo de impeachment. É com base no que eu tinha de informação anterior, e uma formação mais de esquerda né? mas não necessariamente eu aprovava esse governo na maneira que ele se dava, mas eu não acreditava que aquele processo de impeachment estava sendo conduzido de uma maneira totalmente legal assim,, acho que ele foi disfarçado com ferramentas jurídicas para poder passar uma visão de que estava sendo legal, mas ele não tinha base real para poder afastar a presidenta, e até mesmo conversando com muitos professores da própria PUC isso ficava cada vez mais claro pra mim. Esse sentimento que deu principalmente depois de ter visto como foi feita a votação da câmara, principalmente da câmara, é de tristeza né? de ver como é que a gente estava tratando um assunto tão grave em nome de deus da família, estourando de certa forma confetes, deu uma tristeza, fiquei, bem, na semana que ela foi afastada, emocionalmente bem abalado.

PQ: Claro que a situação toda era muito ruim para quem sentiu aquilo, mas esse seu abalo, ele vinha do que especificamente?

L: Ele vinha no sentido de acreditar que a gente não tem uma democracia plena né, não foram respeitados os votos de milhões de pessoas que colocaram ela, e era muito claro os interesses que estavam por traz daquilo, como foi a facilidade que teve esse processo todo ne? Foi algo muito simples e fácil, defendendo os interesses de uma camada. Mais ainda, por uma parte grande da população, que estava apoiando isso, principalmente na minha família e na região que eu moro, pessoas que não tinham de certa forma um conhecimento do processo, era indiferente para eles.

I**G:** É bem semelhante a minha opinião com a dele, minha vivencia também era muito diferente, e quem tinha uma opinião sobre, apoiava o processo.
apoiava o impeachment, mas eu não acho que ir contra o método de governo e crise sejam motivos para você afastar um presidente. Se for nessa metodologia muitos outros perderiam seus cargos. Sem contar o modo como foi levado todo processo, as irregularidades que foram sendo divulgadas e ainda acredito que outras foram cometidas bem embaixo do pano. Mas só teve um Protesto em Franco em toda minha vida que vivi lá, a minha vida inteira, eu vivi 19 anos lá, só teve um protesto, que foi em 2013 contra o aumento da passagem, então porque tinha subido muito, tinha subido mais que aqui em São Paulo, ai quando começaram os protestos aqui, começaram lá, mas sobre o impeachment era muito pouca gente que conversava, eu ainda era, estava para 18 anos, ainda tinha acabado de sair do ensino médio e não tinha muito embasamento também, eu fui pegar embasamento depois, então enquanto estava tendo o processo, eu era indiferente também, então era só mais uma coisa, vai sair um presidente e vai entrar outro. E ai foi no ano passado quando ele estava começando a ser finalizado que eu comecei a me introduzir mais sobre o assunto, mas era bem distante.

PQ: Uma pergunta: o que que vocês, de que modo vocês conseguem justificar essa apatia, se eu posso chamar de apatia ou, esse não movimento da região onde vocês moram diante do processo? o que vocês acham que acontece que eles não foram tão motivados a discutir?

IG: A falta de informação, um pouco de alienação também, porque, principalmente com os jovens, porque o que eles focam mais é festa é roupas de marcas, é o machismo instalado lá é bem grande, porque eu tenho muitos amigos, que esperam o final de semana para eles saírem para festas ficarem com meninas e voltarem se vangloriando disso, e conversar sobres basicamente, se eu chegar em uma roda de conversa de amigos meus lá, a conversa vai ser basicamente roupa menina. É basicamente isso, roupa e menina.

L: Eu acho que vai muito no sentido do que ele falou mesmo, a falta de informação e educação né? Eu moro em frente a uma escola publica do estado, uma escola grande, e quando eu estudava pela manhã, antes da PUC, eu percebia, tanto é que eu não fui para essa escola já como uma opção de, como prestar vestibulinho para ETEC e tentar algo melhor. Mas setenta, oitenta por cento de quem mora ali de onde eu vivo é daquela escola, então são pessoas que moram do meu lado assim, tem a vivencia comunitária ali, e você percebe de manhã não é raro você encontrar aqueles que liberaram mais cedo porque não cobriam os cronograma da escola, e no noturno é pior ainda, onde está a maior parte do pessoal do ensino médio significativo, de manhã você tem uma ou outra turma, mas de certo deve ter uma ou outra turma, também não tem aula todos os dias sempre, é liberado muito mais cedo do horário e para esse tipo de pessoa eu acho que é indiferente, não sabe o que é um prefeito um vereador um governador e não sabe qual o papel deles e eu acho que eles sentem uma certa falta de representatividade nisso também, então, é "a politica e suja e a politica é corrupta não presta, então, tanto faz se vai tirar esse e colocar o outro, e pra gente não muda nada" né?

PQ: Então a escolaridade é um ponto? Então a educação é um ponto que leva o pessoal a não discutir? Ai não se interessar tanto, e reagir mesmo ao processo do jeito que vocês falaram?

IG: Eu acho que cultura também, quando eu falo, falo da cidade inteira mesmo, não só do meu bairro, porque eu cresci meio afastado dele, porque meu bairro e muito pobre, Franco da Rocha já é uma cidade pobre, e meu bairro e bem pobre, então eu nunca fui de ficar na rua por conta da preocupação dos meus pais. E eu vejo que todo dia eu saio andando para chegar até o ponto e tem criança saindo da escola, 10, isso no turno da manhã, eu imagino como é o turno da noite, que eu vejo pelo centro, quando eu chego da faculdade, e são oito horas, tem uma praça lá, que é a praça central á, lotada de aluno que deveria estar numa escola que é vizinha a praça e ai então eu vou falar mais de Franco da Rocha inteiro que só de onde eu moro.

PQ: Então, eu queria saber o que para vocês. Assim o que que vocês acham que para maioria das pessoas que circundam vocês ali. O que vocês acham que elas significam como sendo democracia? o que é democracia para elas? O significado.

IG: Eu acho que eles não tem muita noção de democracia, nunca vi eles discutirem politica o máximo que eu vi foi legalização da maconha que é outra coisa bem popular em Franco da Rocha, também por causa da educação eu acho, e da cultura de lá, que quando você é jovem, não só lá, mas em São Paulo inteiro, você é jovem você tem uma inclinação para se envolver com algo do tipo, mas lá é muito, muito, é muito difícil você encontrar alguém de escola pública que não tem envolvimento de algo assim. Então, a

única coisa que eles debatem é isso, e sem fundamento nenhum, só por opiniões que eles criaram por convivência deles.

L: Eu acho que o povo de onde eu moro não saberia explicar o que que seria uma democracia né? É mais um pessoal que vai acordar cedo trabalhar e retornar e ter a sua preocupação com seu lazer do final de semana e o futebol, com alguma recriação, mas em si eles não sabem o que é democracia, e da maneira que ouvem falar da democracia, a gente vive num sistema democrático, que acaba uma hora julgando uma democracia como sendo algo que de certa forma é ruim, a gente vive um regime democrático, tem um presidente e o presidente não acontece nada, a gente está com os mesmos problemas na cidade, é também muita indiferença, se fosse uma outra forma de regime, talvez se falasse de rei e rainha, parlamentarismo, "opa pode ser legal interessante" mas também não conhece

PQ: E para vocês o que é democracia?

L: Pra mim a democracia seria a decisão do coletivo, o coletivo decide. No caso brasileiro, quem vai representar essa coletividade, e acaba elegendo essa pessoa, embora a gente perceba que hoje, não só de hoje, mas, ela realmente não funciona assim, eu acho que a gente tinha que radicalizar essa democracia. Mas eu acho muito importante ainda para não dar abertura para regimes ditatoriais né? Embora, de certa forma a gente perceba, que hoje em dia isso está vindo né? de formas que setenta por cento da população é contra, mas ela é passada sem uma discussão com a população, se realmente a população quer, isso pra mim não é democracia né?

IG: Eu concordo com basicamente com tudo que ele falou, a democracia no Brasil é muito infligida. Eu não concordo com um Brasil democrático porque não é, isso que a gente vê no dia dia. Então, eu acho que deveria ser passando por umas reformas mais radicais, para a gente atingir a democracia no Brasil que é só, é quase um mito.

PQ: Por que vocês acham que a democracia não funciona? e por que ela não chega na discussão dos espaços que vocês foram criados?

L: Acho que está muito no sentido de quem realmente governa esse país, existem interesses por de trás de cada decisão, e se você quer seguir a diante no poder você precisa conseguir conciliar esses interesses né? E o Brasil é muito bom nisso, desde sua formação colonial até hoje a gente tem uma elite que é... tem base latifundiária de monocultura e que esse pessoal realmente governa o Brasil. Então, enquanto você éh, se você tentar radicalizar um pouco isso, contrariando esses interesses, você não consegue governar, ter governabilidade no Brasil, então, eu acho que é isso a pergunta mais no sentido?

PQ: Por que vocês acham que a democracia não funciona? e por que ela não chega na discussão dos espaços que vocês foram criados?

L: Ela não funciona por isso, por ela está sendo ligada a interesses, a gente vê que teve, por exemplo, a questão, a monocultura de cana de açúcar, depois dos interesses dos comerciantes de café, hoje com essa Lava Jato ai, a gente vê que do que está por de trás a Odebrech, as grandes construtoras fazendo seu jogo de poder. Eu acredito que desde aquela época que já era interessante o não acesso a educação principalmente nas

camadas periféricas, a gente avança sem fazer uma reforma estrutural na educação e reforma agrária entre outras, é interessante para continuar mantendo esses interesses. Então, quem está nesse circulo de poder não quer sair, e vai usar as ferramentas necessárias para se manter. Então a democracia não vai chegar na periferia enquanto a gente não conseguir contrarias esses interesses

IG: Eu acrescentaria também as falhas nas leis, inclusive elas foram bem decisivas no ponto de tirar a Dilma do poder, porque elas tem múltiplas interpretações e isso facilita você quebrar a democracia, uma democracia que é baseada também nas leis fracas e múltiplas interpretações. Então, eu acho que isso é um ponto crucial também pra falta de democracia, e eu acho que não chegar na região é o ponto da educação, é o ponto do que ele disse, as pessoas acordam de manhã esperando o final de semana para ter um lazer, então eles não se interessam mesmo se tiver alguma mudança, alguma coisa pra abrir mais a cabeça deles, eles não se interessariam, por que já está na vida deles eles, acordam trabalham ou estudam chega o final de semana tem os momentos de lazer, então é isso

PQ: Então, vocês me falaram que do ponto de vista de vocês é um pouco diferente do ponto de vista dos seus amigos e do pessoal que estão a sua volta. O que que foi marcante para vocês, na história de vocês que fez om que vocês mudassem de pensamento e diferenciasse dos outros? ou isso vem desde sempre? ou teve algum momento da vida que surgiu?

IG: Eu comecei a fazer psicologia, todos os meus amigos partiam depois do ensino médio para engenharia, basicamente engenharia, educação física essas áreas, e eu fui para psicologia onde eu tive contato com outras pessoas diferentes, eu fiz um ano de psicologia antes de entrar na PUC eu tive um contato com pessoas diferentes, enquanto eles tiveram contato com pessoas do mesmo pensamento deles, eles conversam as mesmas coisas, eles sobre até os debates políticos que eles devem fazer, eles devem chegar em uma conclusão parecida e tomar aquilo como certo já eu não, eu encontrei um grupo diferente de pessoas, com pensamentos totalmente diferente que eu pude conversar coisas diferentes, não conversar coisas que eu penso e chegar: “a se ele pensa isso, provavelmente eu estou certo”. Eu escutei outros lados, e eu fui atrás de outros lados, então eu pude mudar um pouco meu pensamento enquanto eles continuaram o mesmo de sempre.

L: Eu comecei entender mesmo de política de 2015 para cá né? Eu comecei a acompanhar e participar de movimentos estudantis em geral. Antes disso eu não tinha conhecimento de política, mas eu me identificava como petista, mesmo assim sem ter um conhecimento nenhum, eu me encontrava nesse campo né? hoje eu tenho críticas assim, principalmente na questão econômica de como foi essa gestão, até porque eu cheguei a fazer um curso técnico que era pelo PRONATEC, que era um programa que era do PT, ai eu consegui uma bolsa de engenharia antes de entrar na PUC, na FEI, em São Bernardo, só que eu fiz só um semestre, que eu não gostei do curso, pelo PROUNI, e ai refiz o ENEM e voltei aqui pra PUC. Então eu já era meio identificado com a esquerda sem saber bem o que era esquerda e também vestia uma camisa do PT sem saber muito bem o que era o PT,

PQ: Você acha que essa sua identificação vem porque de alguma forma a política pública afetou sua vida?

L: Acredito que sim, principalmente na questão do PRONATEC e do PROUNI, um pouco mais antes de entender muito bem.

Interrupção

L: Então eu já me identificava como PT né? Mesmo sem saber muito bem o que era esquerda, o que que realmente era o governo PT. Eu acho que o que ficou mais marcado pra mim foi na época da Marta na prefeitura de São Paulo, mas eu não sei porque, mas quando a Marta foi prefeita foi quando eu vesti a camisa do PT e daí em diante eu só pensava no PT, mesmo enquanto eu pensava em partido que eu fosse votar apesar de que eu só comecei a votar quando eu fiz 18 anos e isso foi, não foi nem para presidente, não, foi para presidente a primeira eleição que eu votei.

PQ: Que foi a Reeleição da Dilma?

L: Da Dilma, mas eu não votei na Dilma, Que ai eu já tinha um entendimento um pouco maior, mas eu acredito que o PRONATEC e o PROUNI foram decisivos pra mim vestir essa camisa.

PQ: Para a visão da sua comunidade, qual a visão que eles têm do PT? e desses programas que você trouxe?

L: Sim, eu acredito que até um pouco antes do impeachment você tinha um pessoal muito pró PT, também na onde eu morava, porque embora você não tinha, era poucos né? com PROUNI e PRONATEC, mas tem um pessoal que pega bolsa família e alguns outros programas sociais. Eu acredito que um pouco antes do impeachment já começaram meio que a derrubar essa imagem do PT com processo de corrupção e isso muito forte na mídia né? que foi derrubando essa popularidade. Então, nos primeiros governos Lula você tinha uma força muito grande ali pró PT, com a Dilma isso diminuiu um pouco e depois que começou a vim á público esse processo de corrupção principalmente com foco maior nos Partidos dos Trabalhadores isso fez com que a população se virasse mesmo contra, e a favor de um discurso contra a corrupção.

PQ: E para você? Como é o PT visto na sua comunidade?

IG: Eles associam ao Comunismo e um partido mais liberal, porque o pessoal é bem preconceituoso, eles associam petistas a alguém a favor de gays e a favor de comunismo. Eles são mais conservadores em geral, bem conservadores. Bem conservadores, então eu acho que eles associam a isso, se eles, se eu for PT, você é comunista e liberal, enquanto eles são o contrário, eles nem sabem o que é comunismo o que é capitalismo, eles só ouvem falar que é ruim pelos pais eu acho, ou por uma página de facebook que eles seguem e eles saem atacando pelas primeiras coisas que eles veem, eles se agarram pelo e uma informação que os pais passam e eles acham que os pais são e estão só falando a verdade, e eles não vão atrás de saber o que é, então eles tem uma visão desse tipo.

L: Eu acho que lá onde eu moro isso começou um pouco mais pra cá e até mesmo até o governo Lula pouco se falava se o PT era comunista ou não, ou se era a favor de gay

essas coisas, acho que de um tempo para cá que começou a ficar mais forte esses apontamentos, ai eles identificam o PT com comunismo.

IG: E você identificar a Direita como fascista também veio mais pra cá, e eles num veem isso, eles só veem o PT comunista e mais liberal.

L:Acho que na época do impeachment estava bem assim, bem polarizado,

PQ: Quando você fala liberal assim, e mais por olhar pela liberdade gay liberdade em geral né?

IG: É sim, liberdade, você vê as minorias não como, não no sentido de população, minoria no sentido de voz, por exemplo, quando eu falo que eu sou o mais negro da minha sala o pessoal acha lá que nada vê, que é só uma coincidência ou quando eu falo que quando eu fui em uma festa da PUC eu olhei assim ao meu redor e não tinha negro, e eles falam que eu estou falando merda e que eu sou comunista e essas coisas, ou quando eu chamo eles para irem em uma festa da PUC eles falam não só vai ter viado e não sei o que, e ai eu acho que eles tem uma visão desse tipo.

PQ: E essa visão de mundo e de política vocês associam ao que?

IG: Da criação, e roda deconversa deles mesmo, mas acho que a criação.

L: É eu fui muito limitado até porque eu vim de um lar muito conservador, então assim de uma religião que acaba abafando esse discurso político, então minha família é testemunha de Jeová, então eles não se envolvem em política, não votam, só anula voto, não tem nenhum representante na política, não se discute. Então, lá em casa não se discute política. Agora, na minha vizinhança também pouco se discute, é mais aquela conversa de bar e no geral todas são: "todos são corruptos nenhum presta" então cai nesse limbo de indiferença né, pessoal não faz diferença em quem eles vão votar né?

IG: Eu acho que pode dar uma responsabilidade para a religião sobre eles terem a cabeça assim, porque bastante dos pais são religiosos, e eles vem com esse pensamento mais conservador e passam para os filhos que acabam criando os preconceitos também.

L: A religião é muito forte nessas regiões mais periféricas, principalmente a protestante, embora a minha foi um pouco diferente no sentido de que não tem uma participação, mas aqueles que tem, como meus tios, é você percebe que até mesmo na religião existe um posicionamento né? o líder religioso indicando em quem deve ser votado, e muitos que fazem parte da comunidade é evangélico ali, e religião alguns saem também como candidatos e geralmente em partidos mais conservadores né?

PQ: Tivemos durante o processo de impeachment varias etapas que marcaram o processo, o envolvimento do Lula, que também teve um papel muito importante nesse processo, quando o nome dele rolou na lava jato, quando ele estava para ser nomeado ministro, e a mídia caiu em cima dele, como vocês acham que esses picos para chegar no impeachment chegou na comunidade de vocês? Como eram as reações? Os impactos? Foi apático também?

L: Acho que não, acho que a mídia fez um papel muito grande, você tinha chamada todo dia na televisão de algum fato, Lula foi nomeado, fez aquela reportagem especial você via transmissões especiais da paulista ocupada com o pessoal a favor do impeachment. Então, quando começou esses processos do Lula, desde a nomeação dele a condição coercitiva houve um amparo muito grande da comunidade no sentido de cadê o Lula né? No sentido de que está certo tem que prender corrupto, mas eu vejo que isso foi muito pela mídia entendeu? Pela mídia tradicional que é o que está no dia dia né? todo mundo ali vai assistir um Jornal Nacional a noite, ou um Marcelo Rezende ou um Datena, e é essas as opções que tem. Hoje agora que houve um corte no sinal analógico em São Paulo, todo mundo foi para o digital então no digital você ainda tem uma TVT uma uniVespTV ou uma outra mídia um pouco diferente, mas se não a opção que você tem para assistir é a Band, Globo ou Record e todas essas emissoras deram um forte impacto para desconstruir essa imagem, e eu não estou falando que o Lula seja inocente, mas faziam questão de mostrar que ele estava errado e que vão pra cima dele. Acho que a mídia cumpriu um papel muito bem feito nesse sentido, e é acabou impactando sim, quando chamava assim a população ficava revoltada achando que era o corrupto que estava fazendo de tudo para não ser preso.

IG: Mas, ao mesmo tempo eu acho que e muito forte também, mas, mais para os adultos os jovens sempre foram muito x isso é uma questão,, ouviam os pais comentando, viam os pais falando," tem que prender" e eles só absorveram como verdade porque eles não colocavam em debate, eles não conversavam, sempre foram mais um presidente saindo e outro entrando e nada de errado e nada de certo só uma. Acho que, se perguntarem por que a Dilma saiu eles vão fala que foi por causa da má administração dela, eles não vão comentar que teve que ela foi acusada de crime, que eles não vão comentar que corrupção, eles não vão comentar nada disso, eles vão falar que os protestantes e protestavam contra a presidente e ai ela saiu.

L: Até porque você teve a nomeação de ministros que também estiveram envolvimento em corrupção impactado no governo Temer, mas você não teve toda essa. Quando o Temer nomeou, não saiu um chamado na hora da televisão dando o alerta né. Então, para muitas pessoas, nem sabem quem foi nomeado, e eles também são indiferentes pelo Temer. Mas quando ela nomeou o Lula, sim nos tivemos toda uma parada nacional, para mostrar que Lula estava sendo nomeado e isso ajudou acho que foi a mídia.

PQ: Durante o processo de impeachment tivemos manifestações muito importantes, infelizmente o vídeo só mostra uma, que foi a maior contra o Governo da Dilma, a do dia 13 de março, mas no meio disso tiveram muitas, que foram muitas a favor do impeachment, mas também muitas contra o processo. A periferia onde vocês moram participaram desses protestos?

L: Não, onde eu moro ninguém se mobilizou, via, mas até para chegar na Paulista era quase duas horas, então ninguém foi, eu acabei indo em muitas contra o impeachment, que tiveram algumas com repressão muito forte inclusive, mas no geral, o pessoal ligava a TV e via, pouquíssimas pessoas de onde eu moro participaram de qualquer uma dessas manifestações.

IG: Quem foi para a manifestação pró impeachment basicamente a classe média de Franco da Rocha, a classe mais baixa não se manifestou de jeito algum, a classe média

alguns foram, inclusive parentes meus para a Paulista, vestidos de camisa verde e amarela da CBF aquele jeito todo. Mas a classe mais pobre não se manifestou de jeito algum.

L: Porque domingo que é o único dia de lazer, sair de casa para ir na Paulista, que e para protestar por algo que eles não acreditam, acho que isso foi um dos motivos por a gente não estar presente

PQ: Mas eles não acreditavam em que?

L: Na política em geral. Falta de representatividade ainda vai pegar num dia de descanso para poder sair e fazer essa atividade é muito difícil.

PQ: As votações da câmara e do senado foram bem marcantes para a população em geral, acho que o país acompanhou principalmente a votação da câmara que foi um escândalo para todo mundo. Como essas votações impactaram a comunidade de vocês? E para vocês?

IG: Bom eu lembro que esse dia eu estava na casa de uma amiga minha, assistindo televisão e assistindo a votação e o pai dela chegou do lado e ele só ficou assistindo e comentando "está certo tem que tirar esses corruptos" não sei o que... Eu acho que isso representa bastante a classe média que, em geral estava assistindo, e com esse mesmo pensamento,, e ai as classes mais pobre realmente não sei nada do que eles pensaram, porque eles não se manifestavam, meus amigos de classe mais baixa não falavam nada, no dia seguinte era um dia normal, era um dia de "vamos jogar aqui em casa" e você ia lá e eles não falavam nada e ai foi basicamente isso, classe média apoiando e a classe mais pobre tanto faz.

L: Onde eu moro, bom eu acompanhei o processo inteiro, foram horas né? e eu acho que, pelo que eu conversei com geral a maioria não acompanhou né? viu depois na internet de alguns clichês que apareceram, ficaram assustados um pouco, mas já tinham uma descrença, depois que eles viram a maneira como alguns na câmara se comportavam ficou ainda mais evidente o exposto ao ridículo como são tratadas as questões ali, mas eu acredito que ali a maioria não assistiu, foi ver só no fim do dia se passou ou não e um outro ponto é no outro dia a vida seguiu como se nada tivesse acontecido

IG: Eles só passavam e comentavam ia outro olhava e comentava e saia basicamente isso, e eu acho que muito em outras casas foram assim também, pelo menos na minha casa eu sei que eles não acompanharam. Na casa dessa amiga também não acompanharam, acho que deram só uma olhadinha como é que tá, mais o resultado mesmo e só.

PQ: E para vocês como foi assistir?

L: Pra mim foi vergonhoso e meio chocante né, ver como que a câmara né, principalmente a câmara, fiquei muito triste mesmo.

IG: É aquele rir pra não chorar, eu me senti bem desse jeito.

PQ: E a votação do senado?

L: Eu acompanhei também a votação do Senado, Eu não acompanhei todos os discursos, deixei a televisão ligada e fui fazendo algumas coisas da faculdade, mas eu vinha acompanhando o placar e alguma outra fala. Eu vi que no senado já ia passar o processo, já ia passar, mas deu pra perceber uma diferença grande né? na câmara e no senado ne? O senado de certa forma é um pouco mais organizado e você tem ali um pessoal que age de uma maneira mais de acordo com o decoro do local né? Um pessoal que tem um certo conhecimento, um certo nível de escolaridade que é totalmente diferente da câmara né? Eu não duvido nada que na câmara você tem ali semi analfabetos ali que estão porque levam votos. Mas, eu já esperava que passava, então não foi nada surpreendente porque o discurso de defesa e o discurso contra já era algo muito repetitivo antes mesmo de chegar lá, então já vinham de toda uma discussão anterior e ali só concretizou aquilo que já se esperava

PQ: Eu acho que durante o processo algo que circundou muito foi crise econômica a Lava Jato e uma grande depreciação do PT. Foram algo marcantes para o processo. Como vocês acham que isso chegou na comunidade? na periferia? e para vocês? em articular como que foi esse processo de crise econômica de que forma isso chegou para vocês? Como que vocês sentiram essa crise? Como ela significou para vocês? Por que assim, na vida real mesmo, não aconteceu muita coisa, ninguém próximo perdeu o emprego, talvez as coisas ficaram um pouco mais caras e tudo mais, mas simbolicamente estava ali a todo momento, todos falando estamos em crise, estamos em crise, como que foi isso para vocês?

IG: Então, simbolicamente para mim eu sentia, deixa eu ver uma palavra, porque eu via bastante os meus pais, porque essa época de crise chegou no meio de um tempo que eu ainda não me interessava nada, não pensava nada, então eu sentia meio que tipo, mesma coisa que meus amigos sentiam, tanto faz, eu não trabalho, eu não estou gastando muita coisa, minha vida está normal, não está me afetando muito. Mas ao meu redor a mesma coisa, só ouvia em crise que tinha crise, crise e crise, mas nada muito impactante na vida de ninguém próximo,

L: Eu acho que onde eu moro também, muito se falava de crise, mas, pelo menos quem eu conheço ali da região, continuam trabalhando, acho que nos últimos anos, vou considerar os últimos 10 anos, muitos conseguiram alavancar sua renda, fizeram uma casinha, fizeram um puxadinho, continuou a construção, comprou um carro, então foi um período produtivo nos últimos anos, o pessoal ficou preocupado, mas não vi ninguém ficar desempregado no geral. Agora, pra mim, não fazia muito sentido até o momento que estudei economia né, a acompanhar esse processo, e também se você analisar as medidas econômicas do governo PT, que eu não vou entrar em detalhes, e contribuíram ainda mais para aprofundar a crise né? Principalmente o governo Dilma, com relação a Lava Jato na comunidade em geral fica uma visão de que é algo bom né? Algo que esta indo atrás de corruptos e prendê-los, muitos até procuraram na figura de Sérgio Mouro o Salvador, um Deus, “viva a lava jato” que está ai, sem entender muito bem que algumas vezes ela era muito investigava muito um lado com objetivo específico, mas não que no geral ela seja ruim. A Lava Jato pra mim ela está ai mostrando o que já acontecia desde o Brasil colonial, quem realmente manda nesse país, como são as relações entre o privado e o público, ela só esta escancarando isso, que seja realmente seguir né? é continuidade, mas a comunidade em geral, a maioria das pessoas

são a favor da Lava Jato e principalmente do Sérgio Moro. E acho que esse processo de depreciação do PT já vem de um tempo, pouco antes do impeachment, um papel muito importante para a depreciação foi à mídia.

PQ: A mídia?

L: Que eu digo jornal de TV que é o que a população da periferia acompanha, ninguém lá vai comprar um Estadão um Folha, fazer uma assinatura, ali onde eu moro é desse jornais, então, vai se politizar através de Jornal da Tarde ou Jornal da Noite da manhã antes de trabalhar,

IG: Eu acho que acesso a internet teve também tem delimitado, por eles seguirem páginas no facebook, mas como a maioria deles não buscam informação eles nem são excitados a buscar informação, então a internet para eles é lazer, informação televisão e lazer internet. Quando veem algo na internet não tem a preocupação de ver se é verídico ou não só compartilhar. Acha bonito o discurso e compartilha.

PQ: Agora falando primeiro de vocês depois do território de vocês, Qual a visão da Dilma para vocês?

L: Bom pra mim, a Dilma é, ela não era uma pessoa que eu acreditava para seguir no comando do Brasil, até porque ela deixou assim como o próprio Lula já no começo com aquela Carta abera aos Brasileiros em 2002, o ministro da fazendo que ele escolheu, ele já estava assim dando sinais claros que tipo de política econômica ia ser feita. A Dilma também nesse sentido ela foi uma aposta pra mim do PT a dar continuidade com esse projeto, precisava de alguns programas sociais que é muito importante para poder dar acesso das pessoas da periferia, mas ela não propôs nenhuma reforma estrutural, não houve essa preocupação e ela cometeu erros graves do ponto de vista econômico pra mim. Era um momento para aplicar medidas econômicas para sair da crise ali, e ela fez totalmente ao contrário para não peitar os interesses de banqueiros, interesses de latifundiários da classe que está financiando todo esse projeto, que financia toda essa governabilidade. Então, eu nunca votei na Dilma, com exceção do segundo turno de 2014 eu acabei votando nela, mas não foi a minha primeira opção, não vejo nela uma figura exemplar para presidente, mas não acho também que o afastamento dela foi legítimo. Eu acho que foi exatamente por não conseguir dar mais respostas a esses setores, não conseguir mais fazer essa conciliação entre as classes sociais diferentes que ela acabou saindo. Foi uma aposta do PT dar continuidade do projeto com ela foi um erro e no meu ponto de vista eu votei nela para não votar no pior, mas não é pra mim algo exemplar de uma presidência, embora eu não ache que ela foi afastada de forma legítima.

PQ: Você acha que ela cometeu crime?

L: Se você foi ao pé da letra juridicamente o que ela fez ele é crime de responsabilidade fiscal, que dá afastamento a um presidente, mas entra no que ele falou lá no começo, essas dúbias interpretações da legislação tem tudo haver, porque esse crime de responsabilidade fiscal ele aconteceu em todos os outros governos de outros presidentes, até mesmo o próprio Alkimin aqui em São Paulo fez isso diversas vezes e ninguém pediu o impeachment dele. Então eu acho que não era um crime que dava legitimidade para impeachment, nem, mas juridicamente falando tecnicamente houve

atraso do repasse como se fosse empréstimo da União para o banco e que é proibido por lei. Mas acho que não era para impeachment.

IG: Eu também nunca botei tanta Fé no governo Dilma, é que nem eu tinha falado antes, antes de comentar esse dúbia interpretação que ir contra o método de governo e crise não são motivos para você chegar onde chegou, então, Bom, eu nunca fui a favor da Dilma também, muito menos as outras opções que tínhamos para que teve popularidade que você via que ia chegar no poder. Eu nunca votei para presidente também, só votei para prefeito no ano passado, eu acho. O que eu ouvia também na época do impeachment era isso, era o que meus pais falavam quando eu contei sobre os meus amigos terem a base, porque eu era de o que meus pais falavam eu tomava como verdade, mas mesmo depois de ir atrás eu não acho que o método da Dilma foi um método de governo correto, eu não tenho muita informação econômica, mas, você não precisa ter isso para saber que ela contribuiu com a crise para chegar num estado que a gente chegou e perguntou também para as pessoas da cidade? Era a mesma coisa, é tipo como regra: Os de classe média criticam baseado no que eles viram pela mídia, e os de classe mais pobre não comentam, é quase uma regra isso eles não falam nada. Os jovens também não falam nada, são muito poucos que se envolvem até porque, até mesmo na ETEC eu fiz meu ensino médio na ETEC que é um lugar onde você pensa que estão as cabeças mais críticas da cidade onde estão os de mais estudaram como estereótipo e você vê que não é assim lá também, que são poucos o resto entre aspas tá preocupado com os deveres durante a semana e o lazer do fim de semana, então e indiferente o presidente o governador e tudo mais .

PQ:Bom, vamos lá, Dilma saiu pelo impeachment, o Brasil ficou meio estranho depois disso, ficou meio o que está agora, Pós Dilma, como a comunidade e como vocês hoje tem sentido os impactos do impeachment?

IG: Bom, agora que eu entrei aqui na PUC, eu acho que estou tendo contato com os dois tipos de pessoas, antes eu tinha só com uma, o pessoal pró-impeachment, e agora eu tenho com os dois grupos. E o pessoal do pró impechment eles nem comentam o Temer, eles já vem para o próximo presidente, que eles tem como uma figura salvadora Bolsonaro, agora também o Dória que apareceu com alguns projetos em São Paulo e eles estão glorificando Dória e Bolsonaro e flanado que Lula 2018 nunca. Eu mesmo não sei os candidatos, eu só sei Lula e Bolsonaro que é o que tanto falam e ai eles não comentam muito sobre o Michel Temer, eles não comentam nada eles já visam e o próximo presidente enquanto eu acho que o atual está fazendo modificações que são totalmente ruins, modificações ruins que as pessoas nem veem por causa que eles ainda estão glorificando o impeachment de Dilma, quando você fala Temer eles falam Dilma tipo rebatendo como se fosse pelo menos tiramos a Dilma.

L: Eu acho que o processo de impeachment ele teve um respaldo muito grande da população periférica, eu acho que foi essa imagem que foi vendida né, então ali a mídia teve seu papel, deixou muito claro: "precisamos tirar a Dilma, Pronto tiramos, conseguimos e acabou o debate né?" então você não vê chamada relacionada a corrupção, abafou a poeira, é pouco se questiona desse governo né? Temer, é Indiferente né? O que eles queriam era tirar a Dilma né? E a gente conseguiu. E ai começaram a vim algumas medidas para cá, como reforma PEC 55 que, embora para mim teve uma discussão muito grande, principalmente por estar na faculdade, foi indiferente para região onde eu moro, cheguei até mesmo a ir para Brasília protestar um

dia, mas lá foi indiferente. Reforma trabalhista passou, não teve ninguém para comentar, teve um ou outro comentário na periferia, mas assim, bem básico, com pouca informação, alguns contra outros a favor, e agora que a gente começa a ter algumas coisas, porque assim, a gente vê que esse governo está tentando empurrar tudo aquilo que não passaria nurna, se fosse votado mesmo, então ele não tem legitimidade e está empurrando mesmo. E ai um ponto que agora atinge um pouco mais a população que é a questão por exemplo da previdência você começa ver já, "pow vão mexer na previdência" o pessoal já começa a ficar meio preocupado, a não tem o que fazer, não da pra fazer nada, os caras vão mexer e já era né.

PQ: A periferia está com essa ideia? De que não tem o que fazer?

L: Sim não existe saída né, se eles quiserem mexer mexeu, tanto é que essa última manifestação que teve agora do dia 28 né teve o ato da Greve Geral que acabou impactando muitos por não conseguirem trabalhar e fez pensar um pouco ainda mais essa reforma né? e a população no geral é contra principalmente a periferia, mas acho que não consegue ver como bater de frente, com tudo isso entendeu? Não tem saída, não tem ferramentas não tem como expressar que é contra entendeu? Eles acreditam pouco em ato e manifestação, até porque os atos que ocorrem eles são no Largo da Batata na Paulista e é muito longe de onde eles moram e se você ainda tem uma greve nenhum deles vão fazer um esforço pra ir e estar presente né, e ai você pega mais uma vez o papel da mídia como isso foi transmitido você não teve, diferentes das manifestações que eram pró impeachment que eram mostradas durante o dia, você não teve essa repercussão da mídia, de uma forma normal né? você chegava lá no fim do dia houve uma manifestação que teve repressão, e ai eles falavam bem por cima, não levaram em consideração que foi um dia de greve pararam tiveram uma participação significativa da população que foi um ato grande e isso aquilo não, isso é tudo disfarçado. Então eu acho que esse governo está tentando passar aquilo que não passariam nas urnas, porque ele não tem essa legitimidade até pouco tempo atrás pouco se questionava o governo Michel Temer na periferia, ele realizou nomeação de ministro que estavam envolvidos na Lava Jato, citação em nome em delações, passava até no jornal a o Temer não presta, mas a Dilma também não prestava. Agora que está tendo algumas reformas um pouco mais. por exemplo. que é essa da previdência que a população está começando a pensar "A será que foi uma boa ideia mesmo ter tirado a Dilma?" mas ainda foram poucos, não é no geral.

IG: Sobre as reformas, eu vejo ainda que são a favor ainda da reforma, mas eu acho que são a favor só porque, pra evitar a critica de ser pró impeachment. Eu acho que eles vão a favor, e Sobre a greve geral, ninguém, ninguém, ninguém, eu não vi ninguém, comentando a greve geral, só ouvia eles falando de como se fosse um feriadão prolongado,, porque eles, se você perguntasse se eles pensavam em ir na greve e ainda era impossível ir na greve, perguntaram pra mim se eu iria na greve minha tia perguntou e eu disse que eu iria, perguntei se ela iria e ela falou que não porque era o dia dela ficar em casa descansando porque ela estava muito cansada. Então é bem aquilo, tanto faz, a greve não muda, nada muda, quando vai acontecer e a gente não pode mudar.

PQ: Se as reformas propostas por Temer, principalmente as trabalhistas, não passam pela urna, por que a periferia não elege candidato que meche em direitos do trabalhador, e a periferia se reconhece como trabalhadora, porque agora eles não reagem às reformas?

IG: Acho que para eles o único modo de mudar o país são pelas eleições, acho que manifestação elas não são um modo de mudar

PQ: Não é reconhecido como prática democrática?

L: Sim eu acho que falta essa, não consegue se ver representado, não conseguem ver entre os diferentes candidatos algum que realmente faça a diferença e nesse sentido ainda acho que falta um trabalho de base, principalmente na periferia, no geral e nos partidos né? Tem um ou outro, mas que é pouquíssimo e que é um trabalho que explode mais em época de eleição, mas não está presente no dia a dia da comunidade, então você pode até ter ali, ali onde eu moro é um pouco mais difícil, mas o centro de São Miguel Paulista você ainda encontra uma central, o partido X ou Y dessa correte ai do PT, e que faz uma ou outra reunião e faz um ou outro trabalho. Mas e muito pequeno ainda, eu acho que falta trabalho de base ali na comunidade, na periferia, desses partidos. Trabalho seja no sentido de promover uma discussão politica uma formação, atividades culturais um cursinho popular comunitário, para a população acho que isso aos poucos começa a politizar, E fazer com que o pessoal ali veja ferramentas de lutar democraticamente ou de pensar melhor na hora de votar, mas não tem esse trabalho né? quando tem é muito difícil assim, você ouve de uma festa assim comunitária que vai ter no partido tal, ai você vai nessa festa, mas é, não é algo que está presente né? no dia a dia.

IG: Acho que a base de tudo que ele falou seria a educação,, porque de nada adianta acontecer isso, mas acho que a periferia não se envolveria tanto, porque eles não tem uma educação que faça entender que isso é importante então se eles não vão nem na escola deles porque eles iriam em atos, acho que não há nenhum reforço positivo.

L: Acho que um partido que conseguir fazer um trabalho de base legal na periferia e se tem um projeto, por mais que não tenha também um projeto tão pró assim classe trabalhadora, mas se faz um trabalho legal de base ali, consegue ganhar voto ne? se a intenção e voto. Ai depende, se você tem uns partidos que fazem isso que eu vejo lá arrancando uma quantidade significativa de votos por fazer uma ou outra atividade, mas que não são pró classe trabalhadora principalmente na época de eleição que pega alguns para trabalhar e remunerar né e ai acaba levando esse votos, mas se tem algum partido que se interessa realmente em discutir em politizar e querer trabalhar essa questão de democracia tem que começar fazer esse trabalho na periferia

PQ: O que vocês esperam da política daqui pra frente?

L: Eu vivo em uma maré de pessimismo, infelizmente cada eleição a gente tem que optar em votar entre o menos pior,, mas eu me movimento, agora estou cada vez mais no movimento estudantil e também participando junto com alguns partidos conhecendo e indo em reuniões e eu tento manter de certa forma uma esperança,, uma espécie de fé, eu acho que quando a gente se reúne com o pessoal de esquerda, porque eu sou de esquerda né? Para discutir e às vezes para ir na comunidade para fazer algum trabalho, isso pra mim é como se fosse a época que eu ia para a igreja num culto entendeu? Parece que ascende uma chama ainda que faz você acreditar em uma possibilidade muito pequena, mas a minha maré é pessimista entendeu? Tanto para as eleições presidenciais, quanto para as outras que estão por vir, principalmente no nosso

congresso no geral é pessimismo se for fazer qualquer reforma institucional, não vai ser positiva, mas eu procuro ainda mais nesse momento me reunir com esse pessoal e tentar fazer um trabalho que embora eu não acredite que muda muita coisa é aquilo que me mantém na luta, Eu ainda assim me dá esperança se não eu poderia cair ai nessa maré que está na periferia que é indiferente entendeu? Eu preciso formar estudar e trabalhar,, e política? eu chego na hora e escolho um lá.

IG: Bom por um lado mais otimista eu acho que a politica agora, tem até por causa do impeachment, ela é mais discutida, ainda mais que sejam faladas bastantes informações falsas da política, ela pelo menos agora é mais discutida, mais debatida, ainda não chegou na periferia todo esse debate toda essa esses movimentos, mas agora acho que a política é mais debatida e para um futuro bem distante as pessoas serão mais conscientizadas sobre política.

PQ: Tem alguma coisa que vocês gostariam de falar que eu não perguntei?

L: No geral, é que eu não tenho nenhuma filiação partidária de nenhum movimento estudantil, já tive, mas hoje eu estou independente, assim tenho acompanhado no geral vários movimentos e tentando me encaixar em algum, de certa forma o que eu vejo que é muito difícil e uma unidade na esquerda e acredito que o momento que estamos vivendo está propiciando essa união, de certa forma, para que alguns grupos de esquerda comece a se juntar novamente né, a gente teve alguns muito sectários, mas hoje agora as pautas elas estão ali, de defesa ou não defesa de um governo PT, mas sãopautas muito mais concretas reforma trabalhistas entre outras. Está aglutinando um campo maior da esquerda, mas um pouco antes do impeachment a gente tinha talvez uma esquerda mais alinhada com o partido dos trabalhadores, mais acomodada e uma esquerda mais rompida que também veio desse PT e agora está coincidindo ne? dessas duas, até porque quem esta no PT perdeu, e está coincidindo a luta ne? Então, agora que eu queria, e o que espero, é ver essa unidade maior da esquerda, mas ai eu acho que é muito difícil né no Brasil

IG: O que eu comentaria mais sobre política na periferia é que a prioridade deles é prazer, porque se você ouvir funk periférico, você vai ver tudo que eles mais prezam que é dinheiro é mulher, é moral, é você ser alguém grande na periferia alguém respeitado, onde os meninos e as meninas vão te admirar. Então, eu acho que enquanto a prioridade deles forem essas coisas, serão mais difíceis uma conscientização maior do povo periférico, e eu acho que sem educação isso não vai acontecer.

PQ: Se vocês pudessem resumir tudo isso em uma só palavra, qual palavra seria?

L: Palavra?

IG: Eu usaria educação que eu prezo bastante como uma necessidade muito muito grande no Brasil.

L: Uma palavra é difícil ne, acho que é descontentamento né? Você percebe um descontentamento geral, de todos os setores.

TRANSCRIÇÃO - ZONA VERDE	
TEMPO:	01:20:37
DATA:	06/05/2017
LOCAL:	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP
SIGLAS	
PQ:	PESQUISADOR
P	PARTICIPANTE

PQ: Bom, queria que você me dissesse quais são as suas impressões, o que você tem a dizer?

P: Falar assim? Sem nenhuma pergunta?

PQ: Fica a vontade

P: Difícil isso, porque meu envolvimento com isso tudo ele não foi um envolvimento só passivo né? Claro, que se você não é deputado, não é senador não tem o poder decisivo das coisas você tem um envolvimento passivo né? Só que eu tive um envolvimento grande, porque eu participei das manifestações, não só como manifestante, mas, como organizador, principalmente no 13 de março. Então, são muitas impressões sobre vários episódios que eu vi aí no vídeo. Então, eu assisti várias, intermináveis sessões da comissão do Senado da minha casa, o grande objetivo era entender os fundamentos então não era só o sentimento de que ela estava sendo deposta porque eu não votei nela, acho que isso jamais passou pela minha cabeça entende? Uma insatisfação política porque meu candidato perdeu, isso jamais passou pela minha cabeça. Eu sempre então busquei entender os fundamentos que estavam por trás daquilo tudo, eu estive com a professora Janaína Pascoal algumas vezes, com o Hélio Bicudo. Eu fui no ato da São Francisco onde ela jurou bandeira então todo mundo, onde ela ficou famosa, onde o vídeo viralizou. Então assim, eu acho que quando começou isso tudo, realmente foi estranho, porque não existia, existia o que? existia assim uma manifestação muito dispersa de movimentos que eu nem conhecia MBL, Vem Pra Rua etc. e era um movimento muito generalizado, claro que a mídia ai cumpriu um papel muito importante, mas não só, mas não de manipulação, eu acho, mais de informação mesmo

PQ: Mais de informação?

P: Mais de informação, você chegou a assistir na globo, por exemplo, ela transmitiu a TV senado, apesar que tem uns comentaristas que influenciam as pessoas. Existiam muitas dúvidas se aquilo ia para frente né? O processo de impeachment de uma presidenta que tem um partido grande não é um caso qualquer né? É um caso de perigo institucional, eu sempre entendi isso, pra mim claramente eu acho que não houve golpe, não é golpe, foi um processo de impeachment que ocorreu dentro da legalidade e não diz nada sobre o governo Temer, o que aconteceu alí, não foi reeleição do governo Temer, isso é um outro assunto, dá para ser crítico em relação aos dois, que é inclusive

o meu caso, acho que, enfim, hoje um ano depois muda muito a percepção né? Na época era a sensação que você estava fazendo uma coisa que tinha sentido, era uma mobilização que te dava muito prazer né? Falei na Maria Antônia para os estudantes do Mackenzie no carro de som, eu enfim, eu tive com pessoas importantes na semana do impeachment. Então a participação próxima fez com que minha experiência fosse um pouco diferente eu acho, daqueles que teoricamente concordariam comigo, daqueles que aparentemente estavam alí, eu estive muito próximo e eu vi como isso tudo era trabalhado com muito cuidado pelas pessoas que estavam próximas né? Então, o próprio PSDB demorou muito tempo para entrar na militância pró impeachment, porque é uma coisa que constitucionalmente é, e aqui é meu lado estudante de direito muito chato, que é uma exceção ali não é um voto de desconfiança né? Você não está dissolvendo um gabinete de primeiro ministro ali, você esta depondo uma presidência da república que é chefe de estado também. Isso não é impossível, e o fato disso ter acontecido não significa nada além de ter sido impeachment, "ah, mas aconteceram consequências nefastas a partir disso", acho muito difícil você julgar um governo que seja tão frágil do ponto de vista de popularidade e de projeto, porque, o governo Temer é um governo improvisado, é um governo com forças que estavam ali,ele não cria nada. Então, minha análise política, quer dizer que o Temer não é o grande problema de tudo que está acontecendo hoje. Na época, a gente era um pouco mais otimista, na época eu era muito mais otimista, na época eu achei que fosse resolver alguma coisa, resolveu, mas não resolveu tudo, e as pessoas queriam que aquilo fosse um grande momento de salvação nacional, o que é sempre perigoso na história do Brasil, porque nunca é só elite, você não pode pensar que é só elite, a elite universitária estava contra, a elite universitária não estava a favor do impeachment, isso é fato, pensando territorialmente inclusive. Eu acho que é difícil, para ser muito sincero, você identificar regras gerais de comportamento nesse sentido, porque do mesmo jeito que teve panelaço no bairro que eu moro Bela Vista, perto da Av. Paulista, quando a Dilma falou e etc. Teve para o Temer também, e teve para o Lula, e teve gente gritando "Não vai ter golpe", então, eu acho que foi muito dividido sabe? eu diria que a divisão de percepção, e esse é um chute meu, que conta também da minha experiência nesse processo, de que é mais realmente de uma questão de escolaridade, acho que isso é muito mais relevante, escolaridade. Eu diria que as pessoas mais educadas elas tem a sensação que elas podem fazer alguma coisa em relação a história no geral, a favor ou contra o PT, as outras pessoas elas não se colocam como agentes da história, a população no geral, que no Brasil a gente pode falar que a população no geral é a classe trabalhadora, não se vê como protagonista. Então, existe muita farsa no discurso do PT, desde sempre, quando surgiu esse processo, é um processo de classificação das pessoas de acordo com o comportamento delas nesse processo, que diz muito sobre como as pessoas percebem, alias, eu acho isso muito interessante, isso me afetou muito porque você vê seus colegas e etc não dizendo que você está errado ou criticando sua posição politicamente, mas dizendo que você é um antidemocrata, que você é uma pessoa anti trabalhadora, que você é uma pessoa misógina porque a presidente da república era mulher, você é misógina, veja olha só os ministros do Temer são todos homens e talz. Então, parecia que a pessoas ainda estavam aderindo a um espantalho e na verdade ninguém era. Se você vê essas

manifestações elas eram um grande caldeirão de loucura, tinha gente muito sensata do lado de gente muito louca. Eu posso contar da minha experiência na 13 de março, e que eu fiquei 8 horas em cima do carro de som, o MBL, por exemplo, era, com certeza, o movimento mais sensato que existia na Paulista, dos 14 ou 15 que estavam lá no dia ajudando na manifestação, porque as pessoas tem um diagnóstico de que as coisas estão ruins, existe um mal estar no Brasil muito grande, muito maior do que existe hoje, a impopularidade do Temer ela é muito grande, mas também acho que é reflexo desse processo de stress político todo, existe um mal estar menor hoje, justificado ou não, com bases reais econômica ou não, mas é melhor, porque naquela época você tinha uma encruzilhada, você tinha uma presidenta que não tinha capacidade de comunicação, não tinha capacidade de liderança,, não tinha capacidade de soluções, ela se provou várias vezes errada, ela se provou várias vezes incapaz de fazer uma gestão pública e as pessoas sentiam aquilo, então todo o processo foi assim sabe? e tudo que foi entregue, foi entregue muito mal, a politica econômica foi um desastre e as pessoas sentiram isso assim. Você tinha inflação com redução do PIB, isso é uma loucura macro economicamente falando, e para as pessoas mais populares, elas não entendem isso, mas elas sabem que o poder de compra dela diminuiu. Então aquilo foi uma revolta dos consumidores, foi uma revolta de todo mundo sabe? se não foi uma revolta cidadã de livro e bonita de revolução Francesa que a esquerda quer pensar, eu posso até concordar que não foi, mas as pessoas estão buscando uma saída, então, tipo, tinha gente achando que a saída eram os militares, esse tipo de gente era absolutamente minoritária, mas muito barulhenta, eu discordo muito mais desse tipo de gente que estava lá do meu lado, do que as pessoas que eu estava tentando depor entende? Então, existe um sofrimento, você ser ombreado com gente muito ruim numa história dessas, só que você ficar impassivo também era, ali, era você perder a oportunidade de crescimento pessoal - um movimento histórico desse acontece quase nunca - e é uma oportunidade também para você encontrar sentido na ação política que é outra coisa importante. Eu acho que não da para você levar um processo desses achando que é uma novela, foi até por isso que eu disse que a narrativa do vídeo é estranha, não porque seja de um lado ou pro outro, porque você focar em um logo, politica no Brasil como se fosse uma série do Netflix é você desconsiderar que está existindo ali uma coisa muito real né? muito real. Assim, se mudou a politica economicamente, essa é outra história, mas aquilo ali realmente existe um sofrimento. Na verdade, Dilma não é uma pessoa que precisa ser torturada como ela foi na ditadura militar, isso não deve ser sugerido, nem ali nem na mídia, você precisa só lembrar que é uma pessoa, então, tem um lado empático em si, sabe? eu mesmo tenho relação com um pessoal que discorda muito de mim, e eles são menos sensíveis que eu, eu acho no geral, eles gostam mais de, eles gostam de pensar assim, eles têm uma certeza moral que eu não tenho tanto. EU ME VEJO MUITO EM DÚVIDA EM RELAÇÃO A ESSE PROCESSO, TALVEZ VENHA REVISITAR EVENTUALMENTE E PENSAR PORQUE QUE EU FIZ TUDO QUE FIZ. Atualmente não me sinto culpado, não tenho culpa, tem muita preocupação, porque num processo desses, que você faz parte de uma forma tão marginal, tão pequena, ele significa muito para você. Eu conto para as pessoas, as pessoas, elas querem saber como que era, elas querem saber que eu me encontrei com fulano e ciclano beltrano na

semana do impeachment, para relatar como foi, tem uma narrativa sendo construída em cima disso, que é minha. Eu acho, e foi mais ou menos onde eu comecei a fazer política. Então, eu coloco como, eu comecei a fazer política a partir desse momento. Então o que ali era vontade de fazer um projeto pessoal, o que ali era vontade de mudar o país? Que o país não ia mudar sozinho, e aquilo foi um movimento de massa, a 13 de março foi a maior manifestação da história do ocidente, 3 milhões de pessoas na Paulista. Aquele foi um dia que eu me lembro de todos os detalhes, e eu sou fraco de memória, porque foi muito marcante, eu escolhi pessoas para falar, eu recebi pessoas que concordavam comigo, tinha uma linha muito crítica em relação as outras, então, nossa manifestação da 13 de março foi quase que uma voz dissonante, e foi a primeira vez que o PSDB se colocou na rua mesmo. Então eu acho que foi muito legal, eu fui aprendendo durante esse processo quem era quem, fui conhecendo os movimentos ai que se colocam, fui conhecendo as lideranças, você via que era gente muito ordinária, então, não tem esse dirigismo tão maravilhoso que é narrado sabe? tinha gente muito ordinária com muita vontade de fazer política sabe? Sabe pessoas que nesse momento se transformaram em alguém? Como tem as novas lideranças ai? Eu acho que sim, mas antes, não eram, a maioria era gente comum, gente ordinária ali. Tem um discurso sobre elitismo né? muito forte nessa história toda, o bateu panela principalmente, porque o bateu panela, é a madame pegando na panela da empregada e batendo na janela, e as pessoas acham que isso tem todo um significado antropológico e talz,, pode até ter, e é uma forma de manifestação conveniente né? porque o que que acontece? a esquerda perdeu, a esquerda tradicional organizada em movimentos sociais, do jeito que são corporalizadas, dessa forma muito centralizada no século xx, essa coisa, tem coisas que mudaram, mas esse tipo de esquerda tinha o monopólio da rua, até 2013 até ano passado 2016, tinha o monopólio, então eles quem aprovou eram eles, a partir de agora todo mundo foi pra rua, todo mundo não se entende na rua, não tem liderança na rua, não tem identificação na rua, as pessoas estão ali realmente por quê? Não sei porque, elas estão ali. E você vê essa expressão do, não essência, no congresso no dia da votação, só que o dia da votação também foi o seguinte: as pessoas olharam aquilo tudo e falaram, olha só como todos vocês são ridículos, vocês todos vocês que foram a favor, são essas pessoas que estão depondo uma mulher honesta, aquelas pessoas estão eleitas, tanto quanto a Dilma, nada expressa pra mim de forma mais correta e precisa o povo do que a câmara dos deputados, nada, a câmara dos deputados ela é simétrica, você vai ver, eu vi no vídeo tem mulher de ex-deputado, tem gente ligada às corporações, aquilo ali não é uma farsa, aquilo ali tem muito de real, real e trágico ao mesmo tempo, sempre é, para os dois lados né? enfim. Algumas coisas mais psicológicas assim, foi muito interessante ver o Lula mal, porque o Lula ele se coloca como fio inabalável, e incapaz de estar imerso no impopulismo, ele é um condutor, ali ele estava rendido, ele estava, eu fiquei impressionado, porque ele estava, o aspecto dele, aquela imagem dele me chocou muito. Eu senti, não senti nem dó nem pena, porque ele sabe que ao fazer política ele está sujeito esses momentos, mas você sente uma empatia né? eu senti uma empatia porque perdeu né? Porque aquele momento ali, e aquela derrota televisionada. Então, Lula imagina, eu me coloquei no lugar, eu me coloco muito no lugar sabe? A Janaina Pascoal chorando ali, porque dos brasileirinhostalz, aquilo é uma narrativa muito emocional,

mas é uma narrativa que ela encontrou assim sabe? E as pessoas, elas tem esse tipo de recurso, as pessoas estão fazendo isso pela bandeira e estão fazendo isso pelo não sei o que, é natural que seja assim, o outro lado faz isso também, é muito difícil você encontrar racionalidade afinal de contas em um processo desses, que é um processo conduzido de forma muito complicada mesmo. Você tem muitos interesses, na câmara você tem muitos personagens e nenhum deles é ingênuo, mas o povo na rua ele é mais ou menos ingênuo, ele queria apenas que as coisas ficassem melhor. Agora tem gente que acha que as coisas ficam melhor com cassação de direitos políticos, e tem gente que acha que as coisas ficam melhores com um liberalismo muito louco que nunca foi experimentado antes no Brasil., Ali você não via homogeneidade nenhuma, muito menos em qualquer manifestação de esquerda, porque eu vou nas manifestações de esquerda, e você não vê sabe? Não é o debate que você vê entre PCdoB PSOL e PT, não é, é um debate assim, é um debate entre gente que possivelmente vota no PSDB, que não tinha muito interesse em política, mas estava ali aquele dia. É gente que faz realmente uma militância a 20 anos por intervenção militar, e os monarquistas, e gente que tem relação com outras coisas. O caso dos revoltados online, que é um caso interessantíssimo, o cara lá, ele começou com um movimento de combate a pedofilia e dai vira um movimento pró impeachment, com um ator pornô na frente do movimento. Eu fui na policia militar na manifestação da 13 de março e estava lá o Frota, pitoresco sabe? Você olha e fala: “não é possível”, mas é possível, e as pessoas elas realmente querem se conectar ali. E ali tinha para todos os gostos, acho que foi essa a minha sensação que ficou. Isso na foto da folha de São Paulo você não vê isso, na foto você vê um mar de gente de verde e amarelo, mas ali no chão era outra coisa.

PQ: O que você acha que motivou as pessoas a irem então? E o que que te levou também?

P: Tá, o que que levou as pessoas? É uma mistura de consternação geral com a corrupção. Então uma ideia de que tem como você moralizar a política de fora para dentro, Então você vai para a rua e mostra para eles como eles tem que agir, eles os políticos né? Jamais as pessoas se colocam como parte do mesmo país, é impressionante, são dois países, eu discordo dessa visão, mas é uma visão muito presente, que a corrupção não é o que você faz por benefício próprio prejudicando alguém, corrupção é pessoas politicas ganhando dinheiro, ficando ricas a sua custas. E eu diria, aqui é um negócio impublicável, complicado, que tem uma inveja, que a inveja é um sentimento que motiva muito a revolta moralista, contra a corrupção, assim implicitamente as pessoas não dizem. É que essa minha hipótese é bem complicada, mas assim, você sente isso porque na prática do dia dia as pessoas não estão na preocupação moralistas, nenhuma delas tem, mas elas tem preocupação do discurso moralista, e como elas são representadas e elas tem um representante, elas querem que os representantes sejam melhores que elas. Então isso gera toda uma frustração que elas não tem com elas mesmas, então, é bonito ser esperto, é bonito não estudar, é bonito ser malandro, mas com o representado não, ele tem que ser perfeito, ele tem que ser melhor e etc Tem uma visão ai complicada de sociologia política, que as pessoas veem os

políticos como uma elite capacitada e que não é povo, não existe isso, não é que é povo, isso dos dois lados né? Isso motiva as pessoas a irem as ruas, no 13 de março,, mas isso também motiva as pessoas a acharem que o Lula seja salvador da pátria, porque elas não acham correto, provavelmente tudo que ele fez, e se tudo que ele fez for provado, os fatos delas se oporem ao Lula elas vão perdoar ele, e de novo político não é povo, políticos tem umas autorizações especiais para fazer, nesse caso, umas coisas, em outro o politico tem que estar sob uma moral que é muito difusa, que não está escrita em lugar nenhum, que não tem nada ver com a lei e tal. Então, as pessoas estavam ansiosas ali, isso, a operação lava jato demonstrou, as pessoas estavam ansiosas para que houvesse um grande movimento de ruptura com a corrupção, uma co0isa que elas não viram no mensalão, então elas resolveram que dali não passava, tinha muito sentimento que dali não passava sabe? As respostas para isso são varias, tem o pato da FIESP, tem os revoltados online, tem o MBL, e pouco político, pouco político dando a resposta, essa é uma crítica que eu faço do ponto de vista político, a tudo que aconteceu. Pouco político na condução política desse processo, isso eu senti falta, porque você está canalizando uma vontade difusa, que no fim do dia vai influenciar pessoas que existem, que vão votar pra Dilma, as pessoas não sabem em quem elas estão votando também, apesar de existir uma causa muito grande, e muito bem escrita por sinal, realmente Dilma cometeu crime de responsabilidade, isso existiu, agora o que frustra muito as pessoas mais criticas, e eu considero uma pessoa critica, é que o processo todo não foi consciente. Acho que pra mim foi, ai me colocando aqui, pra mim foi diferente pela experiência que eu tive em particular com esse caso, não por uma causa especial, porque eu estudei em algum lugar, ou porque eu tenho alguma facilidade em minha vida e talz, eu acho que tem muito haver com está envolvido, acho que quem se envolveu tem uma percepção muito interessante sabe? Eu converso muito com pessoas que estavam liderando e estão liderando o Fora Temer e essas coisas todas, e é gente que tem muita empatia, gente que consegue ter uma conversa muito civilizada, porque todos esses fatos para gente foram fatos da nossa vida. Eu lembro do dia em que o Moro soltou o áudio do Tchau Querida, e eu fui para rua imediatamente, e aquilo ali não teve convocação de ninguém, não teve nada, a gente não sabia que teria manifestação, e do nada você tinha uma manifestação espontânea, sem ninguém liderando mesmo, uma loucura totalmente diferente do 13 de março, na 13 de março eu lembro de uma repórter da Época me ligando e me perguntando se estava acontecendo violência, “a gente viu gente se batendo e talz” é uma coisa que fugiu totalmente daquele perfilzão camisa verde e amarela e foto com policial e foi um dia que foi muito importante a manifestação que aconteceu. Eu lembro que eu fui para rua e as pessoas estavam mais agressivas e aquilo foi, tinha menos gente né? Foi um negócio mais radical, quem foi e quem se indignou etc tem uma história diferente para contar do que quem viu pela TV, e que quem acha que o PT é muito ruim, porque o PT existe, o PT existe porque é muito ruim, é cuba e esse negócio. As pessoas tem argumentos muito distantes da prática política, que pode até ser verdade, mas são distantes. Quando você está na prática politica você não argumenta desse jeito. Então, isso me moldou, então não consigo olhar pra trás agora e não me ver interpretando esse fenômeno separado daquilo que o fenômeno me ensinou sobre como interpretar um fenômeno dessa grandeza. Então, foi isso, cansei muito, cansa muito tudo isso, eu me

dediquei muito menos a minha faculdade, deixei muito mais meu trabalho, eu tinha, eu tinha que ser um super herói ali, eu tinha que ser um Batman, não no sentido moralista declarado, mas alguém que se desdobra pra uma figura de mobilizador e etc. Foi muito interessante, foi muito bom. Pra Dilma acho que não foi tão bom. Mas foi bom, para o Brasil eu não sei se foi bom, mas acho que foi necessário

PQ: Por quê?

Por que foi necessário? Porque as pessoas precisavam daquele momento de catarse, foi um momento de catarse, não existia antes a identificação, a pessoas que no almoço de domingo, no ambiente privado, que apoiava os militares, ela não tinha um lugar onde ela ia cantar o hino com gente fardada. Então, foi uma potencialização democrática. Perigosa, como toda potencialização democrática é perigosa, perigoso para direita, perigoso para esquerda, existiu ali que significou para as pessoas, foi de forma muito diferente para cada um, para mim foi um chamado vocacional sabe? Quando você esta ali falando para algumas milhares de pessoas você não está nem acostumado falar com meia dúzia, você sente que você está acima de suas capacidades, e esse confronto do individuo com o desafio que é colocar, ela materialidade da historia, na frente dele, por menor que seja a contribuição dele, é uma experiência de regulação, é um, eu gosto muito de Star Wars sabe? Um pouco tosco, mas tem umas lições assim muito boas, o herói é o fazendeiro que inesperadamente entra na história sabe? Eu acho que isso existiu no impeachment, a dureza é que o Brasil é isso mesmo, a frustração para quem quer uma coisa melhor, para quem é utópico, é que é isso aí mesmo, as liderança são essas, o Alexandre Frota vai estar na sua reunião com a Polícia Militar, e as pessoas vão achar que o melhor carro de som é aquele que tem mais potência de som, porque mostra que é um movimento maior, teve essa discussão inclusive, uns aspectos bizarros nessa história toda. Mas tinha muita gente honesta, muita gente com vontade de mudar etc. Poucos políticos, não entenderam o que aconteceu, tanto que pra mim, quem capturou melhor o sentimento do que aconteceu, foi uma pessoa que não estava na política e se elegeu prefeito de São Paulo, entendeu o que as pessoas queriam ouvir, o que queria ouvir como subproduto, porque o produto ali era o impeachment, tinha uma causa, existia uma coisa que unificava todo mundo ali, ninguém queria mais a Dilma como presidente, e coisas horríveis foram feitas para isso, realmente houve misoginia, realmente tinha gente que queria tirar a Dilma porque ela não era uma modelo, isso existe, mas isso é o Brasil, essas pessoas existem. Não é o PSDB que é assim, as pessoas são assim.

PQ: Você traz uma experiência autoquestionada disso, mas, por exemplo, o movimento que levou as pessoas ao 13 de março tinha um discurso muito heterogêneo certo? Mas tinham alguns que marcaram, como era para vocês esses discursos, "vamos salvar o país da corrupção", foi uma pauta que o 13 de março, que levantou Sérgio Moro como uma pessoa importante, a pauta da corrupção estava presente ali, como era isso para você? Diante de algo que estava pedindo o impeachment de Dilma, que era por responsabilidade fiscal, como foi viver isso?

Como foi explicar isso? Como foi fazer a conexão disso? Para você? E para as pessoas que estavam ali?.

P: Então, eu acho que o que motiva as pessoas, não é o que motiva os juízes, não é. O que motiva um juiz, é uma explicação assim, e eu agoraa acho que nem isso motiva o juiz, e estou tão descrente de uma argumentação racional, para e que não seja feita para fins racionais, que política não envolve somente racionalidade, que eu vou dizer que nem juízes pensam assim, ainda mais no Brasil, mas eu digo o seguinte, para fazer aqui um esforço de analogia e explicação: o que motiva um juiz é teoricamente a relação entre a lei, os fatos de forma subjuntiva muito clara e provavelmente lógica com provas né? O que motiva o povo a ir pra uma rua em um domingo a tarde? Assim, não é argumentação racional, porque você não está convencendo uma pessoa, ou um colegiado, ou uma instituição, ou um grupo, você está convencendo vários grupos de varias pessoas a fazerem coisas diferentes. Eu como eu disse, particularmente, lamento a falta de presença dos políticos ali nas manifestações, achei envergonhada, achei acanhada, achei pouco criativa, achei medrosa. As pessoas que estavam ali querendo ouvir, muito provavelmente não queriam os políticos, o lugar de político é passando vergonha, ali era o lugar de cantar o hino nacional, isso eu percebi no 13 de março, as pessoas, você puxava qualquer assunto, que não fosse combate a corrupção, que fosse política macro econômica, que tivesse haver com reponsabilidade fiscal, tentar explicar para as pessoas o que tem haver uma coisa com a outra, eu tentei fazer isso, levei professores para falar sobre isso, eu fiz isso, eu levei um professor de economia para falar sobre isso, as pessoas ficavam revoltadas se passasse 15 minutos sem tocar o hino nacional e sem falar do Sérgio Moro. Então, existia uma demanda muito agressiva, revoltadas as pessoas estavam revoltadas mesmo, elas queria subir no carro de som, porque pra elas era o bem contra o mal, só que o bem eterno, o bem sem cara, o bem uma mistura de mister Cunha com judiciário, A maldade do Cunha, como se o Cunha fosse um mal necessário, mas que iria resolver e passar o país a limpo, e então tudo vai ficar bem. Aí onde a gente precisa depositar nossas esperanças entendeu? Sendo que aí tinha um momento importante que elas tinham que perceber que elas estavam fazendo política, que é uma coisa que o judiciário e o Ministério público não tem que fazer. Então, foi frustrante pra mim, ver tanta potência sendo represada por uma instituição corporativa, burocrática que não representa as pessoas, não só porque não é votada, mas porque tem interesses muito próprios e não tem dever nenhum. A Dilma teve que se explicar, o Cunha teve que se explicar, o Aécio teve que se explicar, o Temer teve que se explicar, o Sérgio Moro não tem que se explicar nem para o Tribunal que revisa as revisões dele. É isso, as pessoas não estavam apostando nas melhores coisas. Então, a minha percepção é de que sim, o que motivou ali a ir pra rua foi principalmente os absurdos que eu percebia na gestão e os impactos disso na vida de todo mundo, principalmente as pessoas mais pobres, e o discurso que isso tudo era uma fraude, me deu raiva, e a raiva é um ótimo motor, era de que eu era antipovo, de que eu era insensível, que eu não tinha um projeto que eu não tinha nada a apresentar para o povo, por quê? Por quê eu era um reaça, por que eu era reaça? Por que eu pareço reaça, sendo que meus vizinhos provavelmente são pessoas descoladas, sendo que meus colegas se

acham pessoas descoladas, esse negócio da subjetivação, eu não sei, eu acho que eu sou descolado, só que elas não acham que eu seja entende por quê? Por que, e isso é um discurso né? A estética é uma política, você tem que parecer demais para ser alguma coisa na política sabe? você tem que parecer ser pobre, você não precisa ser pobre, inclusive as roupas que simulam as roupas de gente pobre, estereótipo de gente pobre, isso não existe, você vai na periferia as pessoas querem se vestir com marca, são roupas caríssimas, as pessoas fingem que são, pra fingir que elas teem uma elevação moral, para fingir que elas são portadora de uma voz oprimida, sendo que quando elas chegam em casa elas tem empregadas. Eu não chamo isso de hipocrisia, eu chamo isso de loucura, é loucura, desonestidade, só que as pessoas não percebem isso, o que que elas fazem? Elas viram para o próximo e falam: "você é o desonesto, você é o errado", eu cansei de ser xingado de tudo, isso em momento algum me ofendeu, isso não deixou de me estimular, isso me estimulou, me estimulou no sentido de ir pra cima, e de mostrar que aquilo ali que estava sendo mostrado na rua era uma vontade popular sim, estranha, momento nicho, não era nicho tirar Dilma Roussef, não era estimulante tirar o PT, sabe não era uma coisa assim estamos lutando contra a ditadura militar, não é um negócio estou elegendo Getúlio Vargas, as pessoas não vão olhar para história elegendo a Dilma como uma grande personagem, ela sabe disso, o Lula sabe disso. Mas enfim, eu achei que realmente podia existir ali um bum democrático, que eu não sei se existiu, é muito recente, tem respostas, existem respostas, o Bolsonaro é uma resposta o Ciro Gomes é uma resposta, porque o Ciro Gomes tem um discurso moralista, ele disse que não tem discurso moralista, mas ele fala "Eu não tenho um inquérito contra mim". Então as coisas mudaram, houve uma mudança, hoje elas olham para a Lava Jato de uma maneira que elas não olhavam antes, antes era o que? O que não vai dar em nada, que nunca dá nada no Brasil, Brasil tudo da em pizza, isso não vai dar em nada, vai ser igual o mensalão. "Pera aí prenderam o José Dirceu, foram na casa do Lula buscar ele para depor, pera ai, as coisas estão diferentes". As pessoas concederam a autoridade por falta de autoconfiança, no geral, as pessoas olham para a Lava Jato e pensam, tem alguém resolvendo as coisas. E os Políticos, a interpretação que é uma guerra de facções PT e PSDB, os Golpistas e os do Bem, é uma coisa que existe se é que pra 10 mil pessoas no Brasil, são as pessoas que estão em São Paulo, que estão nas universidades, que dão aula, que estudam essas coisas com muita vontade, mas de novo, poucos dados daquilo tudo, eu não digo que o que elas fazem e ignorante, só que ignora, essa experiência que eu tive foi muito pessoal sabe, e que outras pessoas tiveram, foi muito complexo, muito complexo, porque a periferia foi para a rua, não é possível lotar a Paulista com 3 milhões de pessoas ricas, São Paulo não tem três milhões de pessoas ricas, o Jardins não tem três milhões de pessoas, o que aconteceu ali foi um negócio muito difícil de entender.

PQ: Existe uma pesquisa da Datafolha que diz que as pessoas que estavam lá eram de uma classe social mais elevada, a maioria escolarizada, assim como uma pesquisa recente que diz que os apoiadores de Bolsonaro são maioria escolarizados, o que dessa experiência que você teve lá revela o democrático?

P: A democracia não é uma teoria, ela é uma experiência, quando a pessoa vira para você e fala "Bolsomito", ela está querendo negar varias coisas importantes na democracia, a representação dos direitos, a qualidade das ideias, mas tem direitos que são muito caros e que a democracia de certa forma preservaria. Então, esses discursos que margeiam a democracia, eu quero eleger um cara como Bolsonaro, um cara que fala que todos os ministros dele vai ser os militares, margeia, margeia muito a democracia, quando você vê esse discurso,, claro que você fala "meu deus do céu, o que está acontecendo?" Eu preciso falar rápido do Bolsonaro porque ele é um assunto muito irritante. As pessoas mais escolarizadas votariam nele, Por que? Existe classismo no Brasil, existe gente no Brasil, estudada, porque estudo aqui não tem nada haver com consciência, nem para os dois lados, estudo no Brasil quer dizer, você ter um diploma e conseguir um emprego, ponto. Então, assim, as pessoas mais ricas elas possuem um diploma. Existe classismo no Brasil, existe racismo no Brasil, para muitas pessoas a imagem da democracia é um jogo onde elas nunca perdem, sempre ganham, porque o que elas têm, não é privilégio é direito, então, é uma percepção muito complicada de muita gente ali achando o que é inclusão, o que é desigualdade, o que é identidade, "por que o PT destruiu o Brasil? Porque hoje em dia os Gays estão muito a vontade", existe essa opinião, uma opinião perigosa, ruim, que me incomoda muito. Era difícil você se colocar do mesmo lado que, é difícil você se ombrear com pessoas assim, difícil, por causa de uma pauta única, porque, porque querendo ou não, essa pauta única, ela fazia com que todos estivessem ali, só que isso contamina o debate né, é um risco que você corre, com essa mobilização.

PQ: Teoricamente, ou na prática, o que é democracia para você?

P: Democracia? Democracia é um nome de uma coisa que não tem nada haver com que a gente faz, mas a gente persiste em chamar de democracia. Por quê? Isso não é só no Brasil, é também em outros lugares, aqui o que você tem é uma cultura muito própria, um caldo político muito próprio, é um pântano que você tenta crescer uma árvore sabe? As tentações autoritárias, que seria, o que não é democracia, elas definem a democracia no Brasil, ela é quase que assim uma resistência que aconteceu nos períodos históricos, e que hoje assim o discurso que é usado da democracia ele é um discurso que é usado para dizer o que o PT falou, eu acho que não, eu acho que o PT é um antidemocrata, tem tendências totalizantes, populista e de domínios das mentalidades, tudo isso que se enquadra no autoritarismo, não está no nível de sermos paranoicos e dizermos "olha é Venezuela, olha não é". Mas existe uma concessão desse tipo de regime.

PQ: Você acha que temos uma democracia?

P: No Brasil? Eu acho que o Brasil não existe assim, eu acho que tem muita coisas que as pessoas querem que passe pelo crivo popular, mas o popular é passar por quem? É passar por movimento social organizado? Que tem partido? Que tem dono? É passar por uma rebelião de massas que ninguém sabe o que querem dizer? Porque eu posso dizer muito bem para você que o que aconteceu no 13 de março foi uma explosão democrática, pessoas se expressando, só que aquilo ali não tinha condução, e uma

manifestação do PT que tem pouca gente hoje em dia, mas tem condução? Ela é mais democrática? Então a democracia ela é uma ideia, em risco na teoria e na prática, na teoria porque ela é difícil de ser definida, e na prática porque tem discursos que são claramente autoritários, e se colocam, a direita e a esquerda, democracia é uma ideia fora de moda. Mas impeachment não foi golpe.

PQ: Para as pessoas próximas de você, e para você, quais foram os impactos do impeachment?

P: Ah, muita gente perdeu amigo né? Não foi meu caso, eu fiz amigos, conheci gente, mas as pessoas se dividiram muito né? Eu consigo imaginar situações de pais e filhos brigando, porque tem conflito geracional, as pessoas estão muito desestimuladas, elas ligavam o jornal a noite esse era o assunto, elas iam para a escola esse era o assunto, nas ruas esse era o assunto, então, a polarização ela não aconteceu só na rua, ela também aconteceu nos ambientes mais íntimos, e teve casos assim que a gente sabe, pais e filhos brigando, tem casos assim, na minha própria família, que todo mundo tende a concordar bastante comigo, porque veem minha atuação, acham que eu estou mais consciente da situação, muito porque elas são pessoas mais razoáveis né? Mas você vê que não, é o caso de sempre sabe? tem amigos meus que falaram que não quiseram ir pra rua protestar e os pais falaram: "você não é patriótico". Então, eu posso relatar assim, que no meu meio social, houve muito conflito, porque as pessoas queriam muito se distinguir, "eu sou a pessoa a favor da democracia", "você é o cara que quer os militares juntos, os militares de hoje são vocês", e eu nunca aceitei isso, pra eu não aceitar isso, para eu ter muita clareza do que eu estava fazendo, eu, de certa forma, não aceitava brigar, não pode, a politica substitui violência, política ela é violenta, mas ela substitui a violência, no sentido de ruptura e de desconversas de descompassos, ela é uma ordenação, uma sinfonia complexa, onde vários instrumentos tocam sua própria partitura e no fim se dá uma música, você não pega seu instrumento e bate na pessoa do seu lado que você não concorda sabe? Teve pessoa que fez isso,isso levou muitos conflitos e enfim. Teve impactos né? O próprio coxinha e petralha é uma aberração nos dois sentidos é uma aberração nos dois sentidos, apesar de dizer algumas coisas sobre, mas jamais você pode pegar uma pessoa a reduzir ela a qual dia ela foi na manifestação, qual cor de camiseta ela usou, nem para um lado nem para o outro.

PQ: No seu convívio, o que você acha que as pessoas esperam da política? O que elas esperavam logo após o impeachment e o que elas esperam agora?

P: Do impeachment pra frente elas esperavam que o novo governo tivesse medo do povo, e ele tem, eu acho que o Temer tem medo do povo, é por isso que ele tem pressa, é por isso que ele tem alianças politicas das piores possíveis. Veja e a única aliança que ele tem que é programática é critica e colaborativa e que desenvolve politica publica hoje no Brasil é o PSDB. O cartão de reforma do ministério da cidade, por exemplo, maravilhoso, Minha casa minha vida e um programa de edificação, é um programa que vira e fala para a pessoa, você precisa ter uma propriedade, o que o hoje se fez, virou e falou, as pessoas precisam é produzir a própria casa delas, no sentido de pertencimento,

é uma teoria completamente coerente com o sentimento de pertencimento a cidade, direito a cidade, é um cartão de reforma que foi criado durante o governo Temer. A política econômica ela está correta, a reforma da previdência ela é necessária, ela está sendo inclusive envergonhada, ela está sendo capturada não pelo sentimento difuso de que ninguém vai perder a aposentadoria, mas por sentimentos específicos de corporações que tem voz politica para dizer que querem manter privilégios, nós tivemos essa semana a invasão da câmara pelo pessoal do trabalho penitenciários? Existe uma dificuldade muito grande desse povo que estava lá na rua, bem disperso, que não sabe como uma manifestação funciona, que não tem muita noção, ser representado hoje nos planos desse governo, o cara tem 8% de aprovação, o mesmo que Dilma, provavelmente as mesmas pessoas que pediram o impeachment de Dilma não gostam do Temer, não pedem o impeachment dele, porque percebem que existe uma necessidade de chegar nas eleições de 2018, então assim 2018 significa para muita gente, e isso não é uma análise política é de sensação mesmo, que em 2018 vai ser o grande momento de desemboque mesmo das pessoas todas, acima de tudo, vai ser onde vai se deflagrar, onde as pessoas vão realizar e se contrapor ali, onde projetos vão ser colocados, em 2018 vai ser meio que a cura para essa rusga toda, acho que existe essa sensação, pra mim e para muita gente, a direita a esquerda.

PQ: E porque não esperar 2018 antes do impeachment por exemplo?

P: Porque a sensação alí era que não existia uma condução.

PQ: Hoje existe?

P: Hoje existe, o Temer falando, olha tenho reforma da previdência. O que que a Dilma falava? Qual que era o projeto?

PQ: Você acha que o povo está apoiando as reformas?

P: Acho que o povo não está sendo informado, o governo Temer tem uma dificuldade imensa de explicar para o povo que se não tiver Reforma da Previdência, elas não vão ter previdência. Só que ele também não faz isso, porque não tem o compromisso de só fazer uma reforma racional que realmente mude o status quo das coisa, porque tem muito privilégio envolvido ai, mas ele mantém muitos privilégios, ele faz muitas concessões, ele é um cara das concessões, ele é um cara que estava com Dilma até ontem, o Temer não tem autoridade da história para falar contra o governo dela, quem presta isso à ele é o PSDB, porque ele apoiou absolutamente tudo que foi feito, ele não tem confiança, ninguém pode confiar em um cara desses. É o que eu falei, eu votei no Aloisio Nunes como vice presidente, eu não elegi o Temer, só que eu também não sou irresponsável de dizer fora todos, isso é ser antidemocrático, infelizmente a gente tem que cumprir a regra do jogo então o vice presidente assume, então assim, você fala, “são populares? Não”, elas são antipopulares também não, elas são mal informadas e pouco comprometidas.

PQ: Como você acha que foi o impacto da democracia para o nosso país?

P: Não sei, não dá para avaliar por enquanto, não houve ruptura institucional, mas isso pode desembocar em coisas boas e ruins, pode desembocar em uma reeleição de Lula que ele passe uma, que ele passe a governar com um jeito populista, o que vai ser péssimo para a democracia brasileira. Isso pode desembocar em uma tentativa que, por exemplo, eventualmente o Lula ganhe os militares não queiram que ele assuma, eventualmente esse processo pode desembocar coisas muito ruins para a democracia, ele em si, até agora, não significa uma ruptura, por que tinha causa jurídica para o pedido de impeachment, e tinha sensação política o suficiente para que ele acontecesse, e o congresso nesse sentido foi uma esponja, ele foi mergulhado na água e absorveu ali o que tinha na opnião publica.

PQ: Você acha que o impeachment foi tocado pela opinião pública?

P: É um processo do dialogo né, entre a opinião pública e classes que tem voz, mas é sempre assim, sempre é assim, o PT não governou o pais por 13 anos porque é um partido bonito e revolucionário, sempre é assim. Nesse sentido muda muita coisa.

PQ: O processo de impeachment sendo ele político, envolvendo portanto, um jogo de interesses como você acha que, naquele momento e para hoje, qual foi o peso desses interesses?

P: Para as pessoas que estavam nas ruas os interesses eram os delas, elas eram insensíveis de que a politica é movida por outra coisa se não o grito do povo, por isso elas foram as ruas, elas nunca tiveram na rua, a partir de então elas disseram, agora esses vão nos ouvir na marra, esse na marra, é um na marra assim, dentro e fora da lei.

PQ: E você acha que o povo foi ouvido?

P: Foi, só que o povo, de novo, é um dialogo, a classe politica ela existe, olha a classe politica ela existe, olha, veja, o impeachment passou na câmara, e a câmara depois de 2014 era 80% governista, a oposição foi massacrada em 2014, apesar de o congresso ter sido eleito conservador, o PP o PL etc era da base do governo, então assim, não existem interesses que mantinham o governo Dilma que mantem o governo Temer, existem pessoas que tem um outro interesse, sempre um outro interesse, e que parasitam, e elas fazem querer se valer com Dilma, sem Dilma, com Temer sem Temer. E o povo não escuta isso, porque essas pessoas colocam cara de pais de família de evangélicos de pessoa boa etc. o que no interior pega muito, que no nordeste pega muito, e elege muito deputado isso, então as pessoas se elegem com uma, pela estética, mas representam interesses históricos, nenhum partido está fora disso sabe, ileso, mas existem partidos mais fortes que resistem melhor a isso, eu diria que o PT e PSDB tem essa capacidade, de alguma forma, travar uma conversa pública um pouco melhor, de mais qualidade mais direta até, do que qualquer outro partido, o PT principalmente. Mas, não conseguiu, por isso perderam o rumo. Por que estava ouvindo o que? Estava ouvindo os próprios interesses, o interesse de acabar com a Lava Jato, o interesse de se manter no poder até 2018,.

PQ: E você acha que é de interesse só do PT acabar com a Lava Jato?

P: Não, a Lava Jato se transformou em uma coisa própria, tomou vida própria,, os reacionários eles odeiam os políticos, e a Lava Jato é um movimento político aplaudido por reacionários, Então, é contra todos, a diferença do PSTU e do Partido da Lava Jato, é que é vermelho e o outro é azul, é um radicalismo da mesma irresponsabilidade, é a mesma desconsideração do estado democrático de direito. Por que a Lava Jato em si, ela não é ruim, mas as formas que elas usam, são complicadas, ela não são previstas legalmente, as prisões preventivas depois das pessoas serem condenadas sabe? É eu não aplaudi porque o Dirceu saiu da Cadeia, porque é o Dirceu porque ele é guerreiro do povo brasileiro, eu achei bom que o STF não ter se acovardado, frente a uma pressão de um juiz de primeira instância, para manter preso um cara que não tinha que estar preso. Então, como um defensor de um estado democrático de direito eu não posso defender a Lava Jato, A medida que eu não podia aplaudir o que o PT fazia. Mas isso é uma posição muito particular.

PQ: Porque você fala que é muito particular?

P:Ah, porque ela não é uma posição que está dentro do bipolarismo né? Ela não é uma posição que está, eu não estou dizendo que eu sou uma pessoa imparcial, neutra, muito pelo contrário, Ingênua ou ponderada, alguém que está querendo uma síntese, eu não estou querendo nada disso. Mas, não é uma posição que você coloca, com facilidade na taxonomia geral da política brasileira hoje em dia. Que é a taxonomia deles contra nós, eles políticos e nós o povo, meu, o povo é muita gente e eles são muito diferentes. Eu sou obrigado a não estar em nenhum dos dois polos, porque eu percebo as coisas entendeu? Porque eu tenho balizas, o respeito a lei é uma baliza para mim, a vontade popular também é outra baliza, eu tenho que balizar essa situação, eu tenho que balizar esses valores em cada um desses fatos, e lidar com esses valores em cada um desses fatos. Eu não posso olhar um fato desses isolados e ver como eu me posiciono, “deixa eu ver a cartilha”, se for pra escrever uma cartilha eu vou escrever para os outros, eu sou obrigado a ter uma posição sensata, por responsabilidade por cidadania, por rigidez psicológica, é bom você se sentir uma ´pessoa responsável né?

PQ: A sua Família discutir muito política?

P: Minha família reage muito a política, discutir politica e uma coisa que as pessoas não fazem, elas reagem muito. “Ah você viu que o áudio do não sei o que”, “você viu hoje que fulano foi preso que não sei o que”, é uma reprodução automática das noticias aderindo as versões que representa bem uma boa parte da população brasileira. Que é a seguinte eu me informo aquilo pra mim significa um fato, e todo fato deve ser passado a diante. Então, assim, vão soltar Dirceu, Dirceu é uma pessoa ruim? É uma pessoa ruim, Pow, então não deveria ter soltado né? É assim, esse é o crivo né? que é na minha família que me acha muito estranho com as posições que eu tenho, porque as pessoas não estão interessadas em política, elas não tem tempo para política, elas precisam entender a política de uma forma digerida, as enzimas precisam funcionar muito bem se não a pessoa regurgita, ela devolve, “a não eu não quero política”. Na minha casa se

discutir muito os fatos, olha hoje fulano, fica muito apegado ao noticiário o que permite que o interesse continue vivo, mas as pessoas eventualmente por não encontrar uma coerência na narrativa elas podem regurgitar "ae eu num quero saber disso". Existe um sentimento generalizado, eu posso dizer, eu acho que é múlti classe, o desinteresse pela política e interesses pontuais, então assim, eu tenho facebook sabe? eu faço como eu quiser, eu pego aqui e me manifesto e se eu quiser, ir pra rua a cada três anos eu vou lá e votar claro, de dois em dois anos e vota nulo também. Se fosse pra eu pegar assim a pasta das pessoas desorganizadas, elas pensariam assim, e por isso que a gente tem um cenário tão diluído em 2018, como que votam essas pessoas? Para fazer uma pergunta que o Cunha fazia né? Como vota? Porque que as pessoas votam? Essas pessoas podem votar no Lula e Bolsonaro, pra elas não é tanto faz, mas elas estão desinteressadas, quanto o absurdo que é elas terem que escolher de um extremo ao outro. É um pouco o caso da minha família, mas é menos por causa da minha presença lá, e menos porque existe uma reflexão lá, existem os debates nos almoços de domingos sabe? Não porque minha mãe já votou no Lula algumas vezes né? O Lula foi eleito né? igual o Fernando Henrique com muito voto, os dois são presidentes populares, a Dilma foi outra situação, não é que ela não foi votada, ela foi votada.

PQ: No seu grupo de amigos e para você como que chegou a votação da câmara e a votação do senado?

P: Todo mundo debochou da votação da câmara, eu achei maravilhosa porque aquilo ali e muito autentico, aquilo ali é o que as pessoas não veem, não e que no dia pra noite aquelas pessoas safadas resolveram tirar uma mulher honesta, aquelas pessoas safadas falam de safadeza com a mulher honesta, aquelas pessoas que votaram contra ela, elas são aquela pessoas ali 24 horas por dia, sete dias por semana, na base eleitoral delas em Brasília é assim.

PQ: Você acha que eles representam o povo?

P: Representam

PQ: Representam os que pediram o impeachment?

P: E os que não pediram também. Na mesma proporção quase. A câmara dos deputados ela é quase que uma reverberação perfeita da vontade popular. Eu acho isso impressionante, eu sou parlamentarista né? por mais trágico que isso seja, temos que melhorar, temos que potencializar, mas não se potencializa escondendo, achando ruim, você potencializa assumindo essa e a nossa câmara, é assim mesmo, paciência. O Senado é um ambiente muito qualificado né? Muito qualificado, mas com egos dos tamanhos das brigas que eles arranjaram.

PQ: Você assistiu os discursos de defesa e acusação? Qual sua sensação?

P:Todos, intermináveis, todos. A sensação é que o José Eduardo Cardoso é um cara muito obstinado, um cara de uma fibra e de uma crença, eu já confrontei ele em um evento da UNE, e ele realmente é um crente, ele é um crente e ele é um advogado

competente ele é um... A Janaína Pascoal idem, ali eram duas pessoas com muita crença, com muita vontade e provavelmente advogados muito melhores que as pessoas que eles representaram.

PQ: Talvez eu te faça a pergunta mais difícil da sua vida agora. Se fosse para você resumir todo esse processo em uma palavra qual seria?

P: Ai uma palavra, porque tem que ser uma palavra? Dificil em, vou ter que pensar porque tem que ser uma palavra muito boa, pensar em uma palavra a altura da síntese, não pode ser impeachment ou golpe, não pode ser uma palavra. Não é impasse, porque teve uma resolução assim, foi uma pra mim o que que foi isso tudo? Nossa eu não sei. Porque uma palavra é muito cruel né? É muito crueldade uma palavra, porque tem todas essas questões né? Deixa eu pensar em uma palavra, vou pensar, eu vou te dar essa palavra. Não pode ser uma frase? Samba do Criolo doido. Sabe? foi massa.

9. APÊNDICE.

APENDICE 1. Perguntas Norteadores

PERGUNTAS NORTEADORAS

Pesquisa:“Sentidos e significados a experiência subjetiva em torno do processo de impeachment de Dilma Rousseff: um recorte da exclusão social na cidade de São Paulo”

Projeto de pesquisa, individual, que investigará os sentidos e significados atribuídos a populações com diferentes níveis de exclusão social da cidade de São Paulo, em torno do processo de impeachment da presidente da república Dilma Rousseff.

Orientador: Professor Doutor Leandro Feitosa Andrade
Discente: Gian Tristão de Andrade.

Data:

Perguntas norteadoras da Discussão – Grupo Focal

13. Na opinião de vocês, o que é democracia para a maioria das pessoas e qual a importância que elas dão para a política?

14. E o que é democracia para vocês e qual a importância que vocês dão para a política?

15. O que vocês acham que foi o processo de impeachment de Dilma Roussef para a maioria das pessoas?

16. E para vocês, O que foi o processo de impeachment?

17. Qual foi o impacto do processo de impeachment para a vida das pessoas em geral?

18. E qual foi o impacto para você e para as pessoas mais próximas?

19. Que mudanças positivas e negativas o processo de impeachment trouxe para as pessoas sobre a política no Brasil?

20. E para vocês? Qual o sentimento mais forte que despertou em vocês quando o processo estava correndo?

21. O que vocês acham que as pessoas esperam da política daqui para a frente depois do processo de impeachment?

22. E para vocês, o que vocês esperam da política depois do processo de impeachment?

23. O que eu não perguntei que vocês gostariam de falar sobre o impeachment e sobre a participação nesta pesquisa?